

1º CICLO
ENSINO BÁSICO

ORGANIZAÇÃO CURRICULAR E PROGRAMAS

2ª E D I Ç Ã O



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Departamento da
Educação Básica

ENSINO BÁSICO
1.º CICLO

ORGANIZAÇÃO CURRICULAR
E
PROGRAMAS

2.ª Edição

Título: Organização Curricular e Programas
Ensino Básico — 1.º Ciclo

Autor: Departamento da Educação Básica

Capa e Design Gráfico: Manuela Lourenço

Execução Gráfica e Distribuição: Editorial do Ministério da Educação
Estrada de Mem Martins, 4
Apartado 113
2726-901 Mem Martins

2.ª Edição: Novembro de 1998

Tiragem: 5000 exemplares para oferta
2500 exemplares para venda

Depósito Legal: 127 792/98

ISBN: 972-742-110-5

SUMÁRIO

Σ NOTA INTRODUTÓRIA À 2. ^a EDIÇÃO	7
Σ INTRODUÇÃO	9
Σ ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DO ENSINO BÁSICO	13
1 — Objectivos Gerais do Ensino Básico	15
2 — Estrutura Curricular do Ensino Básico	21
3 — Princípios Orientadores da Acção Pedagógica do 1.º Ciclo	29
4 — Componentes dos Domínios Disciplinares	33
Σ PROGRAMAS DO 1.º CICLO	35
Σ Expressão e Educação: Físico-Motora, Musical, Dramática e Plástica	37
Expressão e Educação Físico-Motora	39
Expressão, Educação Musical	71
Expressão, Educação Dramática	81
Expressão, Educação Plástica	93
Σ Estudo do Meio	105
Σ Língua Portuguesa	139
Σ Matemática	167
Σ Desenvolvimento Pessoal e Social ou Educação Moral e Religiosa	
Católica	197
Σ Área-Escola	239
Σ Actividades de Comportamento Curricular	245
Σ Sugestões Bibliográficas	251

NOTA INTRODUTÓRIA À 2.ª EDIÇÃO

Tendo-se esgotado a primeira edição dos «Programas do 1.º Ciclo do Ensino Básico», em vigor, entendeu o DEB ser necessário proceder à sua reedição. Trata-se, tão só, de publicar novamente um material necessário à acção educativa e às necessidades pedagógicas das escolas do 1.º Ciclo do Ensino Básico, tendo em conta o papel do professor como gestor do currículo. Assim não se está na presença de novos programas nem de alterações aos conteúdos programáticos aprovados pelo Despacho n.º 139/ME/90 de 16 de Agosto publicado no D. R. n.º 202, II Série de 1 de Setembro.

Na reedição que agora se divulga procurou-se, apenas, salvaguardar a correcção de alguns aspectos que estavam omissos na 1.ª edição e garantir uma melhor articulação formal com os programas do 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico. Assim, acrescentaram-se textos que constavam dos demais programas do Ensino Básico («Introdução» e «Organização Curricular do Ensino Básico»), clarificaram-se alguns aspectos relativos aos princípios orientadores da acção pedagógica no 1.º Ciclo e especificaram-se os conteúdos da «Área-Escola» e das «Actividades de Complemento Curricular».

A opção de assim proceder é consistente com o processo de reflexão participada dos currículos iniciado em 1996 e que, após uma ampla participação de todas as escolas do Ensino Básico, irá brevemente, na sequência do despacho 4848/97, dar origem a um conjunto de medidas legislativas tendentes à revisão de alguns aspectos curriculares e à flexibilização da gestão dos currículos nas escolas e agrupamentos de escolas. Efectivamente não se tem em vista a substituição dos programas em vigor no 1.º Ciclo, dos quais, se envia às escolas a reedição. Antes se perspectiva uma definição precisa dos perfis de

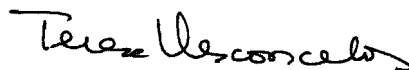
competências que os alunos deverão atingir em cada ciclo de escolaridade e, conseqüentemente, a clarificação de quais são os núcleos essenciais das aprendizagens a alcançar no 1.º, 2.º e 3.º Ciclos bem como as áreas de maior flexibilização na gestão dos currículos e que poderão incorporar componentes regionais ou locais.

Nesta perspectiva de gestão flexível dos currículos, assente numa maior autonomia e responsabilização dos professores e das escolas, considera-se fundamental a existência de um programa que constitua um adequado quadro de referência para os professores.

É com confiança na capacidade dos docentes empreenderem uma acção pedagógica em prol do sucesso educativo de todas as crianças e da melhoria da qualidade do ensino básico que se procede à reedição deste documento indispensável ao trabalho de cada professor. Esperamos que ele possa constituir-se em proposta de reflexão, dinamização e renovação para as escolas no sentido de nos capacitarmos de que todo e qualquer aluno, enquanto cidadão, tem direito a uma educação básica de qualidade, «passaporte para a vida» (Delors) e factor de acesso à participação democrática plena.

Lisboa, 2 de Março de 1998.

A Directora

A handwritten signature in black ink, reading 'Teresa Vasconcelos'.

Teresa Vasconcelos

INTRODUÇÃO

A Reforma Curricular situa-se como componente fundamental da Reforma do Sistema Educativo, concitando naturais expectativas por parte, não só de quantos se encontram envolvidos no processo educacional, como também de muitos outros e mais vastos sectores da sociedade portuguesa. Efectivamente, estão em causa as opções educacionais que mais directamente se hão-de projectar na formação das gerações futuras, pelo que se espera ver nela contemplados os interesses e as necessidades de uma sociedade empenhada na mudança.

A importância que, deste modo, assume a tomada de decisões no domínio da reforma curricular justifica o demorado processo da sua concepção e do seu desenvolvimento. Como é do conhecimento geral, a Lei de Bases do Sistema Educativo fixou um quadro preciso de parâmetros, ao definir as grandes metas educacionais e as orientações básicas que deverão informar a estrutura e a organização escolares, competindo às instituições governamentais a subsequente concretização de tais princípios. Para dar resposta a essa exigência, constituiu-se, em 1986, no âmbito da Comissão de Reforma do Sistema Educativo, um grupo de trabalho, coordenado pelo Prof. Doutor Fraústo da Silva, ao qual foi cometida a tarefa de elaborar uma proposta de reorganização dos planos curriculares dos ensinos básicos e secundário. Iniciava-se assim um intenso trabalho de pesquisa, reflexão e delineamento de projectos, participado por numerosos intervenientes e largamente debatido na comunidade educacional, que veio a culminar na definição de opções consignada no Decreto-Lei n.º 286/89 e noutros diplomas normativos referentes à organização estrutural e pedagógica do currículo e, por último, na publicação dos programas escolares.

O modelo curricular configurado no conjunto destes textos, apesar da variedade de componentes que o integram e não obstante a grande diversidade de contributos que confluíram na sua elaboração, mantém uma coerência interna fundamental. Para isso contribuiu o facto de todo o seu processo de desenvolvimento se ter radicado numa mesma matriz, aquela que lhe foi assinalada, para além da Lei de Bases, pelo projecto do Grupo de Trabalho, sendo de registar que as revisões e os ajustamentos, certamente importantes, a que esse mesmo projecto veio a ser sujeito, em virtude de críticas, sugestões e pareceres dimanados de diversas instâncias, nomeadamente do Conselho Nacional de Educação, não foram de molde a afectar as suas directrizes dominantes.

A projecção dessas directrizes foi particularmente relevante no que respeita à elaboração dos programas dos ensinos básico e secundário. Com efeito, coube ao G. T. a escolha, depois superiormente homologada, das equipas encarregadas de produzir as propostas programáticas específicas para as diferentes áreas disciplinares, bem como assegurar o acompanhamento e coordenação dos respectivos trabalhos enquanto durou o seu mandato, função que seria posteriormente exercida pela Direcção-Geral dos Ensinos Básico e Secundário.

As equipas iniciaram, portanto, a concepção dos referidos planos de estudo com base nas linhas de orientação propostas no relatório do G. T., já então do conhecimento público. Tiveram em conta, nomeadamente, as passagens do relatório em que se clarificam ou explanam muitas das disposições exaradas nos diplomas legais, como seja a reinterpretação mais operativa dos objectivos enunciados na Lei de Bases e a justificação das opções fundamentais sobre a estrutura curricular que viriam a constar no Decreto-Lei n.º 286/89. Puderam ainda ter acesso a um conjunto apreciável de estudos e pareceres recolhidos junto de personalidades e instituições ligadas à acção educativa, alguns deles centrados sobre perspectivas globais da filosofia de ensino e da teoria psicopedagógica da aprendizagem ou sobre a definição de metas educacionais — como é o caso de documentos respeitantes ao perfil desejável do aluno no final dos ensinos básico e secundário — e incidindo outros sobre finalidades e conteúdos específicos que se desejariam ver contemplados nas diferentes áreas disciplinares. Esta auscultação das expectativas dos agentes sociais foi de grande utilidade aos autores dos programas para o posicionamento e resolução das alternativas curriculares possíveis, não só na fase inicial, como noutros momentos cruciais do seu trabalho.

Todo este vasto conjunto de orientações e pistas funcionou como um contexto integrador, apontando denominadores comuns e ajudando a situar em

consonância as diferentes equipas. Mas a harmonização global dos programas escolares dependeu ainda, de forma decisiva, das directivas recebidas pelos autores quanto à sua estrutura e articulação. Relativamente à primeira, foi adoptado um esquema básico de desenvolvimento curricular que todas as equipas deveriam respeitar, embora sem excessiva rigidez, de modo a garantir a relativa homogeneidade formal dos textos programáticos, indiciadora, aliás, da fidelidade ao mesmo corpo de intenções pedagógicas. Por sua vez, a articulação entre as diversas parcelas do currículo foi tida como indispensável, quer no sentido vertical, quer no horizontal. Enquanto a articulação vertical se achou naturalmente viabilizada pelo facto de caber a cada equipa a elaboração de todos os programas dos ensinos básico e secundário referentes a uma mesma disciplina ou área disciplinar, para a articulação horizontal houve que recorrer a vários mecanismos de consulta e concertação entre as equipas.

Pelo exposto, é justificável afirmar que uma das características inovadoras que apresenta a nova programação escolar é a preocupação de unidade e congruência. Será por isso desejável apreender o sentido dessa programação na totalidade, tendo em atenção os pressupostos em que assenta e o modo como se desdobram e articulam as suas componentes, razão pela qual se entendeu publicar conjuntamente os programas respeitantes a cada ciclo de escolaridade, precedidos do quadro geral de intenções educativas que os integram. No entanto, para uma correcta perspectiva da articulação vertical do currículo, importará confrontar os programas dos diferentes ciclos.

Mas o aspecto mais inovador dos programas situa-se no projecto pedagógico global que lhes está subjacente e que se encontra adiante explanado. Balizado pelos objectivos gerais assinalados aos ensinos básico e secundário, que convergem em três dimensões educativas essenciais — a formação pessoal nas suas vertentes individual e social, a aquisição de saberes/capacidades fundamentais e a habilitação para o exercício da cidadania responsável —, o projecto contempla uma pedagogia de desenvolvimento integrado, em que a promoção de atitudes e valores assume papel nuclear e em que o domínio de aptidões e capacidades sobreleva e, simultaneamente, condiciona a aquisição de conhecimentos.

Deste modo, também se pretendem ver reformuladas a relação pedagógica e a metodologia do processo de ensino-aprendizagem relativamente aos padrões tradicionais. Se o apelo à participação do aluno na construção e avaliação das suas aprendizagens, ao incentivo da sua autonomia como sujeito intelectual e moral ou à dinamização das actividades criativas dos indivíduos e dos grupos não constituem propostas inovadoras face a práticas já correntes em muitas escolas,

o mesmo se não pode dizer da explicitação programática destes princípios. Crê-se, de resto, que essa explicitação poderá concorrer para transformar, de forma mais sistemática e generalizada, o espaço das relações educativas.

Procurando corresponder aos propósitos enunciados, tiveram os programas que revestir nova estrutura organizativa, apresentando-se, não como um corpo mais ou menos estruturado de matérias a assimilar, mas como instrumentos reguladores do processo de ensino-aprendizagem. Todos eles têm por eixo um determinado núcleo de objectivos que visam a progressão do aluno, adequando-se ao estágio de desenvolvimento intelectual e afectivo em que ele se encontra na etapa de escolaridade considerada. A selecção dos conteúdos e das metodologias é função desses mesmos objectivos, ou seja, é a que se julga melhor poder servir as metas fixadas.

Outro aspecto importa ainda realçar. Os programas são documentos prescritivos que intencionalmente se fixaram num nível de grande generalidade, na convicção, por um lado, de que é forçoso deixar em aberto um vasto campo de possibilidades alternativas de desenvolvimento curricular, a eleger de acordo com as condições concretas do terreno pedagógico e, por outro, de que ninguém melhor do que os próprios agentes do processo educativo estará apto a tomar tais decisões. As áreas de flexibilidade que se desenham dentro do contexto normativo geral poderão, assim, dar lugar a experiências de aprendizagem que vão ao encontro das motivações de alunos e professores e permitirão, sobretudo, ressaltar especificidades, sejam elas as da região, do meio local ou da escola.

Todavia, a abertura que se pretende salvaguardar no currículo não contradiz a necessidade de complementar os programas base com instrumentos que orientem de forma mais precisa o processo de ensino-aprendizagem. Concebidos como auxiliares do desenvolvimento instrucional do currículo, esses instrumentos constarão de publicações separadas relativas a cada disciplina.

Por último, sublinhe-se que os programas agora publicados constituem, eles próprios, projectos em aberto. Objecto de sucessivas revisões, reformulados na estrutura e nos conteúdos a partir da avaliação dos resultados da primeira fase da sua aplicação experimental, prevê-se que continuem a recolher, nos próximos anos, novos contributos provenientes do prolongamento da experiência e do debate público. Representam, pois, um desafio à participação crítica e criativa de todos os intervenientes na acção educativa.

Julho de 1991

ORGANIZAÇÃO CURRICULAR DO ENSINO BÁSICO

1 — OBJECTIVOS GERAIS DO ENSINO BÁSICO

A Lei de Bases do Sistema Educativo determina o carácter universal, obrigatório e gratuito do ensino básico, assinalando, no seu artigo 7.º, que lhe cumpre «assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses».

O ensino básico consubstancia-se, de facto, no quadro de uma formação universal, porque abrangente de todos os indivíduos, alargada, por se ter estendido a nove anos de escolaridade, e homogénea, na medida em que não estabelece vias diferenciadas nem opções prematuras, susceptíveis de criar discriminações. Como tal, o ensino básico constitui-se como a etapa da escolaridade em que se concretiza de forma mais ampla o princípio democrático que informa todo o sistema educativo e contribui por sua vez, decisivamente, para aprofundar a democratização da sociedade, numa perspectiva de desenvolvimento e de progresso, quer promovendo a realização individual de todos os cidadãos, em harmonia com os valores da solidariedade social, quer preparando-os para uma intervenção útil e responsável na comunidade.

A Lei de Bases define o conjunto de objectivos gerais que deverão ser prosseguidos na escolaridade básica para ir ao encontro destas grandes finalidades. No sentido de fornecer uma base de trabalho mais operativa em termos de desenvolvimento curricular, entendeu, porém, o grupo de trabalho integrado na Comissão da Reforma do Sistema Educativo, a cuja actuação se fez anteriormente referência, propor uma reordenação e interpretação das metas consignadas na Lei de Bases. Esta reordenação, mantendo embora integral fidelidade ao que vem disposto no diploma legal, configura de modo mais preciso os objectivos, sistematizando-os e discriminando-os. Por esta razão e porque tal proposta constituiu efectivamente o fundamento imediato e o ponto de par-

tida do projecto curricular desenvolvido, é sob essa forma que os objectivos do ensino básico serão seguidamente enunciados.

São objectivos do ensino básico explícitos nos artigos 7.º e 8.º da Lei n.º 46/86 — Lei de Bases do Sistema Educativo:

- a) Assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses que lhes garanta a descoberta e o desenvolvimento dos seus interesses e aptidões, capacidade de raciocínio, memória, espírito crítico, criatividade, sentido moral e sensibilidade estética, promovendo a realização individual em harmonia com os valores da solidariedade social;
- b) Assegurar que nesta formação sejam equilibradamente inter-relacionados o saber e o saber fazer, a teoria e a prática, a cultura escolar e a cultura do quotidiano;
- c) Proporcionar o desenvolvimento físico e motor, valorizar actividades manuais e promover a educação artística, de modo a sensibilizar para as diversas formas de expressão estética, detectando e estimulando aptidões nesses domínios;
- d) Proporcionar a aprendizagem de uma primeira língua estrangeira e a iniciação de uma segunda;
- e) Proporcionar a aquisição dos conhecimentos basilares que permitam o prosseguimento de estudos ou a inserção do aluno em esquemas de formação profissional, bem como facilitar a aquisição e o desenvolvimento de métodos e instrumentos de trabalho pessoal e em grupo, valorizando a dimensão humana do trabalho;
- f) Fomentar a consciência nacional aberta à realidade concreta numa perspectiva de humanismo universalista, de solidariedade e de cooperação internacional;
- g) Desenvolver o conhecimento e o apreço pelos valores característicos da identidade, língua, história e cultura portuguesa;
- h) Proporcionar aos alunos experiências que favoreçam a sua maturidade cívica e sócio-afectiva, criando neles atitudes e hábitos positivos de relação e cooperação, quer no plano dos seus vínculos de família, quer no da intervenção consciente e responsável na realidade circundante;
- i) Proporcionar a aquisição de atitudes autónomas, visando a formação de cidadãos civicamente responsáveis e democraticamente intervenientes na vida comunitária;

- j) Assegurar às crianças com necessidades educativas específicas, devidas, designadamente, a deficiências físicas e mentais, condições adequadas ao seu desenvolvimento e pleno aproveitamento das suas capacidades;
- l) Fomentar o gosto por uma constante actualização de conhecimentos;
- m) Participar no processo de informação e orientação educacionais em colaboração com as famílias;
- n) Proporcionar, em liberdade de consciência, a aquisição de noções de educação cívica e moral;
- o) Criar condições de promoção do sucesso escolar e educativo a todos os alunos.

O ensino básico prossegue, portanto, três grandes objectivos gerais:

- Σ Criar as condições para o desenvolvimento global e harmonioso da personalidade, mediante a descoberta progressiva de interesses, aptidões e capacidades que proporcionem uma formação pessoal, na sua dupla dimensão individual e social.
- Σ Proporcionar a aquisição e domínio de saberes, instrumentos, capacidades, atitudes e valores indispensáveis a uma escolha esclarecida das vias escolares ou profissionais subsequentes.
- Σ Desenvolver valores, atitudes e práticas que contribuam para a formação de cidadãos conscientes e participativos numa sociedade democrática.

Cada um destes objectivos gerais pode ser desagregado em objectivos específicos.

Relativamente ao primeiro objectivo geral enunciado, que poderemos considerar como a *dimensão pessoal* da formação, indicam-se os seguintes:

- Σ Promover a criação de situações que favoreçam o conhecimento de si próprio e um relacionamento positivo com os outros no apreço pelos valores da justiça, da verdade e da solidariedade.
- Σ Favorecer o desenvolvimento progressivo de sentimentos de autoconfiança.
- Σ Proporcionar, em colaboração com os parceiros educativos, situações de ensino-aprendizagem, formais e não formais, que fomentem:
 - a expressão de interesses e aptidões em domínios diversificados;
 - a experimentação e auto-avaliação apoiada desses interesses e aptidões.

Σ Favorecer, no respeito pelas fases específicas de desenvolvimento dos alunos, uma construção pessoal assente nos valores da iniciativa, da criatividade e da persistência.

Σ Criar condições que permitam:

- apoiar compensatoriamente carências individualizadas;
- detectar e estimular aptidões específicas e precocidades.

Σ Incentivar o reconhecimento pelo valor social do trabalho em todas as suas formas e promover o sentido de entreajuda e cooperação.

A dimensão das aquisições básicas e intelectuais fundamentais constitui o suporte de um saber estruturado em domínios diversificados e implica:

Σ Promover:

- o domínio progressivo dos meios de expressão e de comunicação verbais e não verbais;
- a compreensão da estrutura e do funcionamento básico da língua portuguesa em situações de comunicação oral e escrita;
- o conhecimento dos valores característicos da língua, história e cultura portuguesas;
- o reconhecimento de que a língua portuguesa é um instrumento vivo de transmissão e criação da cultura nacional, de abertura a outras culturas e de realização pessoal.

Σ Assegurar a aprendizagem de uma primeira língua estrangeira e proporcionar a iniciação ao estudo de uma segunda.

Σ Garantir a aquisição e estruturação de conhecimentos básicos sobre a natureza, a sociedade e a cultura e desenvolver a interpretação e a análise crítica dos fenómenos naturais, sociais e culturais.

Σ Fomentar o conhecimento dos elementos essenciais da expressão visual e musical e as regras da sua organização.

Σ Contribuir para o desenvolvimento da sensibilidade estética.

Σ Possibilitar:

- o desenvolvimento de capacidades próprias para a execução de actos motores exigidos no quotidiano, nos tempos livres e no trabalho;
- a organização dos gestos segundo o estilo mais conveniente a cada personalidade.

- Σ Fomentar o desenvolvimento de aptidões técnicas e manuais na solução de problemas práticos e/ou na produção de obras úteis/estéticas.
- Σ Estimular a iniciação ao conhecimento tecnológico e de ambientes próprios do mundo do trabalho.
- Σ Incentivar a aquisição de competências para seleccionar, interpretar e organizar a informação que lhe é fornecida ou de que necessita.
- Σ Favorecer o reconhecimento do valor das conquistas técnicas e científicas do Homem.
- Σ Promover a informação e orientação escolar e profissional, em colaboração com as famílias.

Finalmente, a *dimensão para a cidadania* considerará a necessidade de:

- Σ Estimular a criação de atitudes e hábitos positivos de relação que favoreçam a maturidade sócio-afectiva e cívica, quer no plano dos seus vínculos de família, quer no da intervenção consciente e responsável na realidade circundante.
- Σ Promover o desenvolvimento de atitudes e hábitos de trabalho autónomo e em grupo que favoreçam:
 - a realização de iniciativas individuais ou colectivas de interesse cívico ou social;
 - a análise e a participação na discussão de problemas de interesse geral.
- Σ Assegurar, em colaboração com as entidades adequadas e designadamente as famílias, a criação de condições próprias:
 - ao conhecimento e aquisição progressiva das regras básicas de higiene pessoal e colectiva;
 - a uma informação correcta e ao desenvolvimento de valores e atitudes positivas em relação à sexualidade.
- Σ Estimular a prática de uma nova aprendizagem das inter-relações do indivíduo com o ambiente, geradora de uma responsabilização individual e colectiva na solução dos problemas ambientais existentes e na prevenção de outros.
- Σ Criar as condições que permitam a assunção esclarecida e responsável dos papéis de consumidor e/ou de produtor.
- Σ Garantir a informação adequada à compreensão do significado e das

implicações do nosso relacionamento com outros espaços sócio-culturais e económicos e suscitar uma atitude responsável, solidária e participativa.

- Σ Fomentar a existência de uma consciência nacional aberta à realidade concreta numa perspectiva de humanismo universalista, de solidariedade e de compreensão internacionais.

Os objectivos enunciados devem entender-se como objectivos de desenvolvimento, isto é, como metas a prosseguir gradualmente ao longo de toda a escolaridade básica. Assim, apesar da divisão do ensino básico em três ciclos, não foram definidos objectivos específicos para cada um deles, a fim de evitar a compartimentação e rupturas indevidas na sequência do processo formativo, que se pretende eminentemente integrador.

Reconhecendo, porém, como obviamente se impõe, a existência de distintas etapas psicopedagógicas, correspondentes a cada um dos ciclos, haverá que adequar o nível de prossecução dos objectivos aos estádios de desenvolvimento dos alunos, característicos das diferentes fases. Esta preocupação esteve presente na concepção dos planos de estudo de cada disciplina ou área disciplinar, onde já se tornou possível, por se tratar de campos de ensino-aprendizagem delimitados, definir objectivos específicos segundo três níveis articulados de progressão, sem perder de vista a linha de continuidade que conduz às metas finais.

2 — ESTRUTURA CURRICULAR DO ENSINO BÁSICO

2.1. De acordo com o artigo 8.º da Lei de Bases do Sistema Educativo, o ensino básico, embora compreenda três ciclos — o 1.º, de quatro anos; o 2.º, de dois anos; e o 3.º, de três anos —, perspectiva-se como uma unidade global.

A unidade do currículo básico decorre da referência a um mesmo quadro de objectivos gerais e concretiza-se através da articulação dos ciclos numa sequência progressiva, em que cada um deles tem por função completar, aprofundar e alargar o ciclo anterior.

Por sua vez, a especificidade dos ciclos, exigida pelos diferentes estádios de desenvolvimento cognitivo e sócio-afectivo que caracterizam os alunos no respectivo nível etário, projecta-se em distintas etapas de formação, cujas funções se podem sumariar do seguinte modo:

- Σ Para o 1.º ciclo, além do progressivo domínio de instrumentos básicos de comunicação e compreensão (leitura, escrita e cálculo), a iniciação em diferentes formas de expressão (verbal, motora, plástica, musical) e uma primeira abordagem do meio natural e social.
- Σ Para o 2.º ciclo, a aquisição de noções, métodos e instrumentos de trabalho fundamentais, nas áreas essenciais do saber e do saber-fazer, a par com a formação cívica e moral, orientadas para o desenvolvimento de atitudes activas e conscientes perante a comunidade.
- Σ Para o 3.º ciclo, a aquisição sistemática e diferenciada de conhecimentos e aptidões nas áreas da cultura humanística, artística, física, científica e tecnológica e o desenvolvimento de atitudes e valores que facultem, por

um lado, uma formação adequada ao ingresso na vida activa e ao prosseguimento de estudos e, por outro, a realização autónoma e responsável da pessoa humana, na sua dimensão individual e social.

Não obstante a distinção funcional entre estas três etapas, o ensino básico deverá entender-se como um todo integrado. Na realidade, as funções consideradas limitam-se a apontar fases de um processo cumulativo de domínio de conhecimentos e capacidades e de estruturação de atitudes. Assim, ao 1.º ciclo corresponde a fase de iniciação; ao 2.º, a fase de consolidação de aprendizagens básicas e de abertura à realidade social; ao 3.º, o alargamento e sistematização de aquisições com vista à autonomia pessoal. Cada fase prepara, portanto, o ciclo seguinte, tendendo para as metas terminais; em todas as fases se prosseguem os mesmos objectivos, através de aproximações sucessivas e de desenvolvimentos graduais.

O sentido integrador que informa o currículo não se evidencia apenas no plano vertical, mas também, de forma não menos relevante, na articulação horizontal das suas componentes — actividades, áreas disciplinares e disciplinas. Pretende-se que estas se organizem de modo a facultar a síntese das aquisições parcelares do processo educativo, convergindo na construção de aprendizagens significativas, globalizantes e, sempre que possível, radicadas na realidade concreta.

É certo que este princípio integrador da formação básica só será actuante quando se projectar, para além do currículo formal, nas situações reais de ensino-aprendizagem. Os planos curriculares constituem, no entanto, instrumentos indispensáveis de uma prática renovada, não só por fixarem o quadro institucional que a torna possível, mas também por imprimirem ao conjunto do subsistema curricular a necessária coerência.

Efectivamente, os planos curriculares do ensino básico, aprovados pelo Decreto-Lei n.º 286/89, estabelecem uma hierarquização vertical das áreas de estudo ao longo dos três ciclos que, aliada às disposições do artigo 8.º da Lei de Bases, favorece a consolidação e o aprofundamento progressivos de conhecimentos, atitudes e valores. Contemplam, por outro lado, vários eixos de integração horizontal: agrupamentos disciplinares; espaços e tempos curriculares autónomos, vocacionados para o desenvolvimento de projectos interdisciplinares; e componentes transversais que reforcem a unidade formativa do currículo.

2.2. No que respeita à estrutura geral, os planos curriculares obedecem aos seguintes parâmetros:

- Σ O 1.º ciclo, respeitando um modelo de ensino globalizante, a cargo de um professor único, privilegia o desenvolvimento integrado de estudos e actividades.
- Σ O 2.º ciclo organiza-se por áreas de estudo de carácter pluridisciplinar, referentes à formação básica, considerando-se desejável que lhe venha a corresponder um regime de professor por área.
- Σ O 3.º ciclo abrange um conjunto de disciplinas ou grupos de disciplinas, constituindo um plano curricular unificado com abertura a áreas vocacionais diversificadas, sendo-lhe aplicado um regime de docência mais especializado.

Para justificar esta ordenação genérica, particularmente no que se refere à tendência para aglutinar as componentes disciplinares, às razões enunciadas sobre a intenção integradora do currículo, há que acrescentar outras considerações de carácter psicopedagógico. O ensino básico acompanha um longo período da evolução genética, da infância ao despertar da adolescência. Marcam essa evolução transformações físicas e psicológicas decisivas, que não excluem frequentemente momentos críticos, ao processar-se a desestabilização e reequilibração das estruturas cognitivas ou da personalidade. As condições do contexto educativo deverão, pois, proporcionar, tanto quanto possível, uma relação pedagógica securizante e um intenso acompanhamento dos alunos.

É neste sentido que assume relevância o regime de docência previsto para a fase intermédia do currículo básico, na medida em que virá atenuar a transição brusca e, sem dúvida, demasiado precoce, que se verifica actualmente no final da escolaridade primária, entre uma relação pedagógica estável, centrada num único professor, e uma relação de carácter plural, extremamente fragmentada. Se bem que pareça inviável a aplicação desse regime a curto prazo, a organização por áreas pluridisciplinares ou grupos de disciplinas cria o quadro curricular indispensável à sua implementação futura. O mesmo quadro aparece, desde já, como um contexto mais facilitador do estreitamento da relação pedagógica, ao implicar a contenção do leque de disciplinas e consequentemente uma maior dotação horária para cada disciplina ou área disciplinar regida por um só professor. Este último aspecto constituiu, aliás, preocupação fundamental na organização dos planos curriculares. Com raras excepções, todas as unidades disciplinares dispõem de um mínimo de três horas lectivas semanais, o que diminuirá sensivelmente o número de turmas — e de alunos — de cada professor, contribuindo para uma maior aproximação entre os dois pólos da relação educativa.

Soluções eventualmente desejáveis, mais ousadas e inovadoras, que aprofundassem, em diversas dimensões, a dinâmica unitária do currículo e das aprendizagens, tiveram de ser abandonadas face aos condicionalismos do contexto educativo real, em particular os que decorrem da formação especializada dos docentes e da falta de disponibilidade de espaços e outros meios de ensino. Este é um plano de transição, que se pretende ajustado às possibilidades do presente, antevendo-se, porém, a adopção futura de modelos mais flexíveis, organizados predominantemente em torno de experiências de aprendizagem interdisciplinares com maior intenção globalizante.

2.3. A composição dos planos curriculares, inscrita no referido conjunto de parâmetros, concretizou-se na selecção de determinados agrupamentos de actividades e áreas de estudo. Presidiu à escolha das unidades disciplinares e dos respectivos conteúdos um critério geral de pertinência e relevância, o qual se fundamentou, por sua vez, em critérios específicos, de que se salientam:

- Σ a conformidade com os objectivos gerais do processo educativo e com a natureza das funções atribuídas a cada ciclo da escolaridade básica;
- Σ o respeito pelos níveis de maturidade dos alunos e o ajustamento às suas necessidades e motivações;
- Σ a adequação às exigências do contexto sócio-cultural, permitindo adaptações flexíveis que contemplem nomeadamente componentes regionais;
- Σ a satisfação de exigências de actualidade e de perdurabilidade dos conteúdos de aprendizagem, de modo a constituírem um corpo de informação transferível para a compreensão e domínio de novas situações;
- Σ a capacidade de promoverem o desenvolvimento de aptidões e capacidades, a articulação entre o saber e o saber-fazer, a ligação com a vida e o mundo do trabalho.

A selecção das disciplinas ou áreas específicas que compõem o plano curricular de cada ciclo fundamentou-se, portanto, em três tipos de fontes: a condição dos sujeitos, clientes directos da oferta educativa; as necessidades e expectativas do meio sócio-cultural; a natureza e funcionalidade do conhecimento. Para operar a síntese destas diferentes ordens de exigência, nem sempre harmonizáveis e que, para mais, suscitam, particularmente as duas últimas, um campo vastíssimo de opções, privilegiaram-se sobretudo critérios de natureza pedagógica. Rejeitando o modelo academicista, seleccionou-se um corpo de conhecimentos básico e nuclear, cujo estudo é susceptível de proporcionar

o domínio de capacidades e instrumentos intelectuais, de formas de comunicação, de destrezas motoras e de estimular simultaneamente o enriquecimento da sensibilidade e a clarificação de valores.

Assim, o currículo aparece centrado num conjunto de disciplinas fundamentais, de certo modo um *core curriculum*, que, embora se amplie e diversifique de ciclo para ciclo, não atinge um número excessivo de áreas especializadas, no que contraria algumas pretensões expressas por diversos sectores sócio-culturais. No entanto, foi desse modo que se conseguiram evitar duas alternativas, cujos efeitos seriam por igual inconvenientes: contemplar uma grande variedade de opções, o que acabaria por pôr em causa o carácter unificado do ensino básico; ou alargar o tronco comum, com a consequente sobrecarga pedagógica do currículo e dos horários escolares.

De qualquer modo, o currículo não deixa de conceder lugar à diversidade de aprendizagens, para além das componentes expressas no tronco disciplinar comum. Essa diversidade decorre da existência, no 3.º ciclo, de áreas vocacionais centradas em três domínios essenciais de formação — 2.ª Língua Estrangeira, Educação Musical e Educação Tecnológica — e da inserção transversal, nos conteúdos das várias disciplinas nucleares, de noções e temas de reflexão referentes a campos específicos do saber ou a problemáticas que assumem premente destaque na vida moderna.

2.4. O currículo integra ainda duas áreas inovadoras, nas quais se cumpre privilegiadamente o projecto de integração dos saberes e atitudes. São elas a Área-Escola e as formações transdisciplinares.

A Área-Escola é uma área não disciplinar, cujos objectivos são «a concretização dos saberes através de actividades e projectos multidisciplinares, a articulação entre a escola e o meio e a formação pessoal e social dos alunos» (artigo 6.º do Decreto-Lei n.º 286/89). Enquanto não dispõe de créditos horários próprios, a referida área organiza-se utilizando horas lectivas das disciplinas envolvidas em cada projecto. Espaço curricular aberto, de grande flexibilidade, pretende-se com ele, entre outras finalidades: proporcionar a transferência das aquisições educativas para situações concretamente experienciadas; incentivar a autonomia de alunos e professores, bem como da própria escola, através do exercício de análise de opções e de tomadas de decisão, requeridas pela realização de projectos; promover a mobilização conjunta dos actores do processo educacional, com o envolvimento participativo da comunidade.

Quanto às formações transdisciplinares, funcionam como segmentos transversais do currículo, convergindo no desenvolvimento pessoal e social do educando. «Constituem formações transdisciplinares a formação pessoal e social [...], a valorização da dimensão humana do trabalho e o domínio da língua materna» (artigo 9.º do Decreto-Lei n.º 286/89). As duas últimas estão presentes em todas as componentes curriculares. A primeira, para a qual concorrem igualmente todas as áreas e disciplinas do currículo ao contribuírem de forma sistemática para a aquisição do espírito crítico e para a interiorização de valores espirituais, estéticos, morais e cívicos, concretiza-se ainda na disciplina de Desenvolvimento Pessoal e Social, alternativa opcional à de Educação Moral e Religiosa.

Para além das actividades curriculares, as escolas poderão ainda organizar actividades de complemento curricular, com carácter facultativo, «visando a utilização criativa e formativa dos tempos livres dos educandos» (artigo 8.º do Decreto-Lei n.º 286/89). Tais actividades preencherão fins culturais diversificados, de par com uma função lúdica, incluindo-se entre elas o desporto escolar.

2.5. A leitura dos planos curriculares publicados no Decreto-Lei n.º 286/89, e que adiante se transcrevem, permite verificar o modo como se configuram todas estas disposições. A sua inclusão conjunta neste volume facilitará a compreensão do encadeamento estrutural do currículo, referenciando ainda o lugar relativo que cada ciclo ocupa no contexto geral do ensino básico.

PLANO CURRICULAR DO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO (a)

Expressão e Educação: Físico-Motora. Musical. Dramática. Plástica. Estudo do Meio. Língua Portuguesa. Matemática. Desenvolvimento Pessoal e Social ou Educação Moral e Religiosa Católica (ou de outras confissões). Área-Escola (b).
Actividades de complemento curricular (c)

(a) A carga curricular mínima semanal deste ciclo é de 25 horas.

(b) A organizar e gerir pelas escolas ou área escolar, nos termos do artigo 6.º.

(c) Actividades facultativas, nos termos do artigo 8.º.

PLANOS CURRICULARES DO 2.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Áreas pluridisciplinares	Disciplinas	Horário semanal	
		5.º ano	6.º ano
Línguas e Estudos Sociais	Língua Portuguesa História e Geografia de Portugal Língua Estrangeira	5 3 4	5 3 4
Ciências Exactas e da Natureza	Matemática Ciências da Natureza	4 3	4 3
Educação Artística e Tecnológica	Educação Visual e Tecnológica Educação Musical	5 3	5 3
Educação Física	Educação Física	3	3
Formação Pessoal e Social	Desenvolvimento Pessoal e Social ou Educação Moral e Religiosa Católica ou Educação Moral e Religiosa de outras confissões	1	1

Área-Escola — «[...] área curricular não disciplinar com a duração anual de 95 a 110 horas, competindo à escola decidir a respectiva distribuição, conteúdo e coordenação» (ponto 1 do artigo 6.º do Decreto-Lei n.º 286/89).

Actividades de complemento curricular — «[...] de carácter facultativo e natureza eminentemente lúdica e cultural, visando a utilização criativa e formativa dos tempos livres dos educandos» (ponto 1 do artigo 3.º do mesmo decreto-lei).

Nota — A disciplina de Educação Musical poderá ter apenas duas horas semanais, de acordo com as infra-estruturas das escolas.

PLANOS CURRICULARES DO 3.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Disciplinas ou áreas	Horário semanal		
	7.º ano	8.º ano	9.º ano
Língua Portuguesa	4	4	4
Língua Estrangeira I	3	3	3
Ciências Humanas e Sociais:			
História	3	3	3
Geografia de Portugal	3	—	4
Matemática	4	4	4
Ciências Físicas e Naturais:			
Físico-Químicas	—	4	3
Ciências Naturais	4	3	-
Educação Visual	3	3	3
Educação Física	3	3	3
Desenvolvimento Pessoal e Social	1	1	1
ou			
Educação Moral e Religiosa Católica			
ou	3	3	3
Educação Moral e Religiosa de outras confissões			
Área opcional:			
Língua Estrangeira II	3	3	3
ou			
Educação Musical			
ou			
Educação Tecnológica			

Área-Escola — «[...] área curricular não disciplinar com a duração anual de 95 a 110 horas, competindo à escola decidir a respectiva distribuição, conteúdo e coordenação» (ponto 1 do artigo 6.º do Decreto-Lei n.º 286/89).

Actividades de complemento curricular — «[...] de carácter facultativo e natureza eminentemente lúdica e cultural, visando a utilização criativa e formativa dos tempos livres dos educandos» (ponto 1 do artigo 3.º do mesmo decreto-lei).

Nota — As disciplinas de Educação Física e Educação Musical poderão ter um horário semanal de duas horas por ano, de acordo com as infra-estruturas das escolas.

3 — PRINCÍPIOS ORIENTADORES DA ACÇÃO PEDAGÓGICA NO 1.º CICLO

3.1. Os programas agora propostos para o 1.º Ciclo implicam que o desenvolvimento da educação escolar ao longo das idades abrangidas constitua uma oportunidade para que os alunos realizem experiências de aprendizagem **ativas, significativas, diversificadas, integradas e socializadoras** que garantam efectivamente o direito ao sucesso escolar de cada aluno.

Σ **As aprendizagens activas** pressupõem que os alunos tenham a oportunidade de viver situações estimulantes de trabalho escolar que vão da actividade física e da manipulação dos objectos e meios didácticos, à descoberta permanente de novos percursos e de outros saberes. Tal desafio aponta para concepções alternativas que mobilizem a inteligência para projectos decorrentes do quotidiano dos alunos e das actividades exploratórias que lhes deverão ser proporcionadas sistematicamente.

Σ **As aprendizagens significativas** relacionam-se com as vivências efectivamente realizadas pelos alunos fora ou dentro da escola e que decorrem da sua história pessoal ou que a ela se ligam. São igualmente significativos os saberes que correspondem a interesses e necessidades reais de cada criança. Isto pressupõe que a cultura de origem de cada aluno é determinante para que os conteúdos programáticos possam gerar novas significações. As aprendizagens constroem-se significativamente quando estiverem adaptadas ao processo de desenvolvimento de cada criança. Só assim o percurso escolar poderá conduzir a novas e estáveis aprendizagens.

Σ **As aprendizagens diversificadas** apontam para a vantagem, largamente conhecida, da utilização de recursos variados que permitam uma pluralidade de enfoques dos conteúdos abordados.

Variar os materiais, as técnicas e processos de desenvolvimento de um conteúdo são condições que se associam a igual necessidade de diversificar as modalidades do trabalho escolar e as formas de comunicação e de troca dos conhecimentos adquiridos.

Σ **As aprendizagens integradas** decorrem das realidades vivenciadas ou imaginadas que possam ter sentido para a cultura de cada aluno.

As experiências e os saberes anteriormente adquiridos recriam e integram no conhecimento as novas descobertas. E os progressos conseguidos, na convergência de diferentes áreas do saber, vão assim concorrendo para uma visão cada vez mais flexível e unificadora do pensamento a partir da diversidade de culturas e de pontos de vista.

Σ **As aprendizagens socializadoras** garantem a formação moral e crítica na apropriação dos saberes e no desenvolvimento das concepções científicas.

As formas de organização do trabalho escolar contribuem para o exercício das trocas culturais, da circulação partilhada da informação e da criação de hábitos de interajuda em todas as actividades educativas. Os métodos e as técnicas a utilizar no processo de aprendizagem hão-de, por conseguinte, reproduzir as formas de autonomia e de solidariedade que a educação democrática exige.

Os princípios aqui enunciados requerem da parte do professor a consideração de um conjunto de valores profissionais que mobilizem estratégias e atitudes consequentes.

Distinguimos, de entre outras, o respeito pelas diferenças individuais e pelo ritmo de aprendizagem de cada aluno; a valorização das experiências escolares e não escolares anteriores; a consideração pelos interesses e necessidades individuais; o estímulo às interacções e às trocas de experiências e saberes; o permitir aos alunos a escolha de actividades; a promoção da iniciativa individual e de participação nas responsabilidades da escola; a valorização das aquisições e das produções dos alunos; a criação, enfim, de um clima favorável à socialização e ao desenvolvimento moral.

3.2. Resta lembrar que, neste contexto, a avaliação a realizar ao longo de cada ano do 1.º Ciclo do Ensino Básico não deverá traduzir-se em juízos prematuros e definitivos que discriminem desde logo o aluno, impedindo-o de alcançar sucesso imediato e, porventura, no seu futuro escolar.

A avaliação, particularmente neste ciclo, terá de centrar-se na evolução dos percursos escolares através da tomada de consciência partilhada entre o professor e o aluno, das múltiplas competências, potencialidades e motivações manifestadas e desenvolvidas, diariamente, nas diferentes áreas que o currículo integra.

Para que aquela tomada de consciência seja exercitada no quotidiano escolar e para que tenha valor formativo para o aluno e constitua progresso profissional para o professor, requiere-se a construção e utilização de instrumentos de registo sistemático e partilhado que garantam a leitura do desenvolvimento das aprendizagens de cada aluno. Tal registo permitirá uma gestão mais adequada do estado das aprendizagens e realizações do aluno e dos processos de ensino que o professor deverá utilizar ou corrigir para o bom êxito da cooperação indispensável ao sucesso dos alunos e dos professores.

3.3. A prioridade dada pela Reforma ao alargamento da rede de Educação Pré-Escolar permitirá à maioria das crianças entre os três e os seis anos a entrada no sistema escolar antes da frequência do primeiro ciclo da escolaridade obrigatória de três ciclos. Esta nova realidade vocaciona este Ciclo, progressivamente, para uma função de desenvolvimento das aprendizagens programáticas retirando-lhe, em contrapartida e cada vez mais, a finalidade de entrada formal na escolaridade. É útil a tomada de consciência deste processo de mudança para que vá sendo abandonado o hábito de os professores encararem este período de escolaridade como específico das iniciações à escrita e ao cálculo.

A Reforma Educativa propõe uma concepção de educação integrada e em desenvolvimento a partir dos conhecimentos anteriormente adquiridos na fase de educação pré-escolar ou na vida familiar e na comunidade de origem de cada criança para os ciclos seguintes do Sistema de Educação.

A consciencialização deste continuum educativo não só facilitará uma concepção de educação integral e em desenvolvimento, como prestigiará a acção pedagógica neste ciclo escolar.

4 — COMPONENTES DOS DOMÍNIOS DISCIPLINARES

Cada domínio disciplinar do currículo integra os seguintes componentes:

4.1. Princípios Orientadores que propõem fundamentos e apontam para perspectivas estratégicas de desenvolvimento das práticas educativas nos diversos domínios disciplinares que integram o currículo.

4.2. Objectivos Gerais do domínio disciplinar ou interdisciplinar que enunciam as competências globais que cada aluno terá de atingir até ao fim do 1.º Ciclo no respectivo domínio do currículo.

4.3. Blocos de Aprendizagem que correspondem a conjuntos de actividades de aprendizagem designados por um conceito, por um tema articulador ou pela designação de uma etapa de desenvolvimento da actividade curricular. Cada bloco, enquanto capítulo ou segmento de um domínio disciplinar é composto por quatro etapas de actividades que correspondem a cada um dos quatro anos do 1.º Ciclo. Os Blocos são introduzidos por um pequeno texto de orientação teórica e pedagógica para cada um dos sub-domínios ou segmentos da acção educativa.

O conteúdo de cada Bloco é constituído por conjuntos de listas de actividades de aprendizagem ou experiências educativas enunciadas sob a forma de objectivos de acção.

Cada conjunto dessas actividades integra-se num enunciado mais genérico de acção ou num conceito ou tema aglutinador das referidas actividades para cada domínio do saber ou programa.

A organização dos domínios, ou programas, por Blocos, permite uma leitura longitudinal dos conteúdos integrados nesse Bloco pelos quatro anos do ciclo. Pretende-se, assim, promover uma compreensão e utilização integrada e evolutiva das actividades e conteúdos por ciclo e não por anos de escolaridade. O professor poderá, então, numa leitura longitudinal dos Blocos seleccionar melhor as actividades para adaptar aos ritmos diversos de aprendizagem dos alunos de uma dada turma.

De facto, as orientações que decorrem da reforma Curricular vieram reforçar a importância de fazer progredir os alunos em turmas de idade aproximada (a mesma geração) e não em turmas do mesmo nível de aprendizagem do programa (a ilusão dos grupos homogéneos).

Cabe ao professor, ao estabelecer o plano de trabalho anual com os alunos, ou para apresentar aos alunos, seleccionar e listar os conjuntos de actividades (ou objectivos de acção) que abranjam as fases de desenvolvimento do programa correspondentes aos níveis diversos de aprendizagem dos seus alunos. Ao professor cabe, igualmente, articular conjuntos de actividades do mesmo programa ou de programas diferentes, constituindo novos Blocos interdisciplinares de actividades ou de actividades integradas em projectos, em cooperação com os próprios alunos.

PROGRAMAS DO 1.º CICLO

**EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO:
FÍSICO-MOTORA, MUSICAL,
DRAMÁTICA E PLÁSTICA**

EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO FÍSICO-MOTORA

PRINCÍPIOS ORIENTADORES

1. *Como se sabe, os períodos críticos das qualidades físicas e das aprendizagens psicomotoras fundamentais situam-se até ao final do 1.º Ciclo. A falta de actividade apropriada traduz-se em carências frequentemente irremediáveis. Por outro lado, o desenvolvimento físico da criança atinge estádios qualitativos que precedem o desenvolvimento cognitivo e social. Assim, a actividade física educativa oferece aos alunos experiências concretas, necessárias às abstracções e operações cognitivas inscritas nos Programas doutras Áreas, preparando os alunos para a sua abordagem ou aplicação.*

Estas evidências justificam a importância crucial desta Área, no 1.º Ciclo, como componente inalienável da Educação.

O conteúdo deste Programa assegura, também, condições favoráveis ao desenvolvimento social da criança, principalmente pelas situações de interacção com os companheiros, inerentes às actividades (matérias) próprias da E. F. e aos respectivos processos de aprendizagem.

Além disso, a realização deste programa proporciona um contraste com a sala de aula que pode favorecer a adaptação da criança ao contexto escolar. Nesse contraste, restabelece-se o equilíbrio das experiências escolares, aproximando-as do ritmo e estilo da actividade própria da infância, tornando a escola e o ensino mais apetecíveis.

2. *Importa salientar a relação que deverá existir entre o programa e a prática pedagógica:*

— *Estes programas não foram concebidos como a única fonte de inspiração dos professores, mas como a referência geral que permite garantir a coordenação e coerência da actividade dos alunos em anos seguintes e entre turmas e escolas diferentes.*

— Enquanto referência, são suficientemente «abertos» para admitir outras possibilidades e alternativas, «por dentro e para além» das orientações que estabelecem.

Do ponto de vista das necessidades de desenvolvimento multilateral das crianças, a principal exigência que o currículo real dos alunos deve satisfazer é a continuidade e a regularidade de actividade física adequada, pedagogicamente orientada pelo seu professor.

O Programa desenha um «continuum» de desenvolvimento pessoal, através das experiências (actividade do aluno) que estão indicadas pelos seus efeitos desejáveis (objectivos).

Estes efeitos ou benefícios desta Área estão explicitados sinteticamente em capacidades gerais, visadas no conjunto dos quatro anos (objectivos gerais da E. E. F. M.), coerentes com as finalidades da E. F. de todo o ensino básico. Essas capacidades encontram-se especificadas a seguir, em objectivos mais concretos, «situados» num (ou vários) anos de curso, expressando, em termos de habilidades, as competências das crianças (nas matérias seleccionadas), características daquelas capacidades.

Assim, os professores encontram neste Programa as principais competências psicomotoras, nas matérias de cada uma das sete áreas da E. E. F. M., numa progressão harmoniosa e flexível, do 1.º ao 4.º ano. Estas competências são acessíveis a todas as crianças e admitem diferentes modos (ou qualidades) de execução e aperfeiçoamento.

Ao seleccionar e organizar as actividades da turma para promover esses efeitos (o currículo real), o Professor deverá considerar as aptidões dos alunos, os seus interesses e as características da dinâmica social da turma, de acordo, evidentemente, com os objectivos e também com os recursos atribuídos a cada escola para viabilizar esses objectivos.

3. Algumas áreas específicas da E. E. F. M. surgem com características que convém esclarecer. Em **Deslocamentos e Equilíbrios e Perícias e Manipulações** (1.º e 2.º anos) encontram-se competências representativas das acções motoras fundamentais, cujo domínio permite à criança desta idade estruturar a sua disponibilidade de adaptação aos principais tipos de actividade física. Esta melhoria das qualidades perceptivomotoras não só culmina uma etapa do desenvolvimento da criança, como constitui a base necessária, no momento oportuno, para aprendizagens mais complexas, indicadas pelos objectivos dos anos seguintes.

Certas áreas são especificadas com maior abertura do que outras, quando os professores podem optar por uma variedade de alternativas para obter efeitos

tos idênticos (o caso da área de Jogos, particularmente no 1.º e 2.º anos) ou quando factores subjectivos, como a expressividade, são essenciais (é o caso das Actividades Rítmicas Expressivas).

A Natação  , toda ela, apresentada em alternativa, pois não nos pareceu exequível, a médio prazo, a garantia dos meios necessários na maioria das escolas. Nas situações (turmas ou escolas) em que essa actividade for possível, recomendamos que seja considerada prioritária. Importa ainda esclarecer que a inclusão de uma área designada por **Jogos** não significa que nela se pretende reduzir todas as situações de carácter ou «tonalidade» lúdica (prova, exploração, experiência de superação).

Pelo contrário, o conjunto das experiências da criança na E. E. F. M. deve ter um carácter lúdico, numa atitude e ambiente pedagógico de exploração e descoberta de novas possibilidades de ser e realizar(-se). Neste entendimento, reconhecem-se na actividade lúdica das crianças determinadas formas t picas da infância (ou introduzidas pelo professor, preparatórias das etapas seguintes de desenvolvimento). Foram estas «formas» que considerámos na área de **Jogos**.

4. Interessava traçar um plano de «perspectiva» do desenvolvimento das crianças, e foi isso que tentámos fazer num duplo sentido:

- Perspectiva de realização das potencialidades de adaptação oferecidas pela infância. Assim, procurámos explicitar os modos de actuação correspondentes às prioridades gerais de desenvolvimento multilateral e de estruturação do comportamento motor.
- Perspectiva de valorização pedagógica da expectativa das crianças de serem «já» capazes de tarefas mais ousadas e aliciantes, próximas dos feitos que os mais velhos exibem, brincando e descobrindo, nessas brincadeiras, novas capacidades e dificuldades a vencer.

OBJECTIVOS GERAIS

OBJECTIVOS COMUNS A TODOS OS BLOCOS

1. Elevar o nível funcional das capacidades condicionais e coordenativas:
 - Σ Resistência Geral;
 - Σ Velocidade de Reacção simples e complexa de Execução de acções motoras básicas, e de Deslocamento;
 - Σ Flexibilidade;
 - Σ Controlo de postura;
 - Σ Equilíbrio dinâmico em situações de «voo», de aceleração e de apoio instável e ou limitado;
 - Σ Controlo da orientação espacial;
 - Σ Ritmo;
 - Σ Agilidade.
2. Cooperar com os companheiros nos jogos e exercícios, compreendendo e aplicando as regras combinadas na turma, bem como os princípios de cordialidade e respeito na relação com os colegas e o professor.
3. Participar com empenho no aperfeiçoamento da sua habilidade nos diferentes tipos de actividades, procurando realizar as acções adequadas com correcção e oportunidade.

OBJECTIVOS POR BLOCO

4. Realizar acções motoras básicas com aparelhos portáteis, segundo uma estrutura rítmica, encadeamento ou combinação de movimentos, conjugando as qualidades da acção própria ao efeito pretendido de movimentação do aparelho.
5. Realizar acções motoras básicas de deslocamento, no solo e em aparelhos, segundo uma estrutura rítmica, encadeamento, ou combinação de movimentos, coordenando a sua acção para aproveitar as qualidades motoras possibilitadas pela situação.
6. Realizar habilidades gímnicas básicas em esquemas ou sequências no solo e em aparelhos, encadeando e ou combinando as acções com fluidez e harmonia de movimentos.
7. Participar em jogos ajustando a iniciativa própria e as qualidades motoras na prestação às possibilidades oferecidas pela situação de jogo e ao seu objectivo, realizando habilidades básicas e acções técnico-tácticas fundamentais, com oportunidade e correcção de movimentos.
8. Patinar com equilíbrio e segurança, ajustando as suas acções para orientar o seu deslocamento com intencionalidade e oportunidade na realização de percursos variados.
9. Combinar deslocamentos, movimentos não locomotores e equilíbrios adequados à expressão de motivos ou temas combinados com os colegas e professor, de acordo com a estrutura rítmica e melodia de composições musicais.
10. Escolher e realizar habilidades apropriadas em percursos na natureza, de acordo com as características do terreno e os sinais de orientação, colaborando com os colegas e respeitando as regras de segurança e preservação do ambiente.

BLOCO 1 — PERÍCIA E MANIPULAÇÃO

Σ Realizar acções motoras básicas com aparelhos portáteis, segundo uma estrutura rítmica, encadeamento ou combinação de movimentos, conjugando as qualidades da acção própria ao efeito pretendido de movimento do aparelho.

1.º ANO

1. Em concurso individual:

- 1.1. LANÇAR uma bola em precisão a um alvo fixo, por baixo e por cima, com cada uma e ambas as mãos.
- 1.2. RECEBER a bola com as duas mãos, após lançamento à parede, evitando que caia ou toque outra parte do corpo.
- 1.3. RODAR o arco no solo, segundo o eixo vertical, saltando para dentro dele antes que finalize a sua rotação.
- 1.4. Manter uma bola de espuma no ar, de forma controlada, com TOQUES DE RAQUETE, com e sem ressalto da bola no chão.
- 1.5. DRIBLAR com cada uma das mãos, em deslocamento, controlando a bola para manter a direcção desejada.

1.º e 2.º ANOS

2. Em concurso individual:

- 2.1. LANÇAR uma bola em distância com a «mão melhor» (a mão mais forte) e com as duas mãos, para além de uma marca.
- 2.2. LANÇAR para cima (no plano vertical) uma bola (grande) e RECEBÊ-LA com as duas mãos acima da cabeça (o mais alto possível) e perto do solo (o mais baixo possível).
- 2.3. ROLAR a bola, nos membros superiores e nos membros inferiores (deitado) unidos e em extensão, controlando o seu movimento pelo ajustamento dos segmentos corporais.
- 2.4. PONTAPEAR a bola em precisão a um alvo, com um e outro pé, dando continuidade ao movimento da perna e mantendo o equilíbrio.

- 2.5. PONTAPEAR a bola em distância, para além de uma zona/marca, com um e outro pé, dando continuidade ao movimento da perna e mantendo o equilíbrio.
- 2.6. Fazer TOQUES DE SUSTENTAÇÃO de um «balão», com os membros superiores e a cabeça, posicionando-se no ponto de queda da bola.
- 3. Em concurso a pares:
 - 3.1. CABECEAR um «balão» (lançado por um companheiro a «pingar»), posicionando-se num ponto de queda da bola, para a agarrar a seguir com o mínimo de deslocamento.
 - 3.2. PASSAR a bola a um companheiro com as duas mãos (passe «picado», a «pingar» ou de «peito») consoante a sua posição e ou deslocamento. RECEBER a bola com as duas mãos, parado e em deslocamento.
- 4. Em concurso individual ou estafeta, ROLAR O ARCO com pequenos «toques» à esquerda e à direita, controlando-o na trajetória pretendida.

2.º ANO

- 5. Em concurso individual:
 - 5.1. LANÇAR uma bola em precisão a um alvo móvel, por baixo e por cima, com cada uma e ambas as mãos.
 - 5.2. Impulsionar uma bola de espuma para a frente e para cima, posicionando-a para a «BATER» com a outra mão acima do plano da cabeça, numa direcção determinada.
 - 5.3. Fazer TOQUES DE SUSTENTAÇÃO de uma bola de espuma com uma e outra das faces de uma raquete, a alturas variadas, com e sem ressalto da bola no chão, parado e em deslocamento.
 - 5.4. SALTAR à corda no lugar e em progressão, com coordenação global e fluidez de movimentos.
 - 5.5. LANÇAR o arco na vertical e RECEBÊ-LO, com as duas mãos.
 - 5.6. PASSAR por dentro de um arco e rolar no chão, sem o derrubar.

6. Em concurso individual ou estafeta:

- 6.1. DRIBLAR «alto e baixo», com a mão esquerda e direita, em deslocamento, sem perder o controlo da bola.
- 6.2. CONDUZIR a bola dentro dos limites duma zona definida, mantendo-a próximo dos pés.

7. Em concurso a pares:

- 7.1. RECEBER a bola, controlando-a com o pé direito ou esquerdo, e PASSÁ-LA colocando-a ao alcance do companheiro.
- 7.2. Fazer TOQUES DE SUSTENTAÇÃO para o companheiro, com as mãos, antebraços e ou cabeça, posicionando-se no ponto de queda da bola, para a devolver.

BLOCO 2 — DESLOCAMENTOS E EQUILÍBRIOS

Σ Realizar acções motoras básicas de deslocamento, no solo e em aparelhos, segundo uma estrutura rítmica, encadeamento, ou combinação de movimentos, coordenando a sua acção para aproveitar as qualidades motoras possibilitadas pela situação.

1.º ANO

1. Em percursos que integram várias habilidades:
 - 1.1. RASTEJAR deitado dorsal e ventral, em todas as direcções, movimentando-se com o apoio das mãos e ou dos pés.
 - 1.2. ROLAR sobre si próprio em posições diferentes, nas principais direcções e nos dois sentidos.
 - 1.3. Fazer CAMBALHOTA à frente (engrupada), num plano inclinado, mantendo a mesma direcção durante o enrolamento.
 - 1.4. SALTAR sobre obstáculos de alturas e comprimentos variados, com chamada a um pé e a «pés juntos», com recepção equilibrada no solo.
 - 1.5. SALTAR para um plano superior (mesa ou plinto), após chamada a pés juntos, apoiando as mãos para se sentar, ou apoiar os pés, ou os joelhos.
 - 1.6. CAIR voluntariamente, no colchão e no solo, partindo de diferentes posições, rolando para amortecer a queda (sem apoiar as mãos para travar o movimento).
 - 1.7. SALTAR de um plano superior com recepção equilibrada no colchão.
 - 1.8. SUBIR E DESCER o espaldar, percorrendo os degraus alternadamente com um e com o outro pé e com uma e outra mão.

1.º e 2.º ANOS

2. Em concurso individual, com patins:
 - 2.1. MARCHAR sobre os patins com variações de ritmo e amplitude da passada, mantendo o equilíbrio.

- 2.2. RECUPERAR O EQUILÍBRIO agachando-se ou, ao desequilibrar-se totalmente, baixar-se e «fechar» para sentar ou rolar, amortecendo o impacto sem colocar as mãos ou braços no solo.
 - 2.3. DESLIZAR de «cócoras», após impulso de um colega, mantendo os patins paralelos e os braços à frente, ELEVANDO-SE (sem perder o equilíbrio) e BAIXANDO-SE para se sentar antes de parar.
 - 2.4. DESLIZAR sobre um patim, apoiando-o um passo à frente e deslocando o peso do corpo para esse apoio, mantendo-se em equilíbrio até se imobilizar totalmente.
 - 2.5. DESLIZAR para a frente com impulso alternado de um e outro pé, colocando o peso do corpo sobre o patim de apoio, movimentando os braços em harmonia com o deslocamento.
3. Em percursos que integrem várias habilidades:
 - 3.1. SUBIR para um plano superior (mesa ou plinto), apoiando as mãos e elevando a bacia para apoiar um dos joelhos, mantendo os braços em extensão.
 - 3.2. SUSPENDER E BALANÇAR numa barra, saindo em equilíbrio.
 - 3.3. DESLOCAR-SE EM SUSPENSÃO, lateralmente e frontalmente, de uma à outra extremidade da barra, com pega alternada.
 - 3.4. DESLOCAR-SE para a frente, para os lados e para trás sobre superfícies reduzidas e elevadas, mantendo o equilíbrio.
 4. Em concurso individual, DESLIZAR sentado e deitado (ventral), em prancha, sobre o «skate», após impulso das mãos ou dos pés, mantendo o equilíbrio.

2.º ANO

5. Em percursos que integrem várias habilidades:
 - 5.1. TRANSPOR obstáculos sucessivos, em corrida, colocados a distâncias irregulares, sem acentuadas mudanças de velocidade.
 - 5.2. SUBIR E DESCER pela tracção dos braços, um banco sueco inclinado, deitado em posição ventral e dorsal.
 - 5.3. SALTAR de um plano superior realizando, durante o voo, uma figura à sua escolha, ou voltas, com recepção em pé e equilibrada.

- 5.4. Realizar SALTOS «de coelho» no solo, com amplitudes variadas, evitando o avanço dos ombros no momento do apoio das mãos.
- 5.5. Fazer CAMBALHOTA à frente no colchão, terminando a pés juntos, mantendo a mesma direcção durante o enrolamento.
- 5.6. Fazer CAMBALHOTA à rectaguarda sobre um colchão num plano inclinado, com repulsão dos braços na fase final, terminando com as pernas afastadas.
- 5.7. ROLAR à frente numa barra (baixa), sem interrupção do movimento e com recepção em segurança.
- 5.8. SUBIR E DESCER o espaldar percorrendo todos os degraus e DESLOCAR-SE para ambos os lados face ao espaldar.
- 5.9. SUBIR E DESCER uma corda suspensa, com nós, com a acção coordenada dos membros inferiores e superiores.
6. Em concurso individual, com coordenação e fluidez de movimentos:
 - 6.1. SALTAR em comprimento, após curta corrida de balanço e chamada a um pé numa zona elevada, com recepção a pés juntos num colchão ou caixa de saltos.
 - 6.2. SALTAR em altura para tocar num objecto suspenso, após curta corrida de balanço e chamada a pés juntos e a um pé, com recepção equilibrada.
7. Em patins, combinar num percurso, com coordenação global e fluidez de movimentos, as destrezas aprendidas e as seguintes:
 - 7.1. CURVAR com os pés paralelos, à direita e à esquerda com ligeira inclinação dos pés e do tronco para o lado para onde vai virar, mantendo o equilíbrio.
 - 7.2. TRAVAR em «T» após deslize para a frente, no menor espaço de tempo mantendo o equilíbrio e ficando em condições de iniciar novo deslize.
8. Em concurso individual DESLIZAR com os dois pés sobre o «skate», após impulso de um outro pé, mantendo o equilíbrio.

BLOCO 3 — GINÁSTICA

Σ Realizar habilidades gímnicas básicas em esquemas ou sequências no solo e em aparelhos, encadeando e ou combinando as ações com fluidez e harmonia de movimento.

3.º ANO

1. Em percursos que integram várias habilidades:
 - 1.1. Executar a CAMBALHOTA À RECTAGUARDA com repulsão dos braços na parte final, terminando com as pernas afastadas e em extensão.
 - 1.2. SUBIR PARA PINO apoiando as mãos no colchão e os pés num plano vertical, recuando as mãos e subindo gradualmente o apoio dos pés, aproximando-se da vertical (mantendo o olhar dirigido para as mãos). Regressar à posição inicial pela acção inversa.
 - 1.3. PASSAR POR PINO, seguido de cambalhota à frente, partindo da posição de deitado ventral no plinto, deslizando para apoio das mãos no colchão (sem avanço dos ombros).
 - 1.4. SALTAR AO EIXO por cima de um companheiro após corrida de balanço e chamada a pés juntos, passando com os membros inferiores bem afastados e chegando ao solo em equilíbrio.
 - 1.5. COMBINAR posições de equilíbrio estático, com marcha lateral, para trás e para a frente, e «meias-voltas».
 - 1.6. LANÇAR E RECEBER O ARCO na vertical, com cada uma das mãos, evitando que toque no solo.
 - 1.7. LANÇAR O ARCO para a frente, no solo, fazendo-o voltar para trás, seguido de salto para que o arco passe por entre as suas pernas, agarrando-o atrás do corpo com uma das mãos.

3.º e 4.º ANOS

2. Em percursos diversificados, realizar as seguintes habilidades:
 - 2.1. CAMBALHOTA À FRENTE num plano inclinado, terminando com as pernas afastadas e em extensão.

- 2.2. SALTO DE COELHO para o plinto longitudinal, após corrida de balanço e chamada a pés juntos, com apoio na extremidade mais próxima, seguida de SALTO DE EIXO com o apoio das mãos na outra extremidade.
- 2.3. SALTO DE BARREIRA à esquerda e à direita, com apoio das mãos no plinto (baixo), após chamada a pés juntos, com recepção no solo em equilíbrio.
- 2.4. RODA, com apoio alternado das mãos na «cabeça» do plinto (transversal), passando as pernas o mais alto possível, com recepção equilibrada do outro lado em apoio alternado dos pés.
- 2.5. PINO DE CABEÇA aproximando-se da vertical, beneficiando de ajuda de um companheiro ou de apoio no espaldar.
- 2.6. ROLAMENTO À RECTAGUARDA, suspenso na barra, passando as pernas entre os braços, soltando-se com oportunidade para recepção em pé no solo.
- 2.7. BALANÇOS na barra, realizando com coordenação global e oportunidade, os movimentos de fecho e abertura, com saída equilibrada à rectaguarda.
- 2.8. SUBIR E DESCER o espaldar e DESLOCAR-SE para ambos os lados de costas para o espaldar.
- 2.9. DESLOCAR-SE ao longo da barra, nos dois sentidos, em suspensão pelas mãos e pernas (cruzadas), de costas para o solo.
- 2.10. SUBIR E DESCER uma corda suspensa, sem nós, pela acção coordenada dos membros inferiores e superiores.
- 2.11. SALTAR À CORDA em corrida e no local (a pés juntos e pé coxinho), com coordenação e fluidez de movimentos.
- 2.12. SALTAR À CORDA, movimentada pelos companheiros, entrando e saindo sem lhe tocar.
- 2.13. LANÇAR E RECEBER O ARCO com as duas mãos, no plano horizontal, posicionando-se para ficar dentro do arco na recepção.
- 2.14. ROLAR A BOLA sobre diferentes superfícies do corpo, controlando o seu movimento pelo ajustamento dos segmentos corporais.

4.º ANO

3. Combinar as seguintes habilidades, realizando-as em sequências adequadas:
 - 3.1. CAMBALHOTA À RECTAGUARDA, com repulsão dos braços na parte final terminando com os pés juntos na direcção do ponto de partida.
 - 3.2. SUBIDA PARA PINO apoiando as mãos no colchão e os pés num plano vertical, recuando as mãos e subindo gradualmente o apoio dos pés, aproximando-se da vertical (mantendo o olhar dirigido para as mãos), seguido de cambalhota à frente.
 - 3.3. SALTAR para o espaldar, apoiando simultaneamente os pés e as mãos, virar-se de costas e saltar para o colchão com meia-volta, com recepção equilibrada.
 - 3.4. SALTO DE EIXO no boque, após corrida de balanço e chamada a pés juntos, passando com a bacia elevada e os membros inferiores bem afastados, com recepção equilibrada.
 - 3.5. COMBINAR posições de equilíbrio estático com marcha lateral, para trás e para a frente, voltas e saltos simples com recepção equilibrada, na trave baixa ou banco sueco.
 - 3.6. RODAR O ARCO à volta do corpo, mantendo o movimento por ondulações do corpo.
 - 3.7. POSIÇÕES DE FLEXIBILIDADE variadas (afastamento lateral e frontal das pernas em pé e no chão, com máxima inclinação do tronco; «mata-borrão»; etc.).

BLOCO 4 — JOGOS

Σ Participar em jogos ajustando a iniciativa própria, e as qualidades motoras na prestação, às possibilidades oferecidas pela situação de jogo e ao seu objectivo, realizando habilidades básicas e acções técnico-tácticas fundamentais, com oportunidade e correcção de movimentos.

1.º e 2.º ANOS

1. Praticar jogos infantis, cumprindo as suas regras, seleccionando e realizando com intencionalidade e oportunidade as acções características desses jogos, designadamente:

Σ posições de equilíbrio;

Σ deslocamentos em corrida com «fintas» e «mudanças de direcção» e de velocidade;

Σ combinações de apoios variados associados com corrida, marcha e voltas;

Σ lançamentos de precisão e à distância;

Σ pontapés de precisão e à distância.

3.º ANO

2. Nos jogos colectivos com bola, tais como: RABIA, JOGO DE PASSES, BOLA AO POSTE, BOLA AO CAPITÃO, BOLA NO FUNDO, agir em conformidade com a situação:
 - 2.1. Se tem a bola, PASSAR a um companheiro que esteja liberto, respeitando o limite dos apoios estabelecidos.
 - 2.2. RECEBER activamente a bola com as duas mãos, quando esta lhe é dirigida ou quando a interceptar.
3. Em concurso/exercício individual e ou a pares:
 - 3.1. Fazer TOQUES DE SUSTENTAÇÃO para o companheiro, com as mãos, antebraços e ou cabeça, posicionando-se no ponto de queda da bola, para a devolver.

- 3.2. Impulsionar uma bola de espuma para a frente e para cima, posicionando-se para a «BATER» com a outra mão acima do plano da cabeça, e ao nível dos joelhos, numa direcção determinada.
- 3.3. Realizar BATIMENTOS de bola de espuma com raquete, contra a parede, à esquerda e à direita, num plano à frente do corpo, posicionando-se consoante o lado, para devolver a bola após um ressalto no solo.
4. Em situação de exercício de Futebol — contra um guarda-redes:
 - 4.1. CONDUZIR a bola progredindo para a baliza, com pequenos toques da parte interna e externa dos pés, mantendo a bola controlada, e REMATAR acertando na baliza.
 - 4.2. Com um companheiro, PASSAR E RECEBER a bola com a parte interna dos pés, progredindo para a baliza e REMATAR, acertando na baliza.

3.º e 4.º ANOS

5. Cooperar com os companheiros procurando realizar as acções favoráveis ao cumprimento das regras e do objectivo do jogo. Tratar os colegas de equipa e os adversários com igual cordialidade e respeito, evitando acções que ponham em risco a sua integridade física.
6. No jogo do MATA, com bola ou ringue:
 - 6.1. Em posse da bola, PASSAR a um companheiro ou REMATAR (para acertar no adversário), de acordo com as posições dos jogadores. Criar condições favoráveis a estas acções, utilizando fintas de passe ou de remate.
 - 6.2. CRIAR LINHAS DE PASSE para receber a bola deslocando-se e utilizando fintas, se necessário.
 - 6.3. Optar por INTERCEPTAR o passe ou ESQUIVAR-SE, quando a sua equipa não tem bola, deslocando-se na sua área, com oportunidade, conforme a circulação da bola.
7. Em concurso individual e ou a pares (Futebol):
 - 7.1. PONTAPEAR a bola, parada e em movimento, com a parte antero-superior e antero-interna do pé, após duas ou três passadas de balanço, colocando correctamente o apoio, imprimindo à bola uma trajectória alta e comprida, na direcção de um alvo.

- 7.2. Manter a bola no ar, com TOQUES DE SUSTENTAÇÃO com os pés, coxa e ou cabeça, posicionando-se de modo a dar continuidade à acção.
- 7.3. CABECEAR a bola (com a testa), em posição frontal à baliza, após passe com as mãos (lateral) de um companheiro, acertando na baliza.
8. No jogo da ROLHA :
 - 8.1. Na situação de atacante («caçador»):
 - Σ Escolher e PERSEGUIR um dos fugitivos para o tocar, utilizando mudanças de direcção e velocidade, procurando desviá-lo para perto das linhas limites do campo;
 - Σ Ao «guardar» um fugitivo já apanhado, enquadrando-se para impedir que outros o «salvem».
 - 8.2. Em situação de defesa:
 - Σ FUGIR E ESQUIVAR-SE do «caçador», utilizando mudanças de direcção e velocidade, evitando colocar-se perto das linhas limites do campo;
 - Σ Coordenar a sua acção com um companheiro criando situações de superioridade numérica (2 ¥ 1) para «salvar» um fugitivo «apanhado».
9. No jogo «PUXA-EMPURRA»:
 - 9.1. Respeitar as regras de segurança estabelecidas e a integridade física do parceiro, mesmo à custa da sua vantagem.
 - 9.2. Colocar o parceiro fora dos limites de um quadrado ou círculo, puxando-o ou empurrando-o directamente ou em rotação, pelos braços e ou tronco, aproveitando a acção do oponente.
 - 9.3. Evitar ser colocado fora do quadrado ou círculo «esquivando-se» às acções do parceiro, aproveitando-se para passar ao ataque.
10. Em concurso individual:
 - 10.1. SALTAR EM COMPRIMENTO após corrida de balanço e chamada a um pé numa zona, com queda na caixa de saltos ou colchão fixo (recepção a dois pés).
 - 10.2. SALTAR EM ALTURA após curta corrida de balanço e chamada a um pé, passando o elástico com salto de «tesoura», com recepção equilibrada.
 - 10.3. LANÇAR A BOLA (tipo ténis) em distância, após curta corrida de balanço e ter «armado» o braço, em extensão, à rectaguarda.

11. Em corrida de estafetas, realizar o seu percurso rapidamente, entregando e recebendo o testemunho em movimento e com segurança.
12. Em concurso a pares, com uma raqueta e uma bola (tipo ténis), DEVOLVER a bola ao companheiro, após ressalto numa zona à frente do corpo, em equilíbrio, dando continuidade ao movimento do braço.
13. Em concurso individual de Voleibol SUSTENTAR a bola/balão com toques de dedos (com as duas mãos acima da cabeça), com flexão e extensão de braços e pernas, posicionando-se no ponto de queda da bola.

4.º ANO

14. Nos jogos colectivos com bola, tais como: RABIA, JOGO DE PASSES, BOLA AO POSTE, BOLA AO CAPITÃO, BOLA NO FUNDO, agir em conformidade com a situação:
 - 14.1. RECEBER a bola com as duas mãos, ENQUADRAR-SE ofensivamente e PASSAR a um companheiro desmarcado utilizando, se necessário, fintas de passe e rotações sobre um pé.
 - 14.2. DESMARCAR-SE para receber a bola, criando linhas de passe, fintando o seu adversário directo.
 - 14.3. MARCAR o adversário escolhido quando a sua equipa perde a bola.
15. Em situação de exercício (com superioridade numérica dos atacantes — 3 ✕ 1 ou 5 ✕ 2) e de jogo de Futebol 4 ✕ 4 (num espaço amplo), com guarda-redes:
 - 15.1. Aceitar as decisões da arbitragem e adequar as suas acções às regras do jogo: início e recomeço do jogo, marcação de golos, bola fora, lançamento pela linha lateral, lançamento da baliza, principais faltas, marcação de livres e de grande penalidade.
 - 15.2. RECEBER a bola controlando-a e ENQUADRAR-SE ofensivamente, optando, conforme a leitura da situação, por:
 - Σ REMATAR, se tem a baliza ao seu alcance;
 - Σ PASSAR a um companheiro desmarcado;

- Σ CONDUZIR a bola na direcção da baliza, para REMATAR (se entre-
tanto conseguiu posição) ou PASSAR.
- 15.3. DESMARCAR-SE após passe e para se libertar do defensor, criando
linhas de passe, ofensivas de apoio procurando o espaço livre.
ACLARAR o espaço de penetração do jogador com a bola.
- 15.4. Na defesa, MARCAR o adversário escolhido.
- 15.5. Como guarda-redes, ENQUADRAR-SE com a bola para impedir o
«golo». Ao recuperar a bola, PASSAR a um jogador desmarcado.
16. No jogo «BITOQUE» RAGUEBI:
- 16.1. RECEBER a bola controlando-a e ENQUADRAR-SE ofensivamente,
optando, conforme a sua leitura da situação de jogo, por:
Σ PROGREDIR para finalizar (ensaio), utilizando, se necessário, fintas
e mudanças de direcção;
Σ PASSAR a um companheiro em posição favorável.
- 16.2. PASSAR a bola a um companheiro ou deixá-la cair na vertical, quando
é tocado pelo opositor («bitoque»).
- 16.3. CRIAR LINHAS DE PASSE para receber a bola, deslocando-se ao
lado ou atrás do companheiro com bola.
- 16.4. Quando a sua equipa não tem bola, deslocar-se para INTERCEPTAR
o passe ou TOCAR com as duas mãos («bitoque») nas coxas ou cin-
tura do adversário obrigando-o a passar ou largar a bola.
17. Com uma raquete e uma bola (tipo ténis), em concurso individual ou a
pares, impulsionar a bola na vertical e BATÊ-LA acima da cabeça, imprim-
indo à bola uma trajectória tensa, numa direcção determinada.
18. Em situação de concurso em grupos de quatro (dois de cada lado da rede),
JOGAR com os companheiros efectuando TOQUES COM AS DUAS MÃOS
(por cima) e/ou TOQUES POR BAIXO COM OS ANTEBRAÇOS (estendidos),
para manter a bola no ar, com número limitado de toques sucessivos de
cada lado.

BLOCO 5 — PATINAGEM

Σ Patinar com equilíbrio e segurança, ajustando as suas acções para orientar o seu deslocamento com intencionalidade e oportunidade na realização de percursos variados.

3.º e 4.º ANOS

1. Em patins, cumprindo as regras de segurança própria e dos companheiros, realizar com coordenação global e fluidez de movimentos, percursos, jogos de perseguição ou estafetas em que se combinem as habilidades aprendidas anteriormente e as seguintes:
 - 1.1. ARRANCAR para a frente, para a esquerda e para a direita, apoiando o patim na direcção desejada e impulsionando-se pela colocação do peso do corpo sobre esse apoio, coordenando a acção dos membros inferiores com a inclinação do tronco.
 - 1.2. DESLIZAR para a frente sobre um apoio, flectindo a perna livre (com o patim à altura do joelho da outra perna) mantendo a figura e o controlo do deslocamento em equilíbrio («Quatro»).
 - 1.3. DESLIZAR para trás com os patins paralelos, após impulso inicial de um colega ou na parede.
 - 1.4. DESLIZAR para a frente e também para trás, afastando e juntando respectivamente as pontas dos pés e os calcanhares (desenhando um encadeamento de círculos).
 - 1.5. CURVAR com «CRUZAMENTO DE PERNAS», cruzando a perna do lado de fora da curva e realizando esse apoio à frente e «por dentro» do apoio anterior.
 - 1.6. TRAVAR em (ou após passar a) DESLIZE PARA TRÁS apoiando o travão no solo e ficando em condições de iniciar novo deslize.
 - 1.7. TRAVAR DE LADO, com os patins paralelos e afastados, levando o patim de «fora» a descrever uma curva mais ampla, colocando o peso do corpo no patim de dentro e pressionando o patim de «fora» contra o solo, até à imobilização total.
 - 1.8. «MEIA-VOLTA», em deslocamento para a frente ou para trás, invertendo a orientação corporal e continuando o deslize no mesmo sentido.

2. Em concurso ou exercício individual, DESLIZAR com os dois pés sobre o «skate» após impulso de um ou outro pé, realizando um trajecto com mudanças de direcção e curvas, mantendo o equilíbrio.

BLOCO 6 — ACTIVIDADES RÍTMICAS EXPRESSIVAS (DANÇA)

Σ Combinar deslocamentos, movimentos não locomotores e equilíbrios adequados à expressão de motivos ou temas combinados com os colegas e professor, de acordo com a estrutura rítmica e melodia de composições musicais.

1.º, 2.º, 3.º e 4.º ANOS

1. Em situação de exploração individual do movimento, de acordo com a marcação rítmica do professor e ou dos colegas:
 - 1.1. Deslocar-se em toda a área (percorrendo todas as direcções, sentidos e zonas), nas diferentes formas de locomoção, no ritmo-sequência dos apoios correspondente à marcação dos diferentes compassos simples (binário, ternário e quaternário), combinando «lento-rápido», «forte-fraco» e «pausa-contínuo»:
 - 1.1.1. Combinar o andar, o correr, o saltitar, o deslizar, o saltar, o cair, o rolar, o rastejar, o rodopiar, etc., em todas as direcções e sentidos definidos pela orientação corporal.
 - 1.1.2. Realizar saltos de pequena amplitude, no lugar, a andar e a correr em diferentes direcções e sentidos definidos pela orientação corporal, variando os apoios (dois-dois, um-dois, dois-um, um-mesmo, um-outro).
 - 1.1.3. Utilizar combinações pessoais de movimentos locomotores e não locomotores para expressar a sua sensibilidade a temas sugeridos pelo professor (imagens, sensações, emoções, histórias, canções, etc.), que inspirem diferentes modos e qualidades de movimento.

2.º, 3.º e 4.º ANOS

2. Em situação de exploração individual do movimento, com ambiente musical adequado, a partir de movimentos dados pelo professor (e ou sugeridos pelos alunos), seguindo timbres diversificados e a marcação rítmica:
 - 2.1. Realizar equilíbrios associados à dinâmica dos movimentos, definindo uma «figura livre» (à sua escolha), durante cada pausa da música, da marcação ou outro sinal combinado.

- 2.2. Acentuar determinado estímulo musical com movimentos locomotores e não locomotores dissociando a acção das diferentes partes do corpo.

3.º e 4.º ANOS

3. Em situação de exploração da movimentação em grupo, com ambiente musical adequado e ou de acordo com a marcação rítmica do professor ou dos colegas:
- 3.1. Combinar habilidades motoras referidas em 1. e 2., seguindo a evolução do grupo em rodas e linhas (simples ou múltiplas), espirais, ziguezague, estrela, quadrado, etc.
- 3.2. Ajustar a sua acção às alterações ou mudanças da formação, associadas à dinâmica proposta pela música, evoluindo em todas as zonas e níveis do espaço.

4.º ANO

4. Em situação de exploração do movimento a pares, com ambiente musical adequado:
- 4.1. Utilizar movimentos locomotores e não locomotores, pausas e equilíbrios, e também o contacto com o parceiro, «conduzindo» a sua acção, «facilitando» e «esperando» por ele se necessário.
- 4.2. Seguir a movimentação do companheiro, realizando as mesmas acções com as mesmas qualidades de movimento.
5. Em situação de exercitação, com ambiente/marcação musical adequados, aperfeiçoar a execução de frases de movimento, dadas pelo professor, integrando as habilidades motoras referidas atrás, com fluidez de movimentos e em sintonia com a música.
6. Criar pequenas sequências de movimentos a partir de 1.1.3., individualmente, a pares ou grupos, e apresentá-las na turma, com ambiente musical escolhido pelos alunos, com o apoio do professor.

BLOCO 7 — PERCURSOS NA NATUREZA

Σ Escolher e realizar habilidades apropriadas em percursos na natureza, de acordo com as características do terreno e os sinais de orientação, colaborando com os colegas e respeitando as regras de segurança e preservação do ambiente.

1.º e 2.º ANOS

1. Realizar um percurso na mata, bosque, montanha, etc., com o acompanhamento do professor, em corrida e em marcha, combinando as seguintes habilidades: correr, marchar em espaço limitado, transpor obstáculos, trepar, etc., mantendo a percepção da direcção do ponto de partida e indicando-a quando solicitado.

3.º e 4.º ANOS

2. Colaborar com a sua equipa interpretando sinais informativos simples (no percurso e no mapa), para que esta, acompanhada pelo professor e colaboradores, cumpra um percurso na mata, bosque, montanha, etc., combinando as habilidades aprendidas anteriormente, mantendo a percepção da direcção do ponto de partida e outros pontos de referência.

BLOCO 8 — NATAÇÃO (PROGRAMA OPCIONAL)

NÍVEL INTRODUTÓRIO

1. Em piscina com pé, em situação de exercício ou de jogo, utilizando objectos variados flutuantes e submersos:
 - 1.1. Coordenar a inspiração e a expiração em diversas situações simples com e sem apoios, fazendo a inspiração curta e a expiração completa activa e prolongada só pela boca, só pelo nariz e simultaneamente pelas duas vias.
 - 1.2. Flutuar em equilíbrio, em diferentes posições partindo de apoio de pés e mãos para a flutuação vertical e horizontal (facial e dorsal). Combinar as posições de flutuação em sequências (coordenando essas mudanças com os movimentos da cabeça e respiração): vertical-horizontal, horizontal facial-dorsal.
 - 1.3. Associar o mergulho às diferentes posições de flutuação abrindo os olhos durante a imersão para se deslocar com intencionalidade em tarefas simples (apanhar objectos, seguir colegas, etc.), a vários níveis de profundidade.
 - 1.4. Deslocar-se em flutuação, coordenando as acções propulsivas das pernas e braços com a respiração em diferentes planos de água e eixos corporais, explorando a resistência da água e orientando-se com intencionalidade para transportar, receber e passar objectos, seguir colegas, etc.
 - 1.5. Saltar para a piscina, partindo de posições e apoios variados (pés, pés e mãos, joelhos, frontal e lateral), mergulhando para apanhar um objecto no fundo e voltar para uma posição de flutuação.

NÍVEL ELEMENTAR

1. Em piscina com pé, em situação de exercício ou de jogo:
 - 1.1. Coordenar e combinar a inspiração e a expiração em diversas situações propulsivas complexas de pernas e de braços (percursos aquáticos, situações de equilíbrio com mudanças de direcção e posição e outras situações inabituais).

- 1.2. Realizar os modos de respiração dos estilos «crol» e «costas», associado aos movimentos propulsivos.
- 1.3. Coordenar a expiração com a imersão, em exercícios de orientação, equilíbrio, propulsão, respiração e salto realizados nos planos de água superficial, médio e profundo.
- 1.4. Deslocar-se em posição dorsal e ventral, diferenciando as fases de entrada das mãos, trajecto propulsivo e recuperação de acordo com os estilos de «costas» e «crol», com ritmo e velocidade adequados aos movimentos propulsivos de braços e pernas e posição da cabeça, coordenadas com a respiração nos respectivos estilos.
- 1.5. Saltar de cabeça a partir da posição de pé (com e sem ajuda) fazendo o impulso com extensão do corpo e entrando na água em trajectória oblíqua.
- 1.6. Saltar a partir de pé (para zona baixa e profunda), entrando na água o mais longe possível, executando diferentes rotações em trajectória aérea, sobre os eixos longitudinal e transversal.

NÍVEL AVANÇADO

1. Nadar um percurso de 50 metros no estilo «crol», com amplitude de movimentos e continuidade das acções motoras, cumprindo as seguintes exigências técnicas:
 - Σ manter a elevação do cotovelo até à entrada da mão na água no prolongamento do ombro e o mais longe possível, iniciando de imediato o trajecto propulsivo, com saída da mão ao nível da coxa,
 - Σ realizar os batimentos de pernas sem quebra de ritmo no momento da inspiração;
 - Σ efectuar a respiração com rotação da cabeça (sem elevação exagerada), inspiração no final da puxada e expiração completa durante a imersão da cabeça.
2. Nadar um percurso de 50 metros no estilo de «costas», com amplitude de movimentos e continuidade das acções motoras, mantendo a cabeça no prolongamento do corpo evitando a imersão exagerada da bacia, cumprindo as seguintes exigências:
 - Σ realizar a entrada da mão na água, no prolongamento do ombro, pelo dedo mínimo e com o braço em extensão completa;

- Σ realizar o movimento de pernas a partir da coxa, com extensão activa da perna e pé na fase ascendente;
 - Σ realizar a inspiração no momento em que um dos braços inicia a fase aérea, prolongando a expiração até ao final do trajecto propulsivo do membro superior, mantendo fixa a posição da cabeça.
3. Nadar um percurso de 50 metros no estilo de «bruços», mantendo a amplitude de movimentos e continuidade das acções motoras, cumprindo as seguintes exigências:
 - Σ evitar a paragem do movimento entre a fase propulsiva (que se inicia com braços em extensão completa) e a fase de recuperação. Durante a fase de «tracção» manter os braços flectidos, elevando os cotovelos, sem ultrapassar a linha dos ombros;
 - Σ manter os joelhos mais juntos que os calcanhares, evitando o seu afundamento. Extensão completa e activa das pernas na fase propulsiva, flectindo os pés para oferecerem maior superfície ao «empurrar a água»;
 - Σ inspirar no final da acção propulsiva dos braços, sem bloquear os movimentos das pernas e braços.
 4. Nadar 25 metros no estilo «mariposa», mantendo a amplitude e continuidade das acções motoras, cumprindo as seguintes exigências:
 - Σ entrada das mãos na água (à largura dos ombros e com elevação dos cotovelos) após imersão da cabeça. Posição das mãos por forma a oferecer a maior superfície de contacto e saída ao nível das coxas. Aceleração progressiva do movimento dos braços até ao final do trajecto propulsivo;
 - Σ movimento de pernas com início na bacia, com dois batimentos por cada ciclo de braços (forte na fase descendente e fraco na fase ascendente);
 - Σ inspiração à saída dos braços da água com elevação da cabeça à frente e expiração na primeira metade do trajecto subaquático dos braços.
 5. Iniciar as provas ou percursos com partida em salto, cumprindo a trajectória aérea em «arco» e entrando na água por forma a deslizar o mais longe possível, de acordo com o estilo que vai nadar (deslize profundo em «bruços», superficial e intermédio em «mariposa», «crol» e «costas»).
 6. Nos percursos ou situações de prova, utilizar as técnicas de viragem de acordo com a especificidade do estilo que está a nadar, aproximando-se rapidamente da parede e fazendo a viragem por forma a orientar o seu corpo correctamente, permitindo o deslize adequado ao reinício do estilo.

7. Nadar um percurso de 4 × 25 estilos com partida do bloco e execução correcta das viragens, coordenando a respiração e apresentando uma posição hidrodinâmica definida, executando correctamente as acções propulsivas específicas dos estilos de «costas», «bruços», «mariposa» e «crol».

EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO MUSICAL

PRINCÍPIOS ORIENTADORES

A prática do canto constitui a base da expressão e educação musical no 1.º ciclo. É uma actividade de síntese na qual se vivem momentos de profunda riqueza e bem-estar, sendo a voz o instrumento primeiro que as crianças vão explorando.

Através do corpo em movimento, de uma forma espontânea ou nos jogos de roda e nas danças — formas mais organizadas do movimento — as crianças desenvolvem potencialidades musicais múltiplas.

Os instrumentos, entendidos como prolongamento do corpo, são o complemento necessário para o enriquecimento dos meios de que a criança se pode servir nas suas experiências, permitindo ainda conhecer os segredos da produção sonora.

A experimentação e domínio progressivo das possibilidades do corpo e da voz deverão ser feitos através de actividades lúdicas, proporcionando o enriquecimento das vivências sonoro-musicais das crianças.

A participação em projectos pessoais ou de grupo permitirá à criança desenvolver, de forma pessoal, as suas capacidades expressivas e criativas.

A audição ao vivo ou de gravação, o contacto com as actividades musicais existentes na região e a constituição de um reportório de canções do património regional e nacional são referências culturais que a escola deve proporcionar.

BLOCO 1 — JOGOS DE EXPLORAÇÃO

Voz, corpo e instrumentos são os recursos a desenvolver através de jogos de exploração. Estes devem partir das vivências sonoro-musicais visando o seu domínio, com forte acentuação em actividades lúdicas, por forma a evitar situações de puro exercício que afastam as crianças.

O desenvolvimento da musicalidade é um processo gradual, dependente do domínio de capacidades instrumentais, da linguagem adequada, do gosto pela exploração, da capacidade de escutar¹.

Os jogos de exploração para cada uma das rubricas indicadas vão assim ganhando complexidade por forma a responder ao desenvolvimento das capacidades musicais referidas.

Há que atender à singularidade musical de cada criança, dando-lhe oportunidade de desenvolver, à sua maneira, as propostas e projectos próprios e do professor.

Voz, corpo e instrumentos formam um todo, sendo a criança solicitada a utilizá-los de forma integrada, harmoniosa e criativa.

VOZ

Instrumento primordial, é na criança um modo natural de se expressar e comunicar, marcado pela vivência familiar e pela cultura.

A entoação, a extensão vocal, o timbre, a expressão, a capacidade de inventar e reproduzir melodias, com e sem texto, a aquisição de um repertório de canções, rimas e lengalengas, são partes constituintes de um modo pessoal de utilizar a voz.

A dificuldade ou menor interesse da criança por uma ou mais das partes referidas não deve ser entendida como uma menor musicalidade, devendo o professor procurar ajudar a criança a ultrapassar essas dificuldades ou falta de interesse.

As situações musicais vivenciadas pela criança na escola são a melhor forma de proporcionar o desenvolvimento dos aspectos essenciais da voz, a par com o seu desenvolvimento global.

¹ Atenda-se que «escutar» é um processo pessoal complexo e evolutivo, dependendo da sensibilidade e experiência e actuando como um filtro perante o mundo sonoro em que alguns sons despertam especial interesse ou ganham significado. A musicalidade, bem como as capacidades de dançar ou comunicar pela palavra, está estreitamente ligada ao desenvolvimento dessa capacidade.

	1	2	3	4
Σ Dizer rimas e lengalengas	*	*	*	*
Σ Entoar rimas e lengalengas	*	*	*	*
Σ Cantar canções	*	*	*	*
Σ Reproduzir pequenas melodias	*	*	*	*
Σ Experimentar sons vocais (todos os que a criança é capaz de produzir)	*	*	*	*

CORPO

Sentir, no corpo em movimento, o som e a música é, na criança, uma forma privilegiada e natural de expressar e comunicar cineticamente o que ouve.

Todos os matizes sonoros podem assim ser vivenciados, sendo, para a maioria das crianças, a melhor forma de sentir e conhecer a música.

O movimento, a dança, a percussão corporal são meios de que o professor dispõe para, com pleno agrado das crianças, desenvolver a sua musicalidade.

	1	2	3	4
Σ Experimentar percussão corporal, batimentos, palmas,...	*	*	*	*
Σ Acompanhar canções com gestos e percussão corporal	*	*	*	*
Σ Movimentar-se livremente a partir de:				
sons vocais e instrumentais	*	*	*	*
melodias e canções	*	*	*	*
gravações	*	*	*	*
Σ Associar movimentos a:				
pulsção, andamento, dinâmica	*	*	*	*
acentuação, divisão binária/ternária, dinâmica	*	*	*	*
Σ Fazer variações bruscas de andamento (rápido, lento) e intensidade (forte, fraco)	*	*	*	*

	1	2	3	4
Σ Fazer variações graduais de andamento («acelerando», «retardando») e de intensidade (aumentar, diminuir)	*	*	*	*
Σ Participar em coreografias elementares inventando e reproduzindo gestos movimentos, passos	*	*	*	*

INSTRUMENTOS

As qualidades sonoras de materiais e objectos são ponto de partida para jogos de exploração em que a criança selecciona, experimenta e utiliza o som.

Ao juntar diferentes elementos², introduzindo-lhes modificações, inicia a construção de fontes sonoras elementares, de sua iniciativa ou por sugestão do professor.

Os brinquedos musicais regionais da tradição popular portuguesa merecem especial referência por poderem ser integrados nos instrumentos musicais elementares. O recurso a artífices, a familiares das crianças, a fabricantes de instrumentos e brinquedos musicais da região, são uma preciosa ajuda para o professor.

Nos instrumentos musicais não construídos pelas crianças, estão incluídos os instrumentos musicais didácticos, caso as escolas estejam equipadas, e também alguns brinquedos musicais generalizados no País, passíveis de uma utilização de grande interesse educativo. Casos haverá em que as crianças possuem ou têm acesso a instrumentos musicais, que podem trazer e tocar na escola.

	1	2	3	4
Σ Experimentar as potencialidades sonoras de materiais e objectos	*	*	*	*
Σ Construir fontes sonoras elementares introduzindo modificações em materiais e objectos		*	*	*
Σ Construir instrumentos musicais elementares seguindo indicações ordenadas de construção			*	*
Σ Utilizar instrumentos musicais	*	*	*	*

² Madeiras, canas, cordas, peles, esferovites, etc.

BLOCO 2 — EXPERIMENTAÇÃO, DESENVOLVIMENTO E CRIAÇÃO MUSICAL

Sendo os jogos de exploração a base do desenvolvimento das capacidades musicais, devem ser gradualmente complementadas por propostas visando o domínio de aspectos essenciais à vivência musical da criança na escola:

- *desenvolvimento auditivo;*
- *expressão e criação musical;*
- *representação do som.*

DESENVOLVIMENTO AUDITIVO

Aprender a escutar, dar nome ao que se ouve, relacionar e organizar sons e experiências realizadas, são capacidades essenciais à formação musical da criança.

Os jogos de exploração e vivências musicais são pontos de partida para a aquisição de conceitos que enriquecem a linguagem e pensamento musical.

	1	2	3	4
Σ Identificar sons isolados:				
do meio próximo	*	*	*	*
da natureza	*	*	*	*
Σ Identificar ambientes/texturas sonoras:				
do meio próximo	*	*	*	*
da natureza	*	*	*	*
Σ Identificar e marcar a pulsação e/ou ritmo de:				
lengalengas, canções, melodias e danças,				
utilizando percussão corporal, instrumentos,	*	*	*	*
voz, movimento				
Σ Reconhecer ritmos e ciclos:				
da vida (pulsação, respiração,...)			*	*
da natureza (noite-dia, estações do ano,...)			*	*
de máquinas e objectos			*	*
de formas musicais (AA, AB, ABA,...)			*	*

	1	2	3	4
Σ Reproduzir com a voz ou com instrumentos: sons isolados, motivos, frases, escalas, agregados sonoros, canções e melodias (cantadas ou tocadas, ao vivo ou de gravação)	*	*	*	*
Σ Organizar, relacionar e classificar conjuntos de sons segundo:				
timbre		*	*	*
duração		*	*	*
intensidade		*	*	*
altura		*	*	*
localização		*	*	*
Σ Dialogar sobre:				
meio ambiente sonoro	*	*	*	*
audições musicais			*	*
produções próprias e do grupo	*	*	*	*
encontros com músicos	*	*	*	*
sonoplastia nos meios de comunicação com que tem contacto (rádio, televisão, cinema, teatro,...)				*

EXPRESSÃO E CRIAÇÃO MUSICAL

As actividades musicais a desenvolver devem atender à necessidade de a criança participar em projectos que façam apelo às suas capacidades expressivas e criativas.

Pretende-se também que a criança seja capaz, por si só ou em grupo, de desenvolver projectos próprios, contando com a ajuda do professor na escolha e domínio dos meios utilizados.

	1	2	3	4
Σ Utilizar diferentes maneiras de produzir sons:				
com a voz		*	*	*
com percussão corporal		*	*	*
com objectos		*	*	*
com instrumentos musicais			*	*
com aparelhos electro-acústicos				*
Σ Inventar texturas/ambientes sonoros			*	*
Σ Utilizar texturas/ambientes sonoros em:				
canções		*	*	*
danças		*	*	*
histórias			*	*
dramatizações			*	*
gravações			*	*
Σ Adaptar:				
textos para melodias		*	*	*
melodia para textos			*	*
textos para canções			*	*
Σ Utilizar o gravador para registar produções próprias e do grupo			*	*
Σ Organizar sequências de movimentos (coreografias elementares) para sequências sonoras			*	*
Σ Organizar sequências sonoras para sequências de movimentos			*	*
Σ Participar em danças de roda, de fila,..., tradicionais, infantis	*	*	*	*
Σ Participar em danças do repertório regional e popularizadas			*	*

REPRESENTAÇÃO DO SOM

A representação gráfica do som faz parte de um percurso que se inicia pelo registo do gesto livre, ganha gradualmente concisão e poder comunicativo, organizando-se em conjuntos de sinais e símbolos.

A utilização de símbolos de leitura e escrita musical e o domínio de gés-tica adequada, decorrentes da prática musical contemporânea deve, quando possível, ser integrada.

	1	2	3	4
Σ Inventar/utilizar gestos, sinais e palavras para expressar/comunicar:				
timbre		*	*	*
intensidade		*	*	*
duração		*	*	*
altura		*	*	*
pulsação		*	*	*
andamento		*	*	*
dinâmica		*	*	*
Σ Inventar/utilizar códigos para representar o som da voz, corpo e instrumentos		*	*	*
Σ Inventar/utilizar códigos para representar sequências e texturas sonoras			*	*
Σ Utilizar vocabulário adequado a situações sonoro/musicais vivenciadas		*	*	*
Σ Identificar e utilizar gradualmente/dois símbolos de leitura e escrita musical ³			*	*
Σ Contactar com várias formas de representação sonoro/musical:				
em partituras adequadas ao seu nível etário			*	*
em publicações musicais			*	*
nos encontros com músicos			*	*

³ Sempre que o professor domine a nomenclatura convencionada.

EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO DRAMÁTICA

PRINCÍPIOS ORIENTADORES

As actividades de exploração do corpo, da voz, do espaço, de objectos, são momentos de enriquecimento das experiências que as crianças espontaneamente fazem nos seus jogos.

A exploração de situações imaginárias, a partir de temas sugeridos pelos alunos ou propostos pelo professor, dará oportunidade a que a criança, pela vivência de diferentes papéis, se reconheça melhor e entenda melhor o outro.

Os jogos dramáticos permitirão que os alunos desenvolvam progressivamente as possibilidades expressivas do corpo — unindo a intencionalidade do gesto e/ou a palavra, à expressão, de um sentimento, ideia ou emoção. Nos jogos dramáticos as crianças desenvolvem acções ligadas a uma história ou a uma personagem que as colocam perante problemas a resolver: problemas de observação, de equilíbrio, de controlo emocional, de afirmação individual, de integração no grupo, de desenvolvimento de uma ideia, de progressão na acção.

Será de evitar a memorização de textos desajustados ao seu nível etário, a excessiva repetição e ensaio em função de representações ou o desenvolvimento de gestos e posturas estereotipadas. Pretende-se fundamentalmente que as crianças experimentem, através de diferentes meios, expressar a sua sensibilidade e desenvolver o seu imaginário.

BLOCO 1 — JOGOS DE EXPLORAÇÃO

As crianças utilizam naturalmente a linguagem dramática nos seus jogos espontâneos. As actividades de exploração irão permitir que desenvolvam, de forma pessoal, as suas possibilidades expressivas utilizando o corpo, a voz e o espaço e os objectos.

As propostas do professor, partindo de temas ligados a vivências infantis, não deverão ter o carácter de exercícios mas o de actividades lúdicas que visem enriquecer a capacidade da criança se expressar e comunicar.

As actividades propostas ao grupo de crianças devem ser, preferencialmente, para exploração individual. As crianças, embora sejam solicitadas a experimentar, de uma forma mais específica, diferentes possibilidades de utilizar o corpo, a voz e o espaço, irão realizá-las de forma global e integrada.

CORPO

A variedade e a riqueza de sugestões a nível do imaginário devem ser características das situações propostas para explorar as possibilidades expressivas do corpo.

Através de jogos de imaginação, todos do agrado das crianças, deverão ser vivenciadas diferentes formas e atitudes corporais assim como maneiras pessoais de desenvolver um movimento.

	1	2	3	4
Σ Movimentar-se de forma livre e pessoal:				
sozinho	*	*	*	*
aos pares	*	*	*	*
Σ Explorar as atitudes de:				
imobilidade-mobilidade, contracção-descontracção, tensão-relaxamento	*	*	*	*
Σ Explorar a respiração torácica e abdominal	*	*	*	*
Σ Explorar o movimento global do seu corpo da menor à maior amplitude	*	*	*	*
Σ Explorar os movimentos segmentares do corpo	*	*	*	*

	1	2	3	4
Σ Explorar as diferentes possibilidades expressivas, imaginando-se com outras características corporais:				
diferentes atitudes corporais			*	*
diferentes ritmos corporais			*	*
diferentes formas			*	*
diferentes factores de movimento (firme/suave; súbito/sustentado; directo/flexível; controlado/livre)			*	*

VOZ

Explorar as diferentes possibilidades da voz, fazendo variar a emissão sonora e, progressivamente, ir aliando ao som gestos e movimentos é desenvolver factores sempre presentes num jogo dramático.

Os temas propostos deverão estar adequados à idade e experiência das crianças de molde a adquirirem maior confiança e acuidade na utilização da voz como instrumento essencial à expressão e comunicação.

	1	2	3	4
Σ Experimentar maneiras diferentes de produzir sons	*	*	*	*
Σ Explorar sons orgânicos ligados a acções quotidianas	*	*	*	*
Σ Reproduzir sons do meio ambiente	*	*	*	*
Σ Aliar a emissão sonora a gestos/movimentos	*	*	*	*
Σ Explorar a emissão sonora fazendo variar:				
a forma de respirar			*	*
a altura do som			*	*
o volume da voz			*	*
a velocidade			*	*
a entoação			*	*

	1	2	3	4
Σ Explorar diferentes maneiras de dizer vocábulos (dicção)			*	*
Σ Explorar os efeitos de alternância, silêncio-emissão sonora			*	*

ESPAÇO

Para adquirir progressivamente o domínio do espaço, a criança precisa de utilizar, adaptar e recriar.

A partir de uma história ou de uma personagem, os jogos de orientação no espaço, utilizando diferentes níveis e direcções, permitem explorar diferentes maneiras de se deslocar e utilizar o espaço circundante.

	1	2	3	4
Σ Explorar o espaço circundante	*	*	*	*
Σ Adaptar a diferentes espaços os movimentos e a voz			*	*
Σ Explorar deslocações simples seguindo trajectos diversos	*	*	*	*
Σ Explorar diferentes formas de se deslocar: de diferentes seres (reais ou imaginados)	*	*	*	*
em locais com diferentes características	*	*	*	*
Σ Orientar-se no espaço a partir de referências visuais, auditivas, tácteis	*	*	*	*
Σ Deslocar-se em coordenação com um par	*	*	*	*
Σ Explorar diferentes níveis (baixo, médio, alto)	*	*	*	*
Σ Explorar mudanças de nível: individualmente		*	*	*
aos pares		*	*	*
em pequenos grupos			*	*

OBJECTOS

A utilização e a transformação imaginária de um objecto são estímulos à capacidade de recriar ou inventar personagens e de desenvolver situações. Na sala de aula deve existir material diversificado para as crianças utilizarem livremente nas histórias que vão inventando.

	1	2	3	4
Σ Explorar as qualidades físicas dos objectos	*	*	*	*
Σ Explorar as relações possíveis do corpo com os objectos	*	*	*	*
Σ Deslocar-se com o apoio de um objecto:				
individualmente	*	*	*	*
em coordenação com um par	*	*	*	*
Σ Explorar as transformações de objectos:				
imaginando-os com outras características	*	*	*	*
utilizando-os em acções	*	*	*	*
Σ Utilizar objectos dando-lhes atributos imaginados em situações de interacção:				
a dois		*	*	*
em pequeno grupo		*	*	*
Σ Utilizar máscaras, fantoches	*	*	*	*
Σ Inventar e utilizar máscaras, fantoches, marionetas			*	*

BLOCO 2 — JOGOS DRAMÁTICOS

Os jogos de exploração devem ser progressivamente complementados por propostas que contribuam para o desenvolvimento da capacidade de relação e comunicação com os outros.

No desenrolar das propostas ou projectos desenvolvidos em pequenos grupos, deve haver espaço para a improvisação.

A existência de uma caixa de adereços, a manipulação de objectos e de fantoches e a utilização de máscaras estimulam a caracterização de personagens e enriquecem as histórias que as crianças vão construindo.

As crianças gostam de apresentar as suas criações aos companheiros e aos pais. Estes momentos de partilha são também um enriquecimento da experiência pessoal e do grupo, desde que mantenham o carácter de jogo lúdico e não se transformem em representações estereotipadas.

LINGUAGEM NÃO VERBAL

Num jogo dramático estão sempre presentes os sinais exteriores do corpo no espaço, através da mímica, dos gestos, das atitudes, dos movimentos e da utilização de objectos.

As crianças, em interacção, irão explorando a dimensão não-verbal em improvisações que poderão partir de histórias, contos ou situações dramatizadas.

	1	2	3	4
Σ Utilizar espontaneamente, atitudes, gestos, movimentos	*	*	*	*
Σ Reagir espontaneamente, por gestos/ /movimentos a:				
sons	*	*	*	*
palavras	*	*	*	*
ilustrações	*	*	*	*
atitudes, gestos	*	*	*	*
Σ Reproduzir movimentos:				
em espelho		*	*	*
por contraste			*	*

	1	2	3	4
Σ Improvisar individualmente atitudes, gestos, movimentos a partir de diferentes estímulos:				
sonoros ou verbais	*	*	*	*
um objecto real ou imaginado	*	*	*	*
um tema	*	*	*	*
Σ Mimar, a dois ou em pequenos grupos, atitudes, gestos, movimentos ligados a:				
uma acção isolada			*	*
uma sequência de actos (situações recriadas ou imaginadas)			*	*

LINGUAGEM VERBAL

Em actividades colectivas ou de pequeno grupo, as crianças vão-se sensibilizando à utilização de sons, de silêncios e de palavras.

O professor e as crianças poderão propor improvisações a partir de palavras, imagens, objectos ou de um tema.

	1	2	3	4
Σ Participar na elaboração oral de uma história	*	*	*	*
Σ Improvisar um diálogo ou uma pequena história:				
a dois	*	*	*	*
em pequeno grupo			*	*
a partir de:				
uma ilustração	*	*	*	*
uma série de imagens		*	*	*
um som		*	*	*
uma sequência sonora			*	*
um objecto		*	*	*
um tema			*	*

	1	2	3	4
Σ Participar em jogos de associação de palavras por:				
afinidades sonoras			*	*
afinidades semânticas			*	*
Σ Experimentar diferentes maneiras de dizer um texto:				
lendo			*	*
recitando		*	*	
Σ Inventar novas linguagens sonoras ou onomatopaicas			*	*

LINGUAGEM VERBAL E GESTUAL

A utilização simultânea da dimensão verbal e gestual ganha aqui o seu pleno significado. Em interacção, as crianças irão desenvolvendo pequenas improvisações explorando, globalmente, as suas possibilidades expressivas e utilizando-as para comunicar.

	1	2	3	4
Σ Improvisar palavras, sons, atitudes, gestos e movimentos ligados a uma acção precisa:				
em interacção com o outro	*	*	*	*
em pequeno grupo			*	*
Σ Improvisar palavras, sons, atitudes, gestos e movimentos, constituindo sequências de acções — situações recriadas ou imaginadas, a partir de:				
objectos		*	*	*
um local		*	*	*

	1	2	3	4
uma acção		*	*	*
personagens		*	*	*
um tema			*	*
Σ Improvisar situações usando diferentes tipos de máscaras		*	*	*
Σ Utilizar diversos tipos de sombras (chinesas,...)		*	*	*
Σ Inventar, construir e utilizar adereços e cenários			*	*
Σ Elaborar, previamente, em grupo, os vários momentos do desenvolvimento de uma situação			*	*

EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO PLÁSTICA

PRINCÍPIOS ORIENTADORES

A manipulação e experiência com os materiais, com as formas e com as cores permite que, a partir de descobertas sensoriais, as crianças desenvolvam formas pessoais de expressar o seu mundo interior e de representar a realidade.

A exploração livre dos meios de expressão gráfica e plástica não só contribui para despertar a imaginação e a criatividade dos alunos, como lhes possibilita o desenvolvimento da destreza manual e a descoberta e organização progressiva de volumes e superfícies.

A possibilidade de a criança se exprimir de forma pessoal e o prazer que manifesta nas múltiplas experiências que vai realizando, são mais importantes do que as apreciações feitas segundo moldes estereotipados ou de representação realista.

Apesar da sala de aula ser o local privilegiado para a vivência das actividades de expressão plástica, o contacto com a natureza, o conhecimento da região, as visitas a exposições e a artesãos locais, são outras tantas oportunidades de enriquecer e alargar a experiência dos alunos e desenvolver a sua sensibilidade estética.

BLOCO 1 — DESCOBERTA E ORGANIZAÇÃO PROGRESSIVA DE VOLUMES

MODELAGEM E ESCULTURA

As actividades de manipulação e exploração de diferentes materiais moldáveis deverão ser praticadas com frequência pelas crianças no 1.º ciclo. Amassar, separar, esticar, alisar, proporcionam explorações sensoriais importantes, a libertação das tensões e o desenvolvimento da motricidade fina.

O prazer de ir dominando a plasticidade e a resistência dos materiais leva, progressivamente, os alunos a utilizá-los de forma pessoal, envolvendo-se numa actividade criadora.

	1	2	3	4
Σ Explorar e tirar partido da resistência e plasticidade:				
terra, areia	*	*	*	*
barro	*	*	*	*
massa de cores		*	*	
pasta de madeira			*	*
pasta de papel			*	*
Σ Modelar usando apenas as mãos	*	*	*	*
Σ Modelar usando utensílios			*	*
Σ Esculpir em barras de sabão, em cortiça, em cascas de árvore macias			*	*

CONSTRUÇÕES

As crianças necessitam de explorar sensorialmente diferentes materiais e objectos, procurando livremente maneiras de os agrupar, ligar, sobrepor...

Fazer construções permite a exploração da tridimensionalidade, ajuda a desenvolver a destreza manual e constitui um desafio à capacidade de transformação e criação de novos objectos. O carácter lúdico, geralmente associado a estas actividades, garante o gosto e o empenho dos alunos na resolução de problemas com que são confrontados.

O professor irá estimulando, progressivamente, a realização de projectos que poderão ter uma finalidade prática.

	1	2	3	4
Σ Fazer e desmanchar construções	*	*		
Σ Ligar/colar elementos para uma construção		*	*	*
Σ Atar/agrafar/pregar elementos para uma construção			*	*
Σ Desmontar e montar objectos		*	*	*
Σ Inventar novos objectos utilizando materiais ou objectos recuperados	*	*	*	*
Σ Construir:				
brinquedos	*	*	*	*
jogos	*	*	*	*
máscaras	*	*	*	*
adereços	*	*	*	*
fantoques				
instrumentos musicais elementares			*	*
Σ Fazer construções a partir de representação no plano (aldeias, maquetas)		*	*	*
Σ Adaptar e recriar espaços utilizando materiais ou objectos de grandes dimensões (cabanas, casas de bonecas,...)			*	*

BLOCO 2 — DESCOBERTA E ORGANIZAÇÃO PROGRESSIVA DE SUPERFÍCIES

DESENHO

O desenho infantil é uma actividade espontânea. O prazer proporcionado pelo desenrolar do traço é um jogo pessoal que suscita a representação de sensações, experiências e vivências.

Sendo uma das actividades fundamentais de expressão deve ocorrer, ao longo dos quatro anos, com bastante frequência e de uma forma livre, permitindo que a criança desenvolva a sua singularidade expressiva.

Os suportes utilizados não deverão ser de dimensão muito reduzida (inferior a A4), sendo desejável que as crianças escolham os materiais e cores que melhor se adequam à sua sensibilidade.

A pouco e pouco, através da introdução de diferentes materiais/suportes e de actividades sugeridas, nomeadamente ligadas a experiências ocorridas noutras áreas, as crianças poderão aprofundar as suas capacidades de expressão e representação gráficas.

DESENHO DE EXPRESSÃO LIVRE

	1	2	3	4
Σ Desenhar na areia, em terra molhada	*	*	*	*
Σ Desenhar no chão do recreio	*	*	*	*
Σ Desenhar no quadro da sala	*	*	*	*
Σ Explorar as possibilidades técnicas de:				
dedos, paus, giz, lápis de cor, lápis de grafite, carvão, lápis de cera, feltros, tintas, pincéis,...	*	*	*	*
Utilizando suportes de:				
diferentes tamanhos	*	*	*	*
diferentes espessuras	*	*	*	*
diferentes texturas	*	*	*	*
diferentes cores	*	*	*	*

ACTIVIDADES GRÁFICAS SUGERIDAS

	1	2	3	4
Σ Desenhar jogos no recreio		*	*	*
Σ Ilustrar de forma pessoal	*	*	*	*
Σ Inventar sequências de imagens com ou sem palavras			*	*
Σ Criar frisos de cores preenchendo quadrículas	*	*	*	*
Σ Desenhar plantas e mapas			*	*
Σ Contornar objectos, formas, pessoas	*	*	*	*
Σ Utilizar livremente a régua, o esquadro e o compasso			*	*
Σ Desenhar em superfícies não planas			*	*
Σ Desenhar sobre um suporte previamente preparado (com anilinas, tinta de escrever,...)	*	*	*	*

PINTURA

Pintar exige um clima de disponibilidade e de liberdade. O professor deverá ir observando, sem interferir nos aspectos expressivos, como as crianças utilizam o espaço da pintura: como pegam no pincel, preenchem superfícies, como usam a cor e também aperceber-se do ambiente gerado e do tipo de solicitações que lhe fazem.

Inicialmente os suportes a utilizar na pintura deverão ser de cor neutra, de dimensão não inferior a A3 e ligeiramente absorventes. Variar o tamanho, a espessura, a textura e a cor do suporte base são também experiências que o professor deve proporcionar.

À medida que as crianças vão demonstrando mais iniciativa, o professor pode então sugerir outras experiências que permitirão aprofundar a capacidade dos alunos se exprimirem, de forma pessoal, através da pintura.

A organização, conservação e partilha do material de pintura contribuem ainda para as aprendizagens básicas da vida de grupo.

PINTURA DE EXPRESSÃO LIVRE

	1	2	3	4
Σ Pintar livremente em suportes neutros	*	*	*	*
Σ Pintar livremente, em grupo, sobre papel de cenário de grandes dimensões			*	*
Σ Explorar as possibilidades técnicas de: mão, esponjas, trinchas, pincéis, rolos, com pigmentos naturais, guache, aguarela, anilinas, tintas de água...	*	*	*	*

ACTIVIDADES DE PINTURA SUGERIDA

	1	2	3	4
Σ Fazer digitinta	*			
Σ Fazer experiências de mistura de cores		*	*	*
Σ Pintar superfícies e, por descoloração, desenhar		*	*	*
Σ Fazer jogos de simetria dobrando uma superfície pintada		*	*	*
Σ Fazer pintura soprada		*	*	*
Σ Fazer pintura lavada		*	*	*
Σ Pintar utilizando dois materiais diferentes (guache e cola, guache e tinta da china,...)		*	*	*
Σ Pintar cenários, adereços, construções		*	*	*
Σ Pintar em superfícies não planas			*	*

BLOCO 3 — EXPLORAÇÃO DE TÉCNICAS DIVERSAS DE EXPRESSÃO

Durante o 1.º ciclo as crianças deverão ainda desenvolver as suas capacidades expressivas através da utilização de diferentes materiais e técnicas, alargando o campo de experiências e o domínio de outras linguagens expressivas.

Salvaguardando sempre o respeito pela expressividade plástica das crianças, essas actividades poderão partir das solicitações e interesses dos alunos ou de propostas do professor. Estarão normalmente associadas à concretização de projectos individuais ou de grupo e, com frequência, ligados a trabalhos desenvolvidos noutras áreas.

RECORTE, COLAGEM, DOBRAGEM

	1	2	3	4
Σ Explorar as possibilidades de diferentes materiais:				
elementos naturais, lãs, cortiça, tecidos, objectos recuperados, jornal, papel colorido, ilustrações... rasgando, desfiando, recortando, amassando, dobrando...	*	*	*	*
procurando formas, cores, texturas, espessuras...	*	*	*	*
Σ Fazer composições colando:				
diferentes materiais rasgados, desfiados	*	*		
diferentes materiais cortados		*	*	*
diferentes materiais recortados			*	*
Σ Fazer composições colando mosaicos de papel				*
Σ Fazer dobragens	*	*	*	*
Σ Explorar a terceira dimensão, a partir da superfície (destacando figuras e pondo-as de pé, abrindo portas...)			*	*

IMPRESSÃO

	1	2	3	4
Σ Estampar a mão, o pé,...	*			
Σ Estampar elementos naturais	*	*	*	*
Σ Fazer monotípias	*	*	*	*
Σ Fazer estampagem de água e tinta oleosa		*	*	*
Σ Estampar utilizando moldes — positivo e negativo — feitos em cartão, plástico,...		*	*	*
Σ Imprimir com carimbos (feitos em vegetais, cortiça,...)	*	*	*	*
Σ Imprimir utilizando o limógrafo		*	*	*

TECELAGEM E COSTURA

	1	2	3	4
Σ Utilizar em tapeçarias diferentes materiais: tecidos, tiras de pano, lãs, botões, cordas, elementos naturais	*	*	*	*
Σ Desfazer diferentes texturas: tecidos, malhas, cordas, elementos naturais,...	*	*	*	*
Σ Entrançar		*	*	*
Σ Bordar (pontos simples)				*
Σ Tecer em teares de cartão	*	*	*	*
Σ Tecer em teares de madeira (simples)			*	*
Σ Colaborar em tapeçarias de elementos cosidos, elaborados a partir de desenhos imaginados pelas crianças		*	*	*

FOTOGRAFIA, TRANSPARÊNCIAS E MEIOS AUDIO-VISUAIS ¹

	1	2	3	4
Σ Utilizar a máquina fotográfica para a recolha de imagens			*	*
Σ Construir transparências e diapositivos			*	*
Σ Construir sequências de imagens			*	*
Σ Associar às imagens, sons (montagens áudio-visuais simples)				*

CARTAZES

	1	2	3	4
Σ Fazer composições com fim comunicativo (usando a imagem, a palavra, a imagem e a palavra):				
recortando e colando elementos		*	*	*
desenhando e escrevendo			*	*
imprimindo e estampando			*	*

¹ Se as escolas tiverem o equipamento necessário.

O material áudio-visual que as crianças possuem ou a que têm acesso pode ser trazido para ser utilizado na escola.

Σ Na vida escolar muitas possibilidades surgem a exigir a natural e desejável articulação entre as diversas áreas. Nas expressões, a relação é imediata quando se desenvolvem projectos que incluem máscaras, fantoches, sombras, adereços, cenários. Em variadíssimos momentos a relação da Língua Portuguesa, do Estudo do Meio, das Expressões — Plástica, Dramática e Musical, neste caso como exploração do mundo sonoro — é indissociável.

ESTUDO DO MEIO

PRINCÍPIOS ORIENTADORES

Todas as crianças possuem um conjunto de experiências e saberes que foram acumulando ao longo da sua vida, no contacto com o meio que as rodeia. Cabe à escola valorizar, reforçar, ampliar e iniciar a sistematização dessas experiências e saberes, de modo a permitir, aos alunos, a realização de aprendizagens posteriores mais complexas.

O meio local, espaço vivido, deverá ser o objecto privilegiado de uma primeira aprendizagem metódica e sistemática da criança já que, nestas idades, o pensamento está voltado para a aprendizagem concreta.

No entanto, há que ter em conta que as crianças têm acesso a outros espaços que, podendo estar geograficamente distantes, lhes chegam, por exemplo, através dos meios de comunicação social. O interesse das crianças torna estes espaços afectivamente próximos, mas a compreensão de realidades que elas não conhecem directamente, só será possível a partir das referências que o conhecimento do meio próximo lhes fornece.

As crianças deste nível etário apercebem-se da realidade como um todo globalizado. Por esta razão, o Estudo do Meio é apresentado como uma área para a qual concorrem conceitos e métodos de várias disciplinas científicas como a História, a Geografia, as Ciências da Natureza, a Etnografia, entre outras, procurando-se, assim, contribuir para a compreensão progressiva das inter-relações entre a Natureza e a Sociedade.

Por outro lado, o Estudo do Meio está na intersecção de todas as outras áreas do programa, podendo ser motivo e motor para a aprendizagem nessas áreas.

O programa de Estudo do Meio apresenta-se organizado em blocos de conteúdos antecedidos de um texto introdutório onde é definida a sua natureza e são dadas algumas indicações de carácter metodológico.

A ordem pela qual os blocos e os conteúdos são apresentados obedece a uma lógica mas não significa que eles sejam abordados com essa sequência na sala de aula.

Assim, procurou-se que a estrutura do programa fosse aberta e flexível. Os professores deverão recriar o programa, de modo a atender aos diversificados pontos de partida e ritmos de aprendizagem dos alunos, aos seus interesses e necessidades e às características do meio local. Deste modo, podem alterar a ordem dos conteúdos, associá-los a diferentes formas, variar o seu grau de aprofundamento ou mesmo acrescentar outros.

Para atingir o domínio dos conceitos não é necessário que todos os alunos tenham de percorrer os mesmos caminhos. No entanto, pretende-se que todos se vão tornando observadores activos com capacidade para descobrir, investigar, experimentar e aprender. Com o Estudo do Meio os alunos irão aprofundar o seu conhecimento da Natureza e da Sociedade, cabendo aos professores proporcionar-lhes os instrumentos e as técnicas necessárias para que eles possam construir o seu próprio saber de forma sistematizada.

Assim, será através de situações diversificadas de aprendizagem que incluam o contacto directo com o meio envolvente, da realização de pequenas investigações e experiências reais na escola e na comunidade, assim como através do aproveitamento da informação vinda de meios mais longínquos, que os alunos irão apreendendo e integrando, progressivamente, o significado dos conceitos.

É ainda no confronto com os problemas concretos da sua comunidade e com a pluralidade das opiniões nela existentes que os alunos vão adquirindo a noção da responsabilidade perante o ambiente, a sociedade e a cultura em que se inserem, compreendendo gradualmente o seu papel de agentes dinâmicos nas transformações da realidade que os cerca.

Ao professor cabe a orientação de todo este processo, constituindo, também, ele próprio, mais uma fonte de informação em conjunto com os outros recursos da comunidade, os livros, os meios de comunicação social e toda uma série de materiais e documentação indispensáveis na sala.

Os alunos serão ajudados a aprender a organizar a informação e a estruturá-la de forma que ela se constitua em conhecimento, facilitando o professor, de seguida, a sua comunicação e partilha.

NOTA: Os pontos do programa que aparecem assinalados:

- com um asterisco (*), só deverão ser apresentados quando a realidade local o justifique;
- com dois asteriscos (**), só deverão ser abordados se houver manifesto interesse por parte dos alunos.

OBJECTIVOS GERAIS

- 1 — Estruturar o conhecimento de si próprio, desenvolvendo atitudes de auto-estima e de autoconfiança e valorizando a sua identidade e raízes.
2. — Identificar elementos básicos do Meio Físico envolvente (relevo, rios, fauna, flora, tempo atmosférico... etc.).
- 3 — Identificar os principais elementos do Meio Social envolvente (família, escola, comunidade e suas formas de organização e actividades humanas) comparando e relacionando as suas principais características.
- 4 — Identificar problemas concretos relativos ao seu meio e colaborar em acções ligadas à melhoria do seu quadro de vida.
- 5 — Desenvolver e estruturar noções de espaço e de tempo e identificar alguns elementos relativos à História e à Geografia de Portugal.
- 6 — Utilizar alguns processos simples de conhecimento da realidade envolvente (observar, descrever, formular questões e problemas, avançar possíveis respostas, ensaiar, verificar), assumindo uma atitude de permanente pesquisa e experimentação.
- 7 — Seleccionar diferentes fontes de informação (orais, escritas, observação... etc.) e utilizar diversas formas de recolha e de tratamento de dados simples (entrevistas, inquéritos, cartazes, gráficos, tabelas).
- 8 — Utilizar diferentes modalidades para comunicar a informação recolhida.

- 9 — Desenvolver hábitos de higiene pessoal e de vida saudável utilizando regras básicas de segurança e assumindo uma atitude atenta em relação ao consumo.
- 10 — Reconhecer e valorizar o seu património histórico e cultural e desenvolver o respeito por outros povos e culturas rejeitando qualquer tipo de discriminação.

BLOCO 1 — À DESCOBERTA DE SI MESMO

Com este bloco pretende-se que os alunos estruturem o conhecimento de si próprios, desenvolvendo ao mesmo tempo atitudes de autoestima e autoconfiança e de valorização da sua identidade e das suas raízes.

O estudo da história pessoal será um bom ponto de partida para que os alunos vão estruturando a noção de tempo. Para isso deve iniciar-se a localização de acontecimentos da vida das crianças numa linha de tempo, que terá a mesma função dos mapas para as localizações no espaço.

As crianças desta faixa etária fantasiam muitas vezes sobre situações reais. Estas fantasias, fruto da sua imaginação, são importantes para o desenvolvimento equilibrado do ser humano, pelo que devem ser respeitadas e estimuladas.

É importante ainda realçar o cuidado e o bom senso que deverá existir no tratamento de todos os aspectos que, de algum modo, se relacionem com a vida privada dos alunos.

1.º ANO

1. A SUA IDENTIFICAÇÃO

Σ Conhecer:

- nome(s), próprio(s), nome de família/apelido(s);
- sexo, idade;
- endereço.

2. OS SEUS GOSTOS E PREFERÊNCIAS

- Σ Seleccionar jogos e brincadeiras, músicas, frutos, cores, animais...
- Σ Descrever lugares, actividades e momentos passados com amigos, com familiares, nos seus tempos livres...

3. O SEU CORPO

- Σ Identificar características familiares (parecenças com o pai e com a mãe, cor do cabelo, dos olhos...).
- Σ Reconhecer modificações do seu corpo (peso, altura...).
- Σ Reconhecer a sua identidade sexual.
- Σ Reconhecer partes constituintes do seu corpo (cabeça, tronco e membros).

- Σ Representar o seu corpo (desenhos, pinturas, modelagem...).
- Σ Comparar-se com os outros:
 - com os colegas da escola (mais novo/mais velho, mais alto/mais baixo, louro/moreno...);
 - com os pais e irmãos.

4. A SAÚDE DO SEU CORPO

- Σ Reconhecer e aplicar normas de higiene do corpo (lavar as mãos antes de comer, lavar os dentes...).
- Σ Conhecer normas de higiene alimentar (importância de uma alimentação variada, lavar bem os alimentos que se consomem crus, desvantagem do consumo excessivo de doces, refrigerantes...).
- Σ Reconhecer a importância de posturas correctas do exercício físico e do repouso para a saúde (estar bem sentado, brincar ao ar livre, deitar cedo...).
- Σ Conhecer e aplicar normas de vigilância da sua saúde (idas periódicas ao médico, boletim individual de saúde).

5. A SEGURANÇA DO SEU CORPO

- Σ Conhecer e aplicar normas de prevenção rodoviária (caminhar pela esquerda nas estradas, atravessar nas passadeiras, respeitar os semáforos...).
- Σ Conhecer e aplicar normas de prevenção de acidentes domésticos:
 - cuidados a ter com objectos e produtos perigosos (cortantes, contudentes, inflamáveis, corrosivos, tóxicos...);
 - cuidados a ter com a electricidade;
 - sinalização relativa à segurança (venenos, electricidade...).

6. O SEU PASSADO PRÓXIMO

- Σ Descrever a sucessão de actos praticados ao longo do dia, da semana...:
 - localizar no espaço;
 - localizar numa linha de tempo;
 - estabelecer relações de anterioridade, posteridade e simultaneidade (antes de, depois de, ao mesmo tempo que);
 - reconhecer unidades de tempo: dia e semana;
 - nomear os dias da semana.

7. AS SUAS PERSPECTIVAS PARA O FUTURO PRÓXIMO

- Σ O que irá fazer amanhã, no fim-de-semana, nas férias que estão próximas...:
- exprimir aspirações;
 - enunciar projectos.

2.º ANO

1. O PASSADO MAIS LONGÍNQUO DA CRIANÇA

- Σ Reconhecer datas e factos (data de nascimento, quando começou a andar e a falar...):
- localizar numa linha de tempo datas e factos significativos;
 - reconhecer unidades de tempo: o mês e o ano;
 - identificar o ano comum e o ano bissexto.
- Σ Localizar em mapas o local do nascimento, locais onde tenha vivido anteriormente ou tenha passado férias...

2. AS SUAS PERSPECTIVAS PARA UM FUTURO MAIS LONGÍNQUO

- Σ O que irá fazer nas férias grandes, no ano que vem:
- exprimir aspirações;
 - enunciar projectos.

3. O SEU CORPO

- Σ Os órgãos dos sentidos:
- localizar no corpo os órgãos dos sentidos;
 - distinguir objectos pelo cheiro, sabor, textura, forma...;
 - distinguir sons, cheiros e cores do ambiente que o cerca (vozes, ruídos de máquinas, cores e cheiros de flores...).
- Σ Reconhecer modificações do seu corpo (queda dos dentes de leite e nascimento da dentição definitiva...).

4. A SAÚDE DO SEU CORPO

- Σ Conhecer e aplicar normas de:
- higiene do corpo (hábitos de higiene diária);
 - higiene alimentar (identificação dos alimentos indispensáveis a uma vida saudável, importância da água potável, verificação do prazo de validade dos alimentos...);

- higiene do vestuário;
- higiene dos espaços de uso colectivo (habitação, escola, ruas...).
- Σ Identificar alguns cuidados a ter com a visão e a audição (não ler às escuras, ver televisão a uma distância correcta, evitar sons de intensidade muito elevada...).
- Σ Reconhecer a importância da vacinação para a saúde.

5. A SEGURANÇA DO SEU CORPO

- Σ Conhecer e aplicar normas de prevenção rodoviária (sinais de trânsito úteis para o dia-a-dia da criança: sinais de peões, pistas de bicicletas, passagens de nível...).
- Σ Identificar alguns cuidados na utilização:
 - dos transportes públicos;
 - de passagens de nível.
- Σ Conhecer e aplicar regras de segurança na praia, nos rios, nas piscinas.

3.º ANO

1. A SUA NATURALIDADE E NACIONALIDADE

- Σ Distinguir freguesia/concelho/distrito/país.

2. O SEU CORPO

- Σ Identificar fenómenos relacionados com algumas das funções vitais:
 - digestão (sensação de fome, enfartamento...);
 - circulação (pulsação, hemorragias...);
 - respiração (movimentos respiratórios, falta de ar...).
- Σ Conhecer as funções vitais (digestiva, respiratória, circulatória, excretora, reprodutora/sexual).
- Σ Conhecer alguns órgãos dos aparelhos correspondentes (boca, estômago, intestinos, coração, pulmões, rins, genitais):
 - localizar esses órgãos em representações do corpo humano.
- Σ Reconhecer situações agradáveis e desagradáveis e diferentes possibilidades de reacção (calor, frio, fome, conforto, dor...).
- Σ Reconhecer estados psíquicos e respectivas reacções físicas (alegria/riso, tristeza/choro, medo/tensão...).

- Σ Reconhecer alguns sentimentos (amor, amizade...) e suas manifestações (carinho, ternura, zanga...).

3. A SAÚDE DO SEU CORPO

- Σ Reconhecer a importância do ar puro e do sol para a saúde.
- Σ Identificar perigos do consumo de álcool, tabaco e outras drogas.

4. A SEGURANÇA DO SEU CORPO

- Σ Conhecer algumas regras de primeiros socorros:
 - mordeduras de animais;
 - hemorragias.

4.º ANO

1. O SEU CORPO

- Σ Os ossos:
 - reconhecer a existência dos ossos;
 - reconhecer a sua função (suporte e protecção);
 - observar em representações do corpo humano.
- Σ Os músculos:
 - reconhecer a existência dos músculos;
 - reconhecer a sua função (movimentos, suporte...);
 - observar em representações dos músculos humanos.
- Σ A pele:
 - identificar a função de protecção da pele.

2. A SEGURANÇA DO SEU CORPO

- Σ Identificar alguns cuidados a ter com a exposição ao sol.
- Σ Conhecer algumas regras de primeiros socorros:
 - conhecer algumas medidas elementares a ter em conta em casos de queimaduras solares, fracturas e distensões.
- Σ Conhecer e aplicar regras de prevenção de incêndios (nas habitações, locais públicos, florestas...).
- Σ Conhecer regras de segurança anti-sísmicas (prevenção e comportamentos a ter durante e depois de um sismo).

BLOCO 2 — À DESCOBERTA DOS OUTROS E DAS INSTITUIÇÕES

O âmbito de estudo da criança vai alargar-se aos outros, primeiramente aos que lhe estão mais próximos e depois, progressivamente, aos mais distantes no tempo e no espaço.

Os alunos iniciar-se-ão no modo de funcionamento e nas regras dos grupos sociais, ao mesmo tempo que deverão desenvolver atitudes e valores relacionados com a responsabilidade, tolerância, solidariedade, cooperação, respeito pelas diferenças, comportamento não sexista, etc.

A escola como instituição em que os alunos participam é o lugar privilegiado para a vivência e aprendizagem do modo de viver em sociedade. É através da participação directa e gradual na organização da vida da classe e da escola que eles irão interiorizando os valores democráticos e de cidadania.

Embora as noções relativas ao tempo atravessem todo o programa, é fundamentalmente neste bloco que se agrupam os conteúdos referentes ao tempo histórico, partindo da história da família da criança para se alargar à história do meio local e às suas ligações com a história nacional.

Os factos da sua história familiar deverão ser assinalados em linhas de tempo (construídas pelos alunos e pelo professor). No que se refere à história local e nacional, os registos serão efectuados num friso cronológico da História de Portugal.

É importante que os alunos reconheçam que os vestígios de outras épocas (sejam eles monumentos, fotografias, documentos escritos, tradições, etc.) constituem fontes de informação que eles podem utilizar, de uma forma elementar, na reconstituição do passado. Pretende-se, assim, contribuir para o desenvolvimento de atitudes de respeito pelo património histórico, sua conservação e valorização.

1.º ANO

1. OS MEMBROS DA SUA FAMÍLIA

- Σ Conhecer os nomes próprios, apelidos, sexo, idade.
- Σ Estabelecer relações de parentesco (pai, mãe, irmãos, avós).
- Σ Representar a sua família (pinturas, desenhos...).

2. OUTRAS PESSOAS COM QUEM MANTÉM RELAÇÕES PRÓXIMAS

Σ Conhecer os nomes, idades, sexo de:

- amigos da escola e de fora da escola;
- vizinhos;
- o(a) professor(a);
- outros elementos da escola.

3. A SUA ESCOLA

Σ A sua classe:

- conhecer o número de alunos, horários, regras de funcionamento, funções dos vários elementos da classe;
- participar na organização do trabalho da sala (planificação, avaliação...);
- participar na arrumação, arranjo e conservação da sala, do mobiliário e dos materiais;
- participar na dinâmica do trabalho em grupo e nas responsabilidades da turma.

Σ O funcionamento da sua escola:

- participar na elaboração de regras;
- conhecer direitos e deveres dos alunos, professores e pessoal auxiliar.

2.º ANO

1. O PASSADO PRÓXIMO FAMILIAR

Σ Reconhecer datas e factos (aniversários, festas...):

- localizar numa linha de tempo datas e factos significativos.

Σ Localizar em mapas ou plantas: local de nascimento, habitação, trabalho, férias...

2. A VIDA EM SOCIEDADE

Σ Conhecer e aplicar algumas regras de convivência social.

Σ Respeitar os interesses individuais e colectivos.

Σ Conhecer e aplicar formas de harmonização de conflitos: diálogo, consenso, votação.

3. MODOS DE VIDA E FUNÇÕES DE ALGUNS MEMBROS DA COMUNIDADE

(merceeiro, médico, agricultor, sapateiro, operário, carteiro...)

Σ Contactar e descrever em termos de:

- idade;
- sexo;
- o que fazem;
- onde trabalham;
- como trabalham...

4. INSTITUIÇÕES E SERVIÇOS EXISTENTES NA COMUNIDADE

Σ Contactar e recolher dados sobre colectividades, serviços de saúde, correios, bancos, organizações religiosas, autarquias...

3.º ANO

1. OS MEMBROS DA SUA FAMÍLIA

Σ Estabelecer relações de parentesco (tios, primos, sobrinhos...):

- construir uma árvore genealógica simples (até à 3.^a geração — avós).

2. O PASSADO FAMILIAR MAIS LONGÍNQUO

Σ Reconhecer datas e factos significativos da história da família.

- localizar numa linha de tempo.

Σ Reconhecer locais importantes para a história da família:

- localizar esses locais em mapas ou plantas.

Σ Conhecer unidades de tempo: a década.

3. O PASSADO DO MEIO LOCAL

Σ Identificar figuras da história local presentes na toponímia, estatuária, tradição oral...

Σ Conhecer factos e datas importantes para a história local (origem da povoação, concessão de forais, batalhas, lendas históricas...).

Σ Conhecer vestígios do passado local:

- construções (habitações, castelos, moinhos, antigas fábricas, igrejas, monumentos pré-históricos, pontes, solares, pelourinhos...);
- alfaia e instrumentos antigos e actividades a que estavam ligados;

- costumes e tradições locais (festas, jogos tradicionais, medicina popular, trajes, gastronomia...);
 - feriado municipal (acontecimento a que está ligado).
- Σ Reconhecer a importância do património histórico local.

****4. CONHECER COSTUMES E TRADIÇÕES DE OUTROS POVOS**

5. RECONHECER SÍMBOLOS LOCAIS (BANDEIRAS E BRASÕES)

- Σ Da freguesia.
- Σ Do concelho.
- Σ Do distrito.

6. CONHECER SÍMBOLOS REGIONAIS (BANDEIRAS E HINOS REGIONAIS)

- Σ Dos Açores.
- Σ Da Madeira.

7. OUTRAS CULTURAS DA SUA COMUNIDADE

- Σ Conhecer aspectos da cultura das minorias que eventualmente habitem na localidade ou bairro (costumes, língua, gastronomia, música...).

4.º ANO

1. O PASSADO DO MEIO LOCAL

- Σ Pesquisar sobre o passado de uma instituição local (escola, autarquia, instituições religiosas, associações...):
 - recorrer a fontes orais e documentais para a reconstituição do passado da instituição.

2. O PASSADO NACIONAL

- Σ Conhecer personagens e factos da história nacional com relevância para o meio local (batalha ocorrida em local próximo, reis que concederam forais a localidades da região...).
- Σ Conhecer os factos históricos que se relacionam com os feriados nacionais e seu significado.
- Σ Recolher dados sobre aspectos da vida quotidiana de tempo em que ocorreram esses factos.

Σ Localizar os factos e as datas estudados no friso cronológico da História de Portugal.

Σ Conhecer unidades de tempo: o século.

3. RECONHECER SÍMBOLOS NACIONAIS

Σ Bandeira nacional.

Σ Hino nacional.

BLOCO 3 — À DESCOBERTA DO AMBIENTE NATURAL

Este bloco compreende os conteúdos relacionados com os elementos básicos do meio físico (o ar, a água, as rochas, o solo), os seres vivos que nele vivem, o clima, o relevo e os astros.

A curiosidade infantil pelos fenómenos naturais deve ser estimulada e os alunos encorajados a levantar questões e a procurar respostas para eles através de experiências e pesquisas simples.

Os estudos a realizar terão por base a observação directa, utilizando todos os sentidos, a recolha de amostras, sem prejudicar o ambiente, assim como a experimentação.

Os alunos deverão utilizar em situações concretas instrumentos de observação e medida como, por exemplo, o termómetro, a bússola, a lupa, os binóculos...

É importante que, desde o início, os alunos façam registos daquilo que observam.

O professor deve fomentar nos alunos atitudes de respeito pela vida e pela Natureza assim como sensibilizá-los para os aspectos estéticos do ambiente.

1.º ANO

1. OS SERES VIVOS DO SEU AMBIENTE

- Σ Criar animais e cultivar plantas na sala de aula ou no recinto da escola.
- Σ Reconhecer alguns cuidados a ter com as plantas e os animais.
- Σ Reconhecer manifestações da vida vegetal e animal (observar plantas e animais em diferentes fases da sua vida).

2. OS ASPECTOS FÍSICOS DO MEIO LOCAL

- Σ O tempo que faz (registar de forma elementar e simbólica as condições atmosféricas diárias).
- Σ A noite e o dia (comparar a duração do dia e da noite ao longo do ano...).
- Σ Reconhecer diferentes formas sob as quais a água se encontra na natureza (rios, ribeiros, poços...).

3. IDENTIFICAR CORES, SONS E CHEIROS DA NATUREZA

(das plantas, do solo, do mar, dos cursos de água, dos animais, do vento...)

2.º ANO

1. OS SERES VIVOS DO SEU AMBIENTE

- Σ Observar e identificar algumas plantas mais comuns existentes no ambiente próximo:
 - plantas espontâneas;
 - plantas cultivadas;
 - reconhecer diferentes ambientes onde vivem as plantas;
 - conhecer partes constitutivas das plantas mais comuns (raiz, caule, folhas, flores e frutos);
 - registar variações do aspecto, ao longo do ano, de um arbusto ou de uma árvore.
- Σ Observar e identificar alguns animais mais comuns existentes no ambiente próximo:
 - animais selvagens;
 - animais domésticos;
 - reconhecer diferentes ambientes onde vivem os animais (terra, água, ar);
 - reconhecer características externas de alguns animais (corpo coberto de penas, pêlos, escamas, bico, garras...);
 - recolher dados sobre o modo de vida desses animais (o que comem, como se reproduzem, como se deslocam...).

2. OS ASPECTOS FÍSICOS DO MEIO LOCAL

- Σ O tempo que faz (registar as condições atmosféricas diárias).
- Σ Reconhecer alguns estados do tempo (chuvoso, quente, frio, ventoso...).
- Σ Relacionar as estações do ano com os estados do tempo característicos.
- Σ Reconhecer a existência do ar (realizar experiências).
- Σ Reconhecer o ar em movimento (vento, correntes de ar...).

****3. CONHECER ASPECTOS FÍSICOS E SERES VIVOS DE OUTRAS REGIÕES OU PAÍSES**

3.º ANO

1. OS SERES VIVOS DO AMBIENTE PRÓXIMO

- Σ Comparar e classificar plantas segundo alguns critérios tais como: cor da flor, forma da folha, folha caduca ou persistente, forma da raiz, plantas comestíveis e não comestíveis... (constituição de um herbário).
- Σ Realizar experiências e observar formas de reprodução das plantas (germinação das sementes, reprodução por estaca...).
- Σ Reconhecer a utilidade das plantas (alimentação, mobiliário, fibras vegetais...).
- Σ Comparar e classificar animais segundo as suas características externas e modo de vida.
- Σ Identificar alguns factores do ambiente que condicionam a vida das plantas e dos animais (água, ar, luz, temperatura, solo) — realizar experiências.
- Σ Construir cadeias alimentares simples.

2. ASPECTOS FÍSICOS DO MEIO LOCAL

- Σ Recolher amostras de diferentes tipos de solo:
 - identificar algumas das suas características (cor, textura, cheiro, permeabilidade);
 - procurar o que se encontra no solo (animais, pedras, restos de seres vivos).
- Σ Recolher amostras de rochas existentes no ambiente próximo:
 - identificar algumas das suas características (cor, textura, dureza...);
 - reconhecer a utilidade de algumas rochas.
- Σ Distinguir formas de relevo existentes na região (elevações, vales, planícies...):
 - observar directamente e indirectamente (fotografias, ilustrações...);
 - localizar em mapas.
- Σ Distinguir meios aquáticos existentes na região (cursos de água, oceano, lagoas...):
 - localizar em mapas;
 - reconhecer nascente, foz, margem direita e esquerda, afluentes.

3. OS ASTROS

- Σ Reconhecer o Sol como fonte de luz e calor.
- Σ Verificar as posições do Sol ao longo do dia (nascente/sul/poente).

- Σ Conhecer os pontos cardeais.
- Σ Distinguir estrelas de planetas (Sol — estrela; Lua — planeta).

4.º ANO

1. ASPECTOS FÍSICOS DO MEIO

- Σ Reconhecer e observar fenómenos:
 - de condensação (nuvens, nevoeiro, orvalho);
 - de solidificação (neve, granizo, geada);
 - de precipitação (chuva, neve, granizo).
- Σ Realizar experiências que representem fenómenos de:
 - evaporação;
 - condensação;
 - solidificação;
 - precipitação.
- Σ Compreender que a água das chuvas se infiltra no solo dando origem a lençóis de água.
- Σ Reconhecer nascentes e cursos de água.

2. OS ASTROS

- Σ Constatar a forma da Terra através de fotografias, ilustrações...
- Σ Observar e representar os aspectos da Lua nas diversas fases.
- Σ Observar num modelo o sistema solar.

3. ASPECTOS FÍSICOS DE PORTUGAL

- Σ Identificar os maiores rios (Tejo, Douro, Guadiana, Mondego, Sado):
 - localizar no mapa de Portugal;
 - observar directa ou indirectamente (fotografias, ilustrações...).
- Σ Identificar as maiores elevações (Pico, Serra da Estrela, Pico do Areeiro):
 - localizar no mapa de Portugal;
 - observar directa ou indirectamente (fotografias, ilustrações...).

BLOCO 4 — À DESCOBERTA DAS INTER-RELAÇÕES ENTRE ESPAÇOS

Embora as referências espaciais devam estar presentes ao longo de todo o programa (qualquer facto estudado deve ser sempre localizado no espaço), é fundamentalmente neste bloco que se agrupam os conteúdos relativos ao espaço.

A criança tem uma percepção subjectiva do espaço que foi adquirido ao longo da sua vida através das relações que estabeleceu com os objectos. É importante sublinhar que as noções de espaço se constroem através da acumulação de experiências práticas em todas as situações que envolvam deslocações, localizações, distâncias...

Desde o início da escolaridade o professor deverá programar actividades que permitam a objectivação e alargamento dessas noções.

O conhecimento dos espaços familiares permitirá à criança, por associação e comparação, compreender outros espaços mais longínquos.

Assim, é importante que os alunos representem os espaços que conhecem ou vão explorando, através de desenhos, plantas, maquetas, traçando itinerários...

Progressivamente deverão tomar contacto com diferentes tipos de plantas e mapas convencionais.

Pretende-se igualmente que os alunos tomem consciência de que não existem espaços isolados mas, pelo contrário, se estabelecem ligações e fluxos de vária ordem que vão desde a circulação de pessoas e bens à troca de ideias e informação.

1.º ANO

1. A CASA

- Σ Reconhecer os diferentes espaços da casa (salas, quartos, cozinha...).
- Σ Reconhecer as funções desses espaços.
- Σ Representar a sua casa (desenhos, pinturas...).

2. O ESPAÇO DA SUA ESCOLA

- Σ Reconhecer os diferentes espaços da sua escola (salas de aula, cantina, recreio, outras dependências).
- Σ Reconhecer as funções desses espaços.
- Σ Representar a sua escola (desenhos, pinturas...).

3. OS SEUS ITINERÁRIOS

- Σ Descrever os seus itinerários diários (casa/escola, lojas, tempos livres...).
- Σ Representar os seus itinerários (desenhos, pinturas...).

4. LOCALIZAR ESPAÇOS EM RELAÇÃO A UM PONTO DE REFERÊNCIA

(perto de/longe de; em frente de/atrás de; dentro de/fora de; entre; ao lado de; à esquerda de/à direita de...)

2.º ANO

1. OS SEUS ITINERÁRIOS

- Σ Descrever os seus itinerários diários (casa/escola, lojas...).
- Σ Localizar os pontos de partida e chegada.
- Σ Traçar o itinerário na planta do bairro ou da localidade.

2. OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

- Σ Distinguir diferentes tipos de transportes utilizados na sua comunidade.
- Σ Conhecer outros tipos de transportes.
- Σ Reconhecer tipos de comunicação pessoal (correio, telefone...).
- Σ Reconhecer tipos de comunicação social (jornais, rádio, televisão...).

3.º ANO

1. OS SEUS ITINERÁRIOS

- Σ Descrever itinerários não diários (passeios, visitas de estudo, férias...).
- Σ Localizar os pontos de partida e de chegada.
- Σ Traçar os itinerários em plantas ou mapas.

2. LOCALIZAR ESPAÇOS EM RELAÇÃO A UM PONTO DE REFERÊNCIA

- Σ Identificar processos de orientação (sol, bússola...).
- Σ Conhecer os pontos cardeais.

3. OS DIFERENTES ESPAÇOS DO SEU BAIRRO OU DA SUA LOCALIDADE

- (habitação, comércio, lazer...)
- Σ Reconhecer as funções desses espaços.

- Σ Representar esses espaços (desenhos, pinturas...).
- Σ Localizar esses espaços numa planta do bairro ou da localidade.

4. DESLOCAÇÕES DOS SERES VIVOS

- Σ Reconhecer que as pessoas se deslocam (para a escola, para o trabalho, para férias...).
- Σ Reconhecer as deslocações dos animais (andorinhas, rolas, cegonhas...):
 - para onde vão, quando partem, quando voltam.

5. O COMÉRCIO LOCAL

- Σ Contactar, observar e descrever diferentes locais de comércio (supermercado, mercearia, sapataria, praça, feira...):
 - o que vendem;
 - onde se abastecem;
 - como se transportam os produtos;
 - como se conservam os produtos alimentares;
 - como se vendem (condições de armazenamento e manuseamento...);
 - reconhecer menções obrigatórias nos produtos (composição, validade, modo de emprego...);
 - reconhecer a importância do recibo e/ou factura.

6. MEIOS DE COMUNICAÇÃO

- Σ Investigar sobre a evolução dos transportes.
- Σ Investigar sobre a evolução das comunicações (pessoais e sociais).

4.º ANO

1. O CONTACTO ENTRE A TERRA E O MAR

- Σ Observar directa ou indirectamente:
 - alguns aspectos da costa (praias, arribas, dunas, cabos...);
 - alguns aspectos da costa portuguesa («Ria» de Aveiro, Cabo Carvoeiro, Cabo da Roca, Estuário do Tejo e do Sado, Ponta de Sagres).
- Σ Localizar no mapa de Portugal.
- Σ Localizar em mapas ilhas e arquipélagos (Açores e Madeira).

- Σ Localizar no planisfério e no globo os continentes e os oceanos.
- Σ Reconhecer o Oceano Atlântico como fronteira marítima de Portugal.
- *Σ Observar a acção do mar sobre a costa.
- *Σ Observar as marés.
- *Σ Observar e recolher seres vivos e materiais encontrados na praia.
- *Σ Identificar a sinalização das costas (faróis, sinais sonoros, bóias de sinalização...).

2. OS AGLOMERADOS POPULACIONAIS

- Σ Reconhecer aglomerados populacionais (aldeias, vilas e cidades).
- Σ Identificar as cidades do seu distrito:
 - localizar no mapa.
- Σ Localizar no mapa a capital do País.
- Σ Localizar as capitais de distrito.

3. PORTUGAL NA EUROPA E NO MUNDO

- Σ Localizar Portugal no mapa da Europa, no planisfério e no globo.
- Σ Reconhecer a fronteira terrestre com a Espanha.
- Σ Localizar no planisfério e no globo os países lusófonos.
- Σ Fazer o levantamento de países onde os alunos tenham familiares emigrados.

BLOCO 5 — À DESCOBERTA DOS MATERIAIS E OBJECTOS

Apesar da atitude experimental estar sempre presente na abordagem dos conteúdos de outros blocos (conforme é referido), pretende-se fundamentalmente com este bloco desenvolver nos alunos uma atitude de permanente experimentação com tudo o que isso implica: observação, introdução de modificações, apreciação dos efeitos e resultados, conclusões.

A exploração de materiais de uso corrente deverá assentar essencialmente na observação das suas propriedades e em experiências elementares que as destaquem.

A manipulação de objectos e de instrumentos, os cuidados a ter na sua utilização e conservação assim como a valorização do trabalho manual são aspectos importantes deste bloco.

Os registos que ocorrem a propósito das experiências realizadas deverão ser adequados à idade dos alunos e ter em vista apenas a comunicação das descobertas por eles feitas.

1.º ANO

1. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM ALGUNS MATERIAIS E OBJECTOS DE USO CORRENTE

(sal, açúcar, leite, madeira, barro, cortiça, areia, papel, cera, objectos variados...)

Σ Comparar alguns materiais segundo propriedades simples (forma, textura, cor, sabor, cheiro...).

Σ Agrupar materiais segundo essas propriedades.

2. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM A ÁGUA

Σ Realizar experiências que conduzem à conservação da capacidade/volume, independentemente da forma do objecto.

Σ Identificar algumas propriedades físicas da água (incolor, inodora, insípida).

Σ Reconhecer materiais que flutuam e não flutuam.

Σ Verificar experimentalmente o efeito da água nas substâncias (molhar, dissolver, tornar moldável...).

3. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM O SOM

- Σ Identificar sons do seu ambiente imediato.
- Σ Produzir sons (percutindo, soprando, abanando objectos e utilizando instrumentos musicais simples).

4. MANUSEAR OBJECTOS EM SITUAÇÕES CONCRETAS

(tesoura, martelo, sacho, máquina de escrever, gravador, lupa, agraphador, furador...)

- Σ Conhecer e aplicar alguns cuidados na sua utilização e conservação.

2.º ANO

1. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM ALGUNS MATERIAIS E OBJECTOS DE USO CORRENTE

(sal, açúcar, vidro, madeira, barro, areia, cortiça, papel, cera, objectos variados...)

- Σ Comparar materiais segundo algumas das suas propriedades (flexibilidade, resistência, solubilidade, dureza, transparência, combustibilidade...).
- Σ Agrupar materiais segundo essas propriedades.
- Σ Relacionar essas propriedades com a utilidade dos materiais.
- Σ Identificar a sua origem (natural/artificial).

2. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM O AR

- Σ Reconhecer a existência do ar (balões, seringas...).
- Σ Reconhecer que o ar tem peso (usar balões e bolas com ar e vazios).
- Σ Experimentar o comportamento de objectos em presença de ar quente e de ar frio (objectos leves sobre um calorífero, balões de S. João...).

3. MANUSEAR OBJECTOS EM SITUAÇÕES CONCRETAS

(tesoura, martelo, sacho, serrote, máquina de escrever, gravador, lupa, agraphador, furador...)

- Σ Reconhecer a sua utilidade.
- Σ Conhecer e aplicar alguns cuidados na sua utilização.

3.º ANO

1. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM A LUZ

- Σ Identificar fontes luminosas.
- Σ Observar a passagem da luz através de objectos transparentes (lentes, prismas, água...).
- Σ Observar a intersecção da luz pelos objectos opacos — sombras.
- Σ Realizar jogos de luz e sombra e sombras chinesas.
- Σ Observar e experimentar a reflexão da luz em superfícies polidas (espelhos...).

2. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM ÍMANES

- Σ Realizar jogos com ímanes.
- Σ Observar o comportamento dos materiais em presença de um íman (atração ou não atracção, repulsão).
- Σ Magnetizar objectos metálicos (pregos, alfinetes...).
- Σ Construir uma bússola.

3. REALIZAR EXPERIÊNCIAS DE MECÂNICA

- Σ Realizar experiências com alavancas, quebra-nozes, tesouras... (forças).
- Σ Realizar experiências e construir balanças, baloiços, mobiles... (equilíbrio).
- Σ Realizar experiências com roldanas e rodas dentadas (transmissão do movimento).
- Σ Realizar experiências com molas e elásticos (elasticidade).
- Σ Realizar experiências com pêndulos (movimentos).

4. MANUSEAR OBJECTOS EM SITUAÇÕES CONCRETAS

- (tesoura, martelo, sacho, serrote, máquina fotográfica e de escrever, gravador, retroprojector, projector de diapositivos, lupa, bússola, microscópio...)
- Σ Conhecer e aplicar alguns cuidados na sua utilização e conservação.
- Σ Reconhecer a importância da leitura das instruções e/ou normas de utilização.

4.º ANO

1. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM ALGUNS MATERIAIS E OBJECTOS DE USO CORRENTE

(sal, açúcar, leite, madeira, barro, rochas, cortiça, areia, papel, cera, objectos variados...)

Σ Classificar os materiais em sólidos, líquidos e gasosos segundo as suas propriedades.

Σ Observar o comportamento dos materiais face à variação da temperatura (fusão, solidificação, dilatação...).

Σ Realizar experiências que envolvam mudanças de estado.

2. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM A ÁGUA

Σ Realizar experiências que permitam constatar o princípio dos vasos comunicantes (construir um repuxo).

Σ Observar os efeitos da temperatura sobre a água (ebulição, evaporação, solidificação, fusão e condensação).

3. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM A ELECTRICIDADE

Σ Produzir electricidade por fricção entre objectos.

Σ Realizar experiências simples com pilhas, lâmpadas, fios e outros materiais condutores e não condutores.

Σ Construir circuitos eléctricos simples (alimentados por pilhas).

4. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM O AR

Σ Reconhecer através de experiências a existência do oxigénio no ar (combustões).

Σ Reconhecer através de experiências a pressão atmosférica (pipetas, conta-gotas, palhinhas de fresco...).

5. REALIZAR EXPERIÊNCIAS COM O SOM

Σ Realizar experiências, de transmissão do som através dos sólidos, líquidos e gases (construir um telefone de cordel, campainha dentro de um recipiente com água...).

6. MANUSEAR OBJECTOS EM SITUAÇÕES CONCRETAS

(tesoura, martelo, sacho, serrote, máquina fotográfica e de escrever, gravador, retroprojector, projector de diapositivos, lupa, bússola, microscópio...)

Σ Conhecer e aplicar alguns cuidados na sua utilização e conservação.

Σ Reconhecer a importância da leitura das instruções e/ou normas de utilização.

BLOCO 6 — À DESCOBERTA DAS INTER-RELAÇÕES ENTRE A NATUREZA E A SOCIEDADE

Toda a actividade humana deixa marcas e provoca alterações na Natureza.

Essas alterações podem ser positivas quando o Homem, através da ciência e da técnica, consegue superar de algum modo obstáculos e adversidades naturais, ou negativas, quando produz desequilíbrios que podem levar ao esgotamento de recursos, à extinção de espécies, à destruição do ambiente.

Neste sentido, devem promover-se atitudes relacionadas com a conservação e melhoria do ambiente, o uso racional dos recursos naturais assim como de uma participação esclarecida e activa na resolução de problemas ambientais.

O estudo das actividades económicas, dada a sua complexidade, deve relacionar-se com a realidade próxima dos alunos, partindo sempre da observação directa com recolha de informação através de entrevistas, recolha de imagens, etc.

Assim, os pontos do programa assinalados com asterisco apenas serão abordados quando forem significativos a nível local.

3.º ANO

***1. A AGRICULTURA DO MEIO LOCAL**

- Σ Fazer o levantamento dos principais produtos agrícolas da região.
- Σ Reconhecer a agricultura como fonte de matérias-primas (trigo/farinha, tomate/concentrado, uvas/vinho...).
- Σ Identificar alguns factores naturais com influência na agricultura (clima, solo, relevo).
- Σ Fazer o levantamento de algumas técnicas utilizadas pelo homem para superar dificuldades originadas por factores naturais (estufas, rega, socalcos, adubação...).
- Σ Investigar algumas técnicas tradicionais e modernas e instrumentos que lhe estão associados (lavra-arado/tractor, rega/picota, nora/aspersão...).
- Σ Observar o ritmo dos trabalhos agrícolas ao longo do ano (sementeiras, mondas, colheitas...).
- Σ Identificar alguns perigos para o homem e para o ambiente resultantes do uso de produtos químicos na agricultura (cuidados a ter com o uso de pesticidas, herbicidas, adubos químicos...).

***2. A CRIAÇÃO DE GADO NO MEIO LOCAL**

- Σ Fazer o levantamento das principais espécies animais criadas na região.
- Σ Distinguir entre exploração pecuária familiar e industrial (n.º de animais, como vivem e se alimentam, cuidados sanitários...).
- Σ Reconhecer a criação de gado como fonte de alimentos.
- Σ Reconhecer a criação de gado como fonte de matérias-primas (lacticínios, salsicharia, cortumes...).
- Σ Relacionar algumas actividades com a criação de gado (pastorícia, tosquia...).
- Σ Identificar alguns problemas de poluição provocados pela criação de gado.

***3. A EXPLORAÇÃO FLORESTAL DO MEIO LOCAL**

- Σ Fazer o levantamento das principais espécies florestais da região.
- Σ Identificar alguns produtos derivados da floresta da região.
- Σ Reconhecer a floresta como fonte de matérias-primas (madeira, resina, cortiça...).
- Σ Relacionar algumas actividades com a exploração florestal (serrações, descorticagem...).
- Σ Conhecer algumas normas de prevenção de incêndios florestais.

***4. A ACTIVIDADE PISCATÓRIA NO MEIO LOCAL**

- Σ Fazer o levantamento de locais de pesca da região (mar, rios, lagoas, albufeiras).
- Σ Fazer o levantamento das principais espécies pescadas na região (peixes, crustáceos, bivalves...).
- Σ Reconhecer a pesca como fonte de alimentos.
- Σ Reconhecer a pesca como fonte de matérias-primas (conservas, farinha de peixe...).
- Σ Reconhecer formas de criação de peixes em cativeiro (viveiros de trutas, achigãs...).
- Σ Identificar alguns factores que podem pôr em perigo as espécies aquáticas (poluição, pesca excessiva...).
- Σ Fazer o levantamento de algumas técnicas de pesca (tipo de barcos, de redes...).
- Σ Reconhecer formas de comercialização e conservação do pescado (lotas, redes de frio...).

- Σ Fazer o levantamento de outras actividades ligadas aos meios aquáticos (extracção de sal, apanha de algas).

***5. A EXPLORAÇÃO MINERAL DO MEIO LOCAL**

- Σ Fazer o levantamento de locais de exploração mineral (mina, pedreiras, areeiros...).
- Σ Fazer o levantamento dos principais produtos minerais da região.
- Σ Reconhecer a exploração mineral como fonte de matérias-primas (construção, indústria...).
- Σ Identificar alguns perigos para o homem e para o ambiente decorrentes da exploração mineral (poluição provocada pelas pedreiras, silicose dos mineiros...).

***6. A INDÚSTRIA DO MEIO LOCAL**

- Σ Fazer o levantamento das indústrias existentes no meio local.
- Σ Identificar algumas matérias-primas usadas nessas indústrias (de onde vêm, como vêm...).
- Σ Identificar fontes de energia utilizadas na sua transformação.
- Σ Identificar a mão-de-obra e observar a maquinaria utilizada.
- Σ Identificar para onde vão e como vão os produtos finais.
- Σ Reconhecer as indústrias como fontes de poluição (atmosférica, aquática, sonora...).

***7. O TURISMO NO MEIO LOCAL**

- Σ Identificar alguns factores de atracção turística (praias, parques naturais, termas, monumentos...).
- Σ Reconhecer algumas infra-estruturas turísticas da região (hotéis, parques de campismo, restaurantes...).
- Σ Discutir vantagens e desvantagens do turismo para a região.

***8. AS CONSTRUÇÕES DO MEIO LOCAL**

- Σ Observar edifícios construídos e em diversas fases de construção.
- Σ Identificar materiais utilizados na sua construção.
- Σ Identificar profissões envolvidas na sua construção.
- Σ Reconhecer funções dos edifícios (habitação, comércio, teatro, locais de culto, indústrias...).

- Σ Reconhecer outras construções (pontes, estradas, portos, caminhos-de-ferro, barragens...).
- Σ Reconhecer a importância e a necessidade do saneamento básico e do abastecimento de água.
- Σ Reconhecer a importância e a necessidade dos espaços de lazer (jardins, recintos desportivos, cinemas...).

****9. INVESTIGAR SOBRE AS CONSTRUÇÕES DE OUTRAS REGIÕES OU PAÍSES**

4.º ANO

1. PRINCIPAIS ACTIVIDADES PRODUTIVAS NACIONAIS

- Σ Reconhecer a agricultura, pecuária, silvicultura, pesca, indústria, comércio e serviços como actividades económicas importantes em Portugal.
- Σ Identificar os principais produtos agrícolas portugueses (vinho, azeite, frutos, cereais, cortiça...).
- Σ Identificar os principais produtos da floresta portuguesa (madeira, resina...).
- Σ Identificar os principais produtos ligados à pecuária (produção de carne, ovos, leite...).
- Σ Identificar os principais produtos da indústria portuguesa (têxteis, calçado, pasta de papel, conservas, derivados de cortiça...).

2. A QUALIDADE DO AMBIENTE

- Σ A qualidade do ambiente próximo:
 - identificar e observar alguns factores que contribuem para a degradação do meio próximo (lixeiros, indústrias poluentes, destruição do património histórico...);
 - enumerar possíveis soluções;
 - identificar e participar em formas de promoção do ambiente.
- Σ A qualidade do ar:
 - reconhecer os efeitos da poluição atmosférica (efeito de estufa, a rarefacção do ozono, chuvas ácidas...);
 - reconhecer a importância das florestas para a qualidade do ar.

Σ A qualidade da água:

- reconhecer algumas formas de poluição dos cursos de água e dos oceanos (esgotos, fluentes industriais, marés negras...).

Σ Reconhecer algumas formas de poluição sonora (fábricas, automóveis, motos...):

- identificar alguns efeitos prejudiciais do ruído.

Σ Identificar alguns desequilíbrios ambientais provocados pela actividade humana:

- extinção de recursos;
- extinção de espécies animais e vegetais;
- reconhecer a importância das reservas e parques naturais para a preservação do equilíbrio entre a Natureza e a Sociedade.

LÍNGUA PORTUGUESA

PRINCÍPIOS ORIENTADORES

A apresentação de programas de Língua Portuguesa para o Ensino Básico implica que se explicitem os seus pressupostos.

O conjunto dos objectivos para o ensino do Português, neste nível, é definido em acordo com os princípios estabelecidos na Lei de Bases do Sistema Educativo e no projecto curricular em que se integra a disciplina.

Reconhece-se a Língua Materna como o elemento mediador que permite a nossa identificação, a comunicação com os outros e a descoberta e compreensão do mundo que nos rodeia. Tem-se como seguro que a restrição da competência linguística impede a realização integral da pessoa, isola da comunicação, limita o acesso ao conhecimento, à criação e à fruição da cultura e reduz ou inibe a participação na práxis social. Entende-se que o domínio da Língua Materna, como factor de transmissão e apropriação dos diversos conteúdos disciplinares, condiciona o sucesso escolar.

Optou-se por um conjunto de directrizes pedagógicas e por uma estrutura de programas que visam a coerência do ensino, ao longo da escolaridade básica. Pretendeu-se, deste modo, constituir referenciais organizados e permanentes para alunos e professores.

*O programa apresenta, os domínios **COMUNICAÇÃO ORAL, COMUNICAÇÃO ESCRITA, FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA — ANÁLISE E REFLEXÃO**, em três blocos distintos mas pressupondo uma prática integrada. Os conteúdos actualizam os diferentes domínios operacionalizando-se num processo pedagógico centrado nos alunos que, em interacção na turma, com o professor, constroem a sua aprendizagem.*

Progressivamente, pelo uso da Língua, pela valorização de vivências, conhecimentos, referências e interesses, pela reflexão oportuna e integrada sobre o funcionamento da Língua, o aluno evolui para práticas mais normativizadas da comunicação oral e escrita.

Considera-se essencial que na aprendizagem da Escrita e da Leitura se mobilizem situações de diálogo, de cooperação, de confronto de opiniões; se fomente a curiosidade de aprender; se descubra e desenvolva, nas dimensões cultural, lúdica e estética da Língua, o gosto de falar, de ler e de escrever.

O ritmo de aprendizagem dos alunos e a avaliação contínua dos níveis de progressão serão os indicadores e os reguladores do processo de aprendizagem. O recurso a estratégias diversificadas deve permitir o atendimento de necessidades individuais. As actividades de avaliação devem ser sempre desenvolvidas num sentido construtivo e encorajador.

A adopção desta perspectiva pedagógica contribuirá para que o aluno, ao longo do Ensino Básico, na Língua em que pensa, fala, lê e escreve, construa a sua identidade e a sua relação com o mundo e se afirme como ser afectuoso e interveniente, autónomo e solidário.

OBJECTIVOS GERAIS

1. Expressar-se oralmente com progressiva autonomia e clareza em função de objectivos diversificados.
2. Comunicar oralmente tendo em conta a oportunidade e a situação.
3. Utilizar a Língua como instrumento de aprendizagem e de planificação de actividades (discussões, debates, leituras, notas, resumos, esquemas).
4. Criar o gosto pela recolha de produções do património literário oral.
5. Experimentar percursos individuais ou em grupo que proporcionem o prazer da escrita.
6. Praticar a escrita como meio de desenvolver a compreensão na leitura.
7. Promover a divulgação dos escritos como meio de os enriquecer e de encontrar sentidos para a sua produção.
8. Produzir textos escritos com intenções comunicativas diversificadas.
9. Aperfeiçoar a competência de escrita pela utilização de técnicas de auto e de heterocorreção.
10. Utilizar a leitura com finalidades diversas (prazer e divertimento, fonte de informação, de aprendizagem e enriquecimento da Língua).

11. Apropriar-se do texto lido, recriando-o em diversas linguagens.
12. Desenvolver a competência de leitura relacionando os textos lidos com as suas experiências e conhecimento do mundo.
13. Utilizar diferentes recursos expressivos com uma determinada intenção comunicativa (dramatizações, banda desenhada, cartazes publicitários).
14. Descobrir aspectos fundamentais da estrutura e do funcionamento da Língua, a partir de situações de uso.

BLOCO 1 — COMUNICAÇÃO ORAL

As crianças que, com 5-6 anos, entram para a escola fizeram já, de um modo informal, aquisições linguísticas muito importantes no meio onde vivem e onde intervêm, tendo alargado consideravelmente competências que lhes permitem comunicar com os outros.

É sabido que o domínio do oral se constrói e se alarga progressivamente pelas trocas linguísticas que se estabelecem numa partilha permanente da fala entre as crianças e entre as crianças e os adultos.

Na Escola, cabe ao professor criar condições materiais e humanas de verdadeira comunicação para que as crianças possam manifestar os seus interesses e necessidades, exprimir sentimentos, trocar experiências e saberes.

Quando narra, informa, esclarece, pergunta, responde, convence, o aluno inicia-se nas regras de comunicação oral enquanto descobre o prazer de comunicar com os outros.

A fala, permanentemente partilhada entre as crianças e entre elas e o professor, não deve ser interrompida com correcções inibidoras. Os «erros» podem ser explorados pelo professor em enunciados correctos e integrados funcionalmente nas trocas comunicativas.

1.º ANO

COMUNICAÇÃO ORAL

1. Comunicar oralmente, com progressiva autonomia e clareza

Σ Expressar-se por iniciativa própria:

- em momentos privilegiados de comunicação oral (conversas, diálogos);
- em pequeno ou em grande grupo:
 - * para organização e avaliação do trabalho, do tempo e dos conteúdos das aprendizagens;
 - * na realização de projectos ou de actividades em curso (apresentar sugestões, pedir esclarecimentos, informar...).

Σ Relatar acontecimentos, vividos ou imaginados, desejos...

Σ Descrever desenhos e pinturas (realizadas pelo aluno), fotografias, locais visitados...

- Σ Comunicar oralmente descobertas realizadas pelo aluno.
- Σ Contar histórias.
- Σ Participar, em grupo, na elaboração de histórias e de relatos.
- Σ Contar histórias inventadas.
- Σ Completar histórias (imaginar o desenlace ou desenlaces de histórias).
- Σ Apresentar e emitir opiniões sobre trabalhos individuais ou de grupo (estudos realizados, desenhos, pinturas...).
- Σ Intervir, oralmente, tendo em conta a adequação progressiva a situações de comunicação (diálogo, conversa, apresentação de trabalhos...).
- Σ Regular a participação nas diferentes situações comunicativas (aguardar a vez de falar, ouvir e respeitar a fala dos outros).

2. *Desenvolver a capacidade de retenção da informação oral*

- Σ Interpretar enunciados de natureza diversificada nas suas realizações verbal e não verbal (uma ordem, um pedido, duas ordens seguidas, um recado).
- Σ Identificar intervenientes (em contos orais).
- Σ Reter informações a partir de um enunciado oral (um recado, um aviso).
- Σ Formular perguntas e respostas.
- Σ Responder a questionários.
- Σ Dramatizar cenas do quotidiano, situações vividas ou imaginadas.
- Σ Transpor enunciados orais para outras formas de expressão (gestual, sonoras...) e vice-versa.
- Σ Experimentar variações expressivas da Língua oral (variar a entoação de uma frase, dizendo-a como quem ri, como quem chora, como quem pede, como quem manda, como quem pergunta).

3. *Criar o gosto pela recolha de produções do património literário oral*

- Σ Recolher produções do património literário oral (lengalengas, adivinhas, rimas, trava-línguas, contos, cantares).
- Σ Participar em jogos de reprodução da literatura oral (reproduzir trava-línguas, lengalengas, rimas, cantares).
- Σ Reconhecer elementos sonoros comuns e diferentes (em rimas, lengalengas, trava-línguas).
- Σ Construir rimas, cantilenas...

2.º ANO

COMUNICAÇÃO ORAL

1. *Comunicar oralmente, com progressiva autonomia e clareza*

- Σ Expressar-se por iniciativa própria:
 - em momentos privilegiados de comunicação oral (conversas, diálogos...);
 - em pequeno ou grande grupo:
 - * para organização e avaliação do trabalho, do tempo e dos conteúdos das aprendizagens;
 - * na realização de projectos ou de actividades em curso (apresentar sugestões, pedir esclarecimentos, informar...).
- Σ Relatar acontecimentos, vividos ou imaginados, desejos...
- Σ Descrever desenhos, pinturas (realizadas pelo aluno), fotografias, quadros...
- Σ Comunicar oralmente descobertas (realizadas pelo aluno).
- Σ Contar histórias.
- Σ Participar, em grupo, na elaboração de histórias e de relatos.
- Σ Contar histórias inventadas.
- Σ Completar histórias (imaginar o desenlace ou desenlaces possíveis, construir uma história da qual conhece apenas o desenlace ou as personagens).
- Σ Construir histórias a partir de ilustrações.
- Σ Apresentar e emitir opiniões sobre trabalhos individuais ou de grupo (estudos realizados, pinturas, desenhos...).
- Σ Intervir, oralmente, tendo em conta a adequação progressiva a situações de comunicação (diálogo, conversa, apresentação de trabalhos).
- Σ Regular a participação nas diferentes situações de comunicação (saber ouvir, respeitar as opiniões dos outros, intervir oportunamente).

2. *Desenvolver a capacidade de retenção da informação oral*

- Σ Interpretar enunciados de natureza diversificada nas suas realizações verbal e não verbal (uma ordem, um pedido, duas ordens seguidas, um recado, um aviso).
- Σ Identificar intervenientes (em contos orais).

- Σ Reter informações a partir de um enunciado oral (recados, avisos).
- Σ Formular perguntas e respostas, recados, avisos.
- Σ Responder a questionários.
- Σ Dramatizar cenas da vida quotidiana, situações vividas ou imaginadas.
- Σ Transpor enunciados orais para outras formas de expressão (gestual, sonora...) e vice-versa.
- Σ Experimentar variações expressivas da Língua oral (variar a entoação de uma frase, dizendo-a como quem ri, como quem chora, como quem pede, como quem manda...).

3. *Criar o gosto pela recolha de produções do património literário oral*

- Σ Recolher produções do património literário oral (lengalengas, adivinhas, rimas, trava-línguas, contos, cantares).
- Σ Participar em jogos de reprodução da literatura oral (reproduzir trava-línguas, lengalengas, rimas, adivinhas).
- Σ Participar na produção de rimas, cantilenas...
- Σ Reconhecer elementos sonoros comuns e diferentes em rimas, lengalengas...
- Σ Construir rimas, lengalengas...

3.º ANO

COMUNICAÇÃO ORAL

1. *Comunicar oralmente, com progressiva autonomia e clareza*

- Σ Expressar-se por iniciativa própria:
 - em momentos privilegiados de comunicação oral (conversas, diálogos, debates):
 - * no âmbito da turma para organização, gestão e avaliação do trabalho, do tempo e dos conteúdos das aprendizagens;
 - * na realização de projectos e de actividades em curso (apresentar sugestões, apreciar sugestões, pedir esclarecimentos, informar).
- Σ Formular recados, avisos, instruções.
- Σ Relatar acontecimentos, vividos ou imaginados, desejos...
- Σ Contar histórias.

- Σ Contar histórias inventadas.
- Σ Participar, em grupo, na elaboração de histórias, de relatos.
- Σ Completar histórias (imaginar desenlaces possíveis, imaginar cenários, lugar, tempo, personagens, acções).
- Σ Recriar histórias (transformar personagens — animais em pessoas e vice-versa — em objectos fantásticos).
- Σ Apresentar e apreciar trabalhos individuais ou de grupo, dar sugestões para os melhorar ou continuar (estudos realizados, ou em curso, desenhos, pinturas).
- Σ Intervir, oralmente, tendo em conta a adequação progressiva a situações de comunicação (diálogo, conversa, apresentação de trabalhos).
- Σ Regular a participação nas diferentes situações de comunicação (saber ouvir, respeitar opiniões, intervir oportunamente).

2. *Desenvolver a capacidade de retenção da informação oral*

- Σ Interpretar enunciados de natureza diversificada nas suas realizações verbal e não verbal (recados, avisos, instruções...).
- Σ Reter informações a partir de um enunciado oral (recados, avisos, instruções).
- Σ Formular recados, avisos, instruções...
- Σ Responder a questionários.
- Σ Dramatizar textos próprios ou de outros, sequências de situações...
- Σ Transpor enunciados orais para outras formas de expressão (gestual, sonora, pictórica).
- Σ Experimentar variações expressivas da Língua oral (variar a entoação de frases, pronunciando-as com intencionalidades diferentes...).
- Σ Interpretar e recriar em linguagem verbal mensagens não verbais (sons, gestos, imagens).

3. *Criar o gosto pela recolha de produções do património literário oral*

- Σ Recolher e seleccionar produções do património literário oral (contos, lendas, cantares, quadras populares, lengalengas, trava-línguas...).
- Σ Participar em jogos de reprodução da literatura oral (reproduzir trava-línguas, lengalengas, rimas, adivinhas, cantares, contos).
- Σ Comparar versões diferentes dos mesmos contos.
- Σ Participar na produção de rimas, lengalengas.

4.º ANO

COMUNICAÇÃO ORAL

1. Comunicar oralmente com progressiva autonomia e clareza

- Σ Expressar-se por iniciativa própria:
 - em momentos privilegiados de comunicação oral (conversas, diálogos, debates).
 - * no âmbito da turma para organização, gestão e avaliação do trabalho, do tempo e dos conteúdos das aprendizagens;
 - * na realização de projectos e de actividades em curso (apresentar sugestões, expor e justificar opiniões, pedir esclarecimentos, informar...).
- Σ Formular recados, avisos, instruções.
- Σ Relatar acontecimentos, vividos ou imaginados, desejos, sonhos.
- Σ Contar histórias inventadas.
- Σ Contar, resumidamente, histórias.
- Σ Participar na elaboração oral de histórias, relatos, resumos.
- Σ Completar histórias (a partir do seu desenlace, criando cenários, lugar, tempo, acções, personagens).
- Σ Recriar histórias (transformando personagens: animais em pessoas, em animais fantásticos, em pessoas fantásticas...).
- Σ Imaginar uma história (a partir da ilustração da capa de um livro, a partir do título de uma história, a partir da descrição das personagens) e compará-la com o texto original.
- Σ Apresentar e emitir opiniões sobre trabalhos individuais ou de grupo, dar sugestões para os continuar ou melhorar, expor e justificar opiniões, pedir esclarecimentos, informar.
- Σ Intervir, oralmente, tendo em conta a adequação progressiva a situações de comunicação (diálogo, conversa, apresentação de trabalhos).
- Σ Regular a participação nas diferentes situações de comunicação (saber ouvir, respeitar opiniões, intervir oportunamente).

2. Desenvolver a capacidade de retenção da informação oral

- Σ Interpretar enunciados de natureza diversificada nas suas realizações verbal e não verbal (avisos, instruções).

- Σ Identificar intervenientes e acções, referenciando-os no espaço e no tempo.
- Σ Reter informações a partir de um enunciado oral (avisos, instruções).
- Σ Formular avisos, instruções.
- Σ Distinguir factos de opiniões.
- Σ Responder a questionários.
- Σ Dramatizar cenas do quotidiano, textos próprios ou textos de outros.
- Σ Transpor enunciados orais para outras formas de expressão (gestual, sonora, pictórica).
- Σ Verificar experimentalmente características da Língua oral (variar a entoação de frases, dizendo-as com intencionalidades diferentes).
- Σ Interpretar e recriar em linguagem verbal mensagens não verbais (sons, gestos, imagens).

3. *Criar o gosto pela recolha de produções do património literário oral*

- Σ Recolher e seleccionar produções do património literário oral (contos, lendas, cantares, quadras populares, lengalengas, trava-línguas).
- Σ Participar em jogos de reprodução da literatura oral (reproduzir trava-línguas, lengalengas, rimas, adivinhas, contos...).
- Σ Comparar versões diferentes dos mesmos contos.
- Σ Participar na produção de rimas e de lengalengas, introduzindo-lhes novos elos.
- Σ Colaborar na produção de contos (com companheiros, com o professor...).

BLOCO 2 — COMUNICAÇÃO ESCRITA

Ao entrar para a escola, todas as crianças construíram já ideias acerca da escrita e da leitura.

Importa, assim, que elas experimentem, ao longo do 1.º ciclo do Ensino Básico, percursos integradores do que já sabem e propiciadores da descoberta da escrita e da leitura.

Torna-se para isso necessário que na sala de aula surjam múltiplas ocasiões de convívio com a escrita e com a leitura e se criem situações e projectos diversificados que integrem funcionalmente as produções das crianças em circuitos comunicativos.

Dar aos alunos a possibilidade de escrever, encontrar com eles os sentidos implícitos nas suas tentativas de escrita (garatuñas, letras isoladas, ou agrupadas em estruturas que se assemelham a palavras e outros escritos cada vez mais elaborados), partir de e apoiar-se nas suas produções significa construir com as crianças um percurso de descoberta e de redescoberta da Língua. Estes escritos podem sempre valorizar-se e ampliar-se no intercâmbio com outros grupos e com a comunidade.

Para aprender a escrever e a ler é preciso não só escrever e ler muito, mas principalmente, é preciso que a prática da escrita e da leitura esteja associada a situações de prazer e de reforço da autoconfiança.

Escrever e ler sem receio de censura, com a certeza de poder contar com os apoios necessários ao aperfeiçoamento das produções, permitirá a descoberta do prazer de escrever e de ler e o entendimento de que todas as produções podem ser melhoradas, reformuladas, transformadas.

Para aprender a escrever, as crianças têm de realizar sobre a escrita que produzem uma série de acções semelhantes às que realizam sobre um objecto físico, isto é, têm de descobrir como, porquê e em que situações a escrita funciona.

Diversificar os contextos de produção, multiplicar práticas de escrita, encontrar em grupo soluções para os problemas que a construção do texto exige, permite aprofundar a compreensão da leitura, acelerar aprendizagens, organizar e desenvolver o pensamento.

1.º ANO

COMUNICAÇÃO ESCRITA

1. *Desenvolver o gosto pela Escrita e pela Leitura*

- Σ Contactar com diversos registos de escrita (produções dos alunos, documentação, biblioteca, jornais, revistas, correspondência, etiquetas, rótulos, registos de presenças, calendários, avisos, recados, notícias...).
- Σ Experimentar múltiplas situações que despertem e desenvolvam o gosto pela Língua escrita (actividades de biblioteca da aula, da escola, municipais, itinerantes).
- Σ Ouvir ler histórias e livros de extensão e complexidade progressivamente alargadas que correspondam aos interesses dos alunos.
- Σ Manifestar interesse por situações ou por personagens de histórias.
- Σ Levantar hipóteses acerca do conteúdo de livros ou de textos a partir das suas ilustrações.
- Σ Comparar as hipóteses levantadas com o conteúdo original (que ouve ler).
- Σ Localizar, em jornais, notícias, a partir de imagens.
- Σ Comparar, em diferentes jornais, as mesmas notícias e as imagens que as ilustram.
- Σ Localizar, em jornais, as páginas que indicam programas de televisão... programas infantis...
- Σ Descobrir e localizar, em jornais e revistas, e através das imagens, um programa de televisão de que gosta.
- Σ Experimentar múltiplas situações que façam surgir a necessidade de produção de escrita (recados, avisos, descobertas realizadas, convites, correspondência interescolar, correspondência com autarquias, bibliotecas, museus...).

2. *Desenvolver as competências de Escrita e de Leitura*

- Σ Participar em múltiplas situações que desenvolvam o convívio e o gosto pela escrita e pela leitura (participar no registo escrito de experiências vividas ou imaginadas, correspondência...).
- Σ Experimentar diferentes tipos de escrita requeridos pela organização da vida escolar e pela concretização de actividades e de projectos em curso (escrita do nome próprio, nome completo, nomes dos companheiros, registo de presenças, de tarefas, de aniversários, etiquetas, avisos, recados, convites, correspondência, relatos de visitas de estudo).

- Σ Desenvolver o gosto pela escrita por iniciativa própria (cada aluno ter um caderno onde possa fazer tentativas de escrita, garatujar, escrever como souber, o que quiser, quando quiser).
- Σ Relacionar produções orais dos alunos com a sua forma escrita (discursos do quotidiano, histórias).
- Σ Experimentar múltiplas situações de descoberta, de análise e de síntese, a partir de textos, de frases, de palavras.
- Σ Reconstruir o texto com expressões ou com palavras recortadas, em presença do modelo, sem a presença do modelo, no quadro de pregas, no flanelógrafo, nos cadernos.
- Σ Descobrir expressões iguais ou palavras iguais em produções diferentes e nas mesmas produções.
- Σ Reconhecer expressões ou palavras iguais em produções diferentes e nas mesmas produções.
- Σ Coleccionar as palavras descobertas e reconhecidas.
- Σ Construir novos textos com expressões ou palavras já recortadas.
- Σ Comparar textos, expressões e palavras, a fim de descobrir semelhanças e diferenças nos aspectos gráfico e sonoro.
- Σ Descobrir elementos comuns a várias palavras.
- Σ Construir palavras por combinatória de elementos conhecidos.
- Σ Construir listas de palavras que contenham elementos conhecidos (a mesma sílaba, inicial... média, ou final...).
- Σ Construir rimas ou cantilenas a partir de palavras conhecidas.
- Σ Realizar jogos de substituição de letras ou de sílabas para formar outras palavras (com letras móveis, sem letras móveis).
- Σ Realizar jogos de comutação de letras para formar outras palavras.
- Σ Produzir textos escritos por iniciativa própria (de criação livre, discursos do quotidiano, de carácter utilitário, a partir de palavras ou de imagens).
- Σ Praticar o aperfeiçoamento de textos, em grupo, com o professor, e integrá-los em circuitos comunicativos (correspondência interescolar, jornal escolar...).
- Σ Ler textos produzidos por iniciativa própria (para toda a turma, para um grupo, para um companheiro, para o professor).
- Σ Ler textos produzidos pelos companheiros, pelos correspondentes (para o professor, para um grupo, para um companheiro).

- Σ Relacionar textos lidos com as suas vivências escolares e extra-escolares.
- Σ Ler livros ou textos adequados à sua idade e nível de competência de leitura.
- Σ Identificar personagens e acções.
- Σ Recriar textos em várias linguagens (recontar histórias, dramatizar histórias).

3. Utilizar técnicas de recolha e de organização da informação

- Σ Recolher documentação (gravuras, postais ilustrados, manuais de diferentes disciplinas, fotocópias de páginas de enciclopédias, textos...).
- Σ Organizar e classificar a documentação segundo critérios diversos (grandes temas, subtemas, ordem alfabética...).
- Σ Construir um dicionário ilustrado (imagem/palavra), organizando-o segundo critérios combinados (por temas, por ordem alfabética...).
- Σ Consultar listas de palavras organizadas segundo critérios diversificados.
- Σ Consultar ficheiros de imagens.
- Σ Consultar o dicionário ilustrado.

2.º ANO

COMUNICAÇÃO ESCRITA

1. Desenvolver o gosto pela Escrita e pela Leitura

- Σ Contactar com diversos registos de escrita (produções dos alunos, documentação, biblioteca, jornais, revistas, correspondência, etiquetas, rótulos, registos de presenças, calendários, avisos, recados, notícias...).
- Σ Experimentar múltiplas situações que despertem e desenvolvam o gosto pela língua escrita (actividades de biblioteca da aula, da escola, municipais, itinerantes).
- Σ Ouvir ler histórias e livros de extensão e complexidade progressivamente alargadas que correspondam aos interesses dos alunos.
- Σ Manifestar interesse por situações ou por personagens de histórias.
- Σ Levantar hipóteses acerca do conteúdo de livros ou de textos, a partir das suas ilustrações, do título, da capa.
- Σ Comparar hipóteses levantadas com o conteúdo original (que ouviu ler).

- Σ Assinalar diferenças e semelhanças entre as hipóteses levantadas e o conteúdo original.
- Σ Descobrir em jornais, que apresentam programas de televisão, o que há para além desses programas.
- Σ Referenciar o tipo de jornal onde os programas estão inseridos (semanário, diário, jornal ou revistas da especialidade).
- Σ Comparar, naqueles jornais, os lugares atribuídos a um determinado programa (tipo de letra e tamanho de letra, página, ilustrações).
- Σ Experimentar múltiplas situações que façam surgir a necessidade de comunicação escrita (recados, avisos, decisões tomadas, convites, correspondência interescolar, correspondência com autarquias, museus, bibliotecas).

2. Desenvolver as competências de Escrita e de Leitura

- Σ Participar em múltiplas situações que desenvolvam o convívio e o gosto pela escrita e pela leitura (participar no registo escrito de experiências vividas ou imaginadas, em correspondência, em actividades de biblioteca da aula, da escola, municipais, itinerantes).
- Σ Experimentar diferentes tipos de escrita requeridos pela organização da vida escolar e pela concretização de actividades e de projectos em curso (avisos, recados, convites, correspondência, registo de presenças, de tarefas, de aniversários, decisões...).
- Σ Desenvolver o gosto pela escrita por iniciativa própria (ter cada aluno um caderno onde possa fazer tentativas de escrita, escrever como souber, o que quiser, quando quiser).
- Σ Produzir textos escritos por iniciativa própria (de criação livre, sugeridos a partir de uma imagem, de imagens em sequência ou desordenadas, a partir de palavras dadas...).
- Σ Praticar o aperfeiçoamento de textos produzidos, em grupo, com o professor e integrá-los em circuitos comunicativos (correspondência interescolar, jornal de turma ou de escola).
- Σ Reconstruir textos com frases em desordem.
- Σ Apreender o sentido de um texto eliminando uma frase fora do contexto («frase pirata»).
- Σ Apreender o sentido de um texto com lacunas.
- Σ Praticar jogos de palavras (palavras com letras ou sílabas desordenadas para formar palavras com sentido, palavras com uma letra «pirata» e formar uma palavra com letras «piratas»).

- Σ Construir rimas e cantilenas a partir de palavras dadas.
- Σ Fazer jogos de substituição, de comutação e de combinatória de letras e de sílabas (a partir de enganos, de trocas de letras, explorar situações de «nonsense»).
- Σ Ler, com frequência regular, textos produzidos por iniciativa própria (para toda a turma, para um grupo, para o professor).
- Σ Ler e apreciar textos produzidos pelos companheiros, pelos correspondentes (para a turma, para um grupo, para o professor).
- Σ Ler, na versão integral, histórias, livros, poemas, de extensão e complexidade progressivamente alargadas, adequadas à sua idade e ao seu nível de competência de leitura.
- Σ Relacionar o que leu com as suas vivências escolares e extra-escolares.
- Σ Identificar personagens e acções.
- Σ Recriar personagens e acções.
- Σ Recriar textos em várias linguagens (recontar histórias, dramatizar histórias, transformar histórias em banda desenhada).

3. *Utilizar técnicas de recolha e de organização da informação*

- Σ Recolher documentação (gravuras, fotografias, postais ilustrados, manuais de diferentes disciplinas, fotocópias de páginas de enciclopédias, textos...).
- Σ Organizar e classificar a documentação segundo critérios diversos (grandes temas, subtemas, ordem alfabética...).
- Σ Construir um dicionário ilustrado, organizando-o segundo critérios combinados (temática, ordem alfabética...).
- Σ Consultar listas de palavras organizadas segundo critérios diversos.
- Σ Consultar ficheiros de imagens.
- Σ Consultar o dicionário ilustrado.

3.º ANO

COMUNICAÇÃO ESCRITA

1. *Desenvolver o gosto pela Escrita e pela Leitura*

- Σ Experimentar múltiplas situações que desenvolvam o gosto pela escrita (textos de criação livre, textos com tema sugerido, textos com temas à escolha...).

- Σ Escrever individualmente e em grupo, a partir de motivações lúdicas (completar histórias, criar histórias a partir de gravuras desordenadas ou em sequência, banda desenhada, jogos de palavras...).
- Σ Experimentar diferentes tipos de escrita, com intenções comunicativas diversificadas, requeridos pela organização da vida escolar e pela concretização de projectos em curso (avisos, recados, notícias, convites, relatos de visitas de estudo, relatos de experiências, correspondência, jornais de turma, de escola).
- Σ Recriar textos em diversas linguagens (transformar histórias, recontar histórias, dramatizar momentos e histórias completas).
- Σ Organizar textos próprios e alheios segundo critérios diversificados (temática, prosa, poesia).
- Σ Seleccionar, em livros, textos que correspondem às temáticas das produções por iniciativa própria.
- Σ Registar, por escrito, produções do património literário oral para as conservar ou para as transmitir.
- Σ Praticar a leitura por prazer (actividades de biblioteca de turma, de escola, municipais, itinerantes).
- Σ Ler, com frequência regular, textos produzidos por iniciativa própria (para a turma, para o grupo, para um companheiro, para o professor).
- Σ Responder às perguntas dos ouvintes.
- Σ Ouvir ler e ler narrativas e poemas de extensão e complexidade progressivamente alargadas.
- Σ Manifestar preferência por personagens e situações da história.
- Σ Recontar um livro ou um texto que leu individualmente, em casa ou na biblioteca.
- Σ Relacionar livros e outros textos com as suas vivências escolares e extra-escolares, com os seus gostos e preferências.
- Σ Ler, na versão integral e por escolha própria, livros e outros textos.
- Σ Fazer jogos de pesquisa de sentido (antecipar o desenlace de narrativas, propor um título para um texto, escolher, entre vários títulos, o mais adequado a um texto).
- Σ Levantar hipóteses acerca do conteúdo de livros ou de textos a partir da capa, do título, das personagens.
- Σ Comparar hipóteses levantadas com o conteúdo original.
- Σ Assinalar diferenças e semelhanças entre as hipóteses levantadas e o conteúdo original.

- Σ Ler e interpretar textos narrativos e poéticos.
- Σ Estabelecer relações de sinonímia e antonímia para aprofundar a compreensão do texto.
- Σ Descobrir, num contexto, o sentido de palavras desconhecidas.
- Σ Estabelecer a sequência de acontecimentos.
- Σ Localizar a acção no espaço e no tempo.
- Σ Praticar a leitura dialogada, distinguindo as intervenções das personagens.
- Σ Apreender o sentido de um texto no qual foram apagadas ou semiapagadas palavras ou letras.
- Σ Conhecer em jornais, que apresentam programas de televisão, os símbolos que assinalam uma emissão de qualidade, medíocre ou má.
- Σ Comparar, em dois jornais diferentes, os símbolos que classificam o mesmo programa.

2. *Desenvolver as competências da Escrita e da Leitura*

- Σ Desenvolver o gosto pela escrita por iniciativa própria (ter cada aluno um caderno onde possa escrever como souber, o que quiser, quando quiser).
- Σ Praticar o aperfeiçoamento de textos escritos (com toda a turma, em pequeno grupo), questionando o autor do texto, emitindo opiniões e apresentando críticas e sugestões para o melhorar.
- Σ Participar na reescrita do texto, confrontando hipóteses múltiplas, tendo em vista o seu aperfeiçoamento (organização das ideias, supressão de repetições desnecessárias, adequação do vocabulário, adjectivação, formas básicas da ortografia, da acentuação, do discurso directo).
- Σ Participar na comparação entre o texto original e o texto trabalhado.
- Σ Registar (por cópia ou por ditado, na imprensa, no limógrafo, no computador...) o texto trabalhado, cuidando da sua apresentação gráfica, e integrá-lo em circuitos comunicativos (correspondência interescolar, jornal escolar).
- Σ Construir livros de histórias com os seus textos, com textos de companheiros, de correspondentes, de escritores...
- Σ Exercitar-se, em momentos de trabalho individual, na superação de dificuldades detectadas (organização das ideias, pontuação, vocabulário, ortografia...), através de fichas autocorrectivas ou outras.

3. Utilizar técnicas de recolha e de organização da informação

- Σ Recolher documentação (gravuras, fotografias, postais ilustrados, manuais de diferentes disciplinas, fotocópias de páginas de enciclopédias, textos).
- Σ Organizar e classificar a documentação segundo critérios diversos (grandes temas, subtemas, ordem alfabética...).
- Σ Organizar um índice da documentação.
- Σ Construir materiais de informação, consulta e estudo, listas de palavras, dicionários ilustrados, prontuários ortográficos para a recolha de regularidades e de excepções da Língua «descobertas» no trabalho de aperfeiçoamento do texto.
- Σ Recorrer à consulta de prontuários para procurar soluções para dúvidas levantadas na produção de escritos.
- Σ Descobrir critérios de organização de dicionários.
- Σ Treinar a consulta de dicionários, enciclopédias infantis, prontuários...

4.º ANO

COMUNICAÇÃO ESCRITA

1. Desenvolver o gosto pela Escrita e pela Leitura

- Σ Experimentar múltiplas situações que desenvolvam o gosto pela escrita (textos de criação livre, textos com tema sugerido, textos com temas à escolha...).
- Σ Escrever, individualmente e em grupo, a partir de motivações lúdicas (completar histórias, criar histórias a partir de gravuras desordenadas ou em sequência, banda desenhada, jogos de palavras).
- Σ Experimentar diferentes tipos de escrita, com intenções comunicativas diversificadas, requeridos pela organização da vida escolar e pela concretização de projectos em curso (avisos, recados, notícias, convites, relatos de visitas de estudo, relatos de experiências, correspondência, jornais de turma, de escola...).
- Σ Recriar textos em diversas linguagens (transformar histórias, recontar histórias, dramatizar momentos ou histórias completas).
- Σ Organizar textos próprios e alheios segundo critérios diversificados (temática, prosa, poesia).
- Σ Seleccionar, em livros, textos que correspondam às temáticas das produções por iniciativa própria.

- Σ Registrar, por escrito, produções do património literário oral para as conservar ou para as transmitir.
- Σ Praticar a leitura por prazer (actividades de biblioteca de turma, de escola, municipais, itinerantes).
- Σ Ler, com frequência regular, textos produzidos por iniciativa própria (para a turma, para um grupo, para um companheiro, para o professor).
- Σ Responder às perguntas dos ouvintes.
- Σ Confrontar opiniões próprias com as de outros.
- Σ Ouvir ler e ler narrativas e poemas de extensão e de complexidade progressivamente alargadas.
- Σ Manifestar preferência por personagens e situações da história.
- Σ Recontar um livro ou um texto que leu individualmente (em casa ou na biblioteca).
- Σ Relacionar livros e outros textos com as suas vivências escolares e extra-escolares, com os seus gostos e preferências.
- Σ Ler, na versão integral e por escolha própria, livros e outros textos.
- Σ Fazer jogos de pesquisa de sentido (antecipar o desenlace de narrativas, propor um título para um texto, recolher, entre vários títulos, o mais adequado a um texto).
- Σ Descobrir, num contexto, o sentido de palavras desconhecidas.
- Σ Estabelecer a sequência de acontecimentos.
- Σ Localizar a acção no espaço e no tempo.
- Σ Praticar a leitura dialogada distinguindo as intervenções das personagens.
- Σ Apreender o sentido de um texto no qual foram apagadas ou semiapagadas palavras ou frases.
- Σ Levantar hipóteses acerca do conteúdo de livros ou de textos, a partir do título, das personagens...
- Σ Comparar as hipóteses levantadas com o conteúdo original.
- Σ Assinalar diferenças e semelhanças entre as hipóteses levantadas e o conteúdo original.
- Σ Conhecer, em jornais que apresentam programas de televisão, os símbolos que assinalam uma emissão de qualidade, medíocre ou má.
- Σ Comparar, em dois jornais diferentes, os símbolos que classificam o mesmo programa.

2. Desenvolver as competências de Escrita e de Leitura

- Σ Desenvolver o gosto pela escrita por iniciativa própria (ter cada aluno um caderno onde possa escrever como souber, o que quiser, quando quiser).
- Σ Praticar o aperfeiçoamento de textos escritos (em colectivo, em pequeno grupo), questionando o autor, emitindo opiniões e apresentando críticas e sugestões para o melhorar.
- Σ Participar na reescrita do texto, confrontando hipóteses múltiplas, tendo em conta o seu aperfeiçoamento (organização das ideias, supressão de repetições desnecessárias, adequação do vocabulário, adjectivação, formas básicas da ortografia, da acentuação e do discurso directo).
- Σ Participar na comparação entre o texto original e o texto trabalhado.
- Σ Registar (por cópia ou por ditado na imprensa, no limógrafo, no computador) o texto trabalhado, cuidando da sua apresentação gráfica, e integrá-lo em circuitos comunicativos (correspondência interescolar, jornais de turma ou de escola).
- Σ Construir livros de leitura com os seus textos, com textos de companheiros e correspondentes, com textos de escritores.
- Σ Construir livros de histórias.
- Σ Exercitar-se, em momentos de trabalho individual, na superação de dificuldades detectadas (organização das ideias, pontuação, vocabulário, ortografia) através de fichas autocorrectivas ou outras.

3. Utilizar técnicas de recolha e de organização da informação

- Σ Recolher documentação (gravuras, fotografias, postais ilustrados, manuais de diferentes disciplinas, fotocópias de páginas de enciclopédias, textos).
- Σ Organizar e classificar a documentação segundo critérios diversos (grandes temas, subtemas, ordem alfabética...).
- Σ Organizar um índice da documentação.
- Σ Construir materiais de informação, consulta e estudo, listas de palavras, dicionários ilustrados, segundo critérios diversificados (temática, ordem alfabética...), prontuários ortográficos para recolha de regularidades e de excepções da Língua «descobertas» no trabalho de aperfeiçoamento do texto).
- Σ Consultar listas de palavras.
- Σ Recorrer à consulta de prontuários para ampliar conhecimentos e para procurar soluções para as dúvidas levantadas nas produções escritas.
- Σ Descobrir critérios de organização de dicionários.
- Σ Treinar a consulta de dicionários, enciclopédias infantis, prontuários...

BLOCO 3 — FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA, ANÁLISE E REFLEXÃO

No 1.º Ciclo do Ensino Básico, o Módulo Funcionamento da Língua — Análise e Reflexão deve ser entendido como um instrumento de descoberta e de desenvolvimento das possibilidades de uso da Língua e de aprendizagem da Escrita e da Leitura.

Aponta assim para um percurso integrado de Comunicação Oral, de Comunicação Escrita e de Reflexão sobre a Língua.

Tal pressupõe que os alunos experimentem, explorem funcional e ludicamente várias formas diferentes de dizer as mesmas coisas, se sirvam dos seus erros e inadequações para descobrir regularidades e irregularidades da Língua.

A multiplicidade de práticas de análise e de reflexão sobre as falas e sobre a escrita que vão construindo em interacção com a leitura permitirá um progressivo domínio da estrutura da Língua.

Não se espera que, durante este ciclo, os alunos venham a dominar a nomenclatura correspondente a todo o trabalho realizado.

A consolidação desse trabalho de memorização será realizada ao longo do 2.º ciclo do ensino Básico.

3.º ANO

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA — ANÁLISE E REFLEXÃO

Descobrir aspectos fundamentais da estrutura e do funcionamento da Língua a partir de situações de uso

- Σ Distinguir diferentes tipos de texto (prosa, poesia, banda desenhada, teatro, texto oral).
- Σ Distinguir, em frases simples, os elementos fundamentais (por extensão e por redução).
- Σ Verificar a mobilidade de alguns elementos da frase.
- Σ Distinguir as formas afirmativa e negativa de frases (por transformação).
- Σ Estabelecer relações de significado entre as palavras (sinonímia, antonímia).
- Σ Organizar famílias de palavras (segundo critérios diversificados).

- Σ Exercitar o uso de sinais de pontuação e auxiliares da escrita: ponto final, ponto de interrogação, vírgula apenas na enumeração (no decurso de aperfeiçoamento de texto e em momentos de trabalho individual, ficheiros autocorrectivos e outros).
- Σ Identificar nomes.
- Σ Distinguir nomes comuns, próprios e colectivos.
- Σ Identificar o género, o número e o grau dos nomes pelas marcas e pelo contexto.
- Σ Identificar adjectivos.
- Σ Substituir adjectivos por outros de sentido equivalente num determinado contexto.
- Σ Aplicar os pronomes pessoais ligados às pessoas do discurso.
- Σ Identificar verbos.
- Σ Identificar diferentes sons da Língua (vogais e consoantes).
- Σ Combinar, ludicamente, diferentes sons da Língua.
- Σ Comparar onomatopeias com os sons que imitam ou sugerem.
- Σ Estabelecer relações entre sons e letras (fonemas e grafemas correspondentes).
- Σ Decompor palavras em sílabas (para efeitos de translineação).
- Σ Distinguir sílaba tónica e sílaba átona.
- Σ Exercitar o uso de sinais gráficos de acentuação (acentos agudo, grave, circunflexo, til).

4.º ANO

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA — ANÁLISE E REFLEXÃO

1. *Descobrir aspectos fundamentais da estrutura e do funcionamento da Língua a partir de situações de uso*

- Σ Distinguir diferentes tipos de texto (prosa, poesia, banda desenhada, texto oral).
- Σ Distinguir, em frases, os elementos fundamentais (por expansão e por redução).
- Σ Verificar a mobilidade de alguns elementos da frase.

- Σ Explorar diferenças semânticas e estéticas resultantes da mobilidade de elementos da frase.
- Σ Transformar frases (afirmativa-negativa e interrogativa directa).
- Σ Estabelecer relações de significado entre palavras (sinonímia, antonímia).
- Σ Organizar famílias de palavras (segundo critérios diversificados).
- Σ Exercitar o uso de sinais de pontuação e auxiliares da escrita (ponto final, ponto de interrogação, ponto de exclamação, vírgula apenas na enumeração, travessão, dois pontos (no decurso do aperfeiçoamento do texto e em momentos de trabalho individual, ficheiros autocorrectivos e outros).
- Σ Identificar nomes.
- Σ Distinguir nomes próprios, comuns e colectivos.
- Σ Identificar o género, o número e o grau dos nomes pelas marcas e pelo contexto.
- Σ Verificar a regra geral e as excepções mais frequentes do género e do número.
- Σ Identificar adjectivos.
- Σ Substituir adjectivos por outros de sentido equivalente num determinado contexto.
- Σ Seleccionar e comparar adjectivos que, num determinado contexto, qualifiquem um animal, uma pessoa, uma situação.
- Σ Aplicar os diferentes graus do adjectivo estabelecendo comparações, diversificando a superlativização.
- Σ Identificar numerais cardinais e ordinais.
- Σ Substituir elementos da frase por determinantes possessivos e demonstrativos.
- Σ Aplicar os pronomes pessoais ligados às pessoas do discurso.
- Σ Identificar verbos.
- Σ Aplicar as formas do Presente, Presente-Futuro, Futuro e Pretérito Perfeito do Indicativo de verbos regulares e dos verbos irregulares (ser, estar, ter).
- Σ Distinguir sons vocálicos e consonânticos.
- Σ Combinar, ludicamente, diferentes sons da língua.
- Σ Comparar onomatopeias com sons que imitam ou sugerem.
- Σ Inventar onomatopeias.
- Σ Nomear, por ordem, as letras do alfabeto.

- Σ Decompor palavras em sílabas.
- Σ Distinguir sílaba tônica e sílaba átona.
- Σ Estabelecer a diferença entre acento gráfico e acento fônico.
- Σ Exercitar o uso de sinais gráficos de acentuação (acento agudo, acento grave, acento circunflexo, til).

MATEMÁTICA

PRINCÍPIOS ORIENTADORES

A tarefa principal que se impõe aos professores é conseguir que as crianças desde cedo aprendam a gostar de Matemática.

Caberá ao professor organizar os meios e criar o ambiente propício à concretização do programa, de modo a que a aprendizagem seja, na sala de aula, o reflexo do dinamismo das crianças e do desafio que a própria Matemática constitui para elas.

Só assim a Matemática se tornará aliciante e poderão as crianças continuar activas, questionadoras e imaginativas como é da sua natureza.

Só assim esta disciplina deixará de ser um factor de selecção para se tornar num instrumento de desenvolvimento de todos os alunos.

As grandes finalidades do ensino da Matemática para o conjunto dos três ciclos do Ensino Básico,

Σ desenvolver a capacidade de raciocínio,

Σ desenvolver a capacidade de comunicação,

Σ desenvolver a capacidade de resolver problemas,

devem estar presentes ao longo dos quatro anos que constituem o 1.º ciclo, de modo a assegurar a articulação vertical do processo de ensino e aprendizagem desta disciplina fundamental para a estruturação do pensamento e da acção.

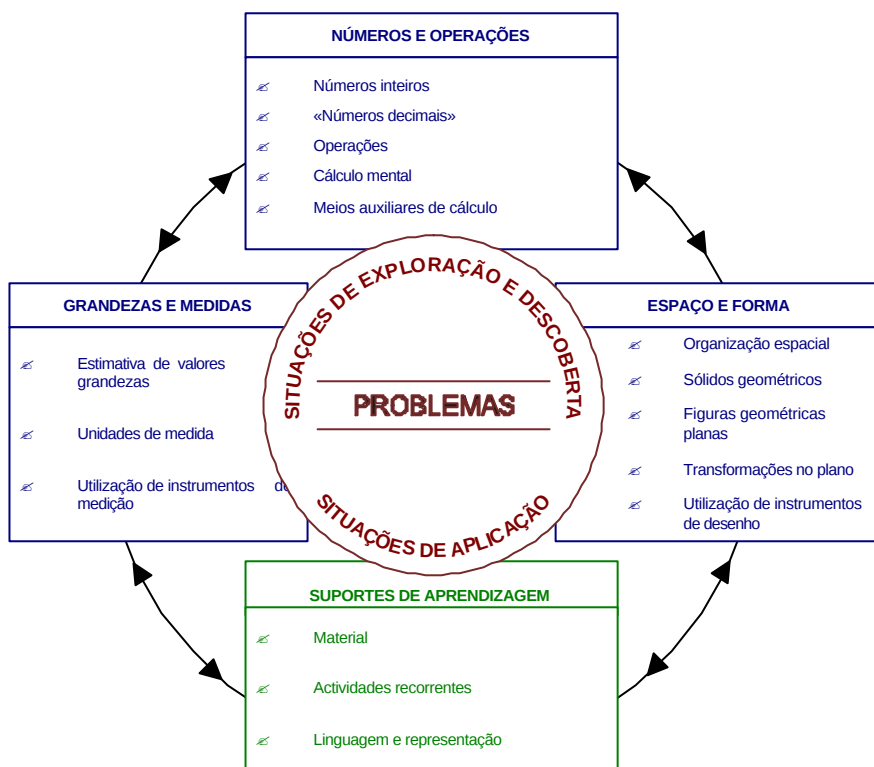
O programa está organizado em três blocos de conteúdos, a que se junta uma componente de suportes de aprendizagem. Desenvolve-se a partir da actividade considerada fundamental — a resolução de problemas. Esta organização não deve ser entendida como uma proposta de trabalho compartimentada e sequenciada no tempo. Considera-se, pelo contrário, que os tópicos de cada bloco devem ser abordados de forma integrada ao longo do ano.

Na verdade, não só as aquisições em cada domínio favorecem e são favorecidas pelos progressos, conseguidos nos outros domínios, como a mudança e diversificação de actividades serão mais estimulantes para os alunos.

A focalização do programa na resolução dos problemas decorre da concepção de que a resolução de situações problemáticas (numéricas e não numéricas) deverá constituir a actividade central desta área e estar presente no desenvolvimento de todos os tópicos. Sendo esta actividade promotora do desenvolvimento do raciocínio e da comunicação, deverá nestas idades ancorar em operações lógicas elementares e apoiar-se em materiais e linguagem gráfica que constituam uma ponte entre o real e as abstracções matemáticas.

A resolução de problemas coloca o aluno em atitude activa de aprendizagem, quer dando-lhe a possibilidade de construir noções como resposta às interrogações levantadas (exploração e descoberta de novos conceitos), quer incitando-o a utilizar as aquisições feitas e a testar a sua eficácia.

Em esquema, representa-se a organização do programa, evidenciando os grandes blocos que integram os conteúdos e tipos de actividade a desenvolver nesta área.



OBJECTIVOS GERAIS

1. Manifestar curiosidade e gosto pela exploração e resolução de problemas simples do universo familiar.
2. Recolher dados simples e organizá-los de forma pessoal recorrendo a diferentes tipos de representação.
3. Efectuar medições, escolhendo instrumentos adequados, para resolver problemas simples da vida corrente.
4. Fazer e utilizar estimativas em situações de cálculo ou de medição.
5. Explorar, construir e transformar modelos geométricos e estabelecer relações entre eles.
6. Explicar e confrontar as suas ideias com as dos companheiros, justificar as suas opiniões e descrever processos utilizados na realização de actividades.
7. Desenvolver estratégias pessoais de resolução de problemas e assumir progressivamente uma atitude crítica perante os resultados.
8. Resolver situações e problemas do dia-a-dia, aplicando as operações aritméticas e as noções básicas de geometria, utilizando algoritmos e técnicas de cálculo mental.

PROBLEMAS

A resolução de problemas, quer na fase de exploração e descoberta, quer na fase de aplicação, deverá constituir a actividade fundamental desta disciplina e estar presente no desenvolvimento de todos os seus capítulos. Na ver-

dade, só há aprendizagem quando a criança reage dinamicamente a uma questão que suscite o seu interesse e responda à sua curiosidade.

A resolução de problemas exige necessariamente a utilização de conhecimentos e o domínio de técnicas que, deste modo, se tornam significativas.

Nesta fase do seu desenvolvimento, as crianças interessam-se sobretudo por jogos, adivinhas e histórias (vivas ou de fantasia) que apresentem questões interessantes para resolver e que constituem verdadeiros problemas à medida da sua idade.

Interessam-se também por problemas práticos se estes se relacionarem com a sua vida na escola ou resultarem da abertura desta à comunidade.

A resolução de um problema deve constituir um momento especial de interacção e de diálogo.

O professor, como moderador, acolhe as respostas, pergunta «porquê», lança pistas, aproveita o erro para formular novas perguntas e pede estimativas antes de ser encontrada a solução. Competirá ainda ao professor estimular a partilha das diversas estratégias para a obtenção de um resultado se na sua busca foram percorridos caminhos diferentes.

O domínio progressivo das técnicas adequadas e o desenvolvimento da leitura permitirão que, paralelamente a esta abordagem, os alunos do 1.º ciclo possam ser confrontados com problemas escritos que tenham de resolver individualmente ou em pequenos grupos.

SUPORTES DE APRENDIZAGEM

Como o nome indica, não se trata de um bloco distinto com conteúdos próprios.

Nesta rubrica sugerem-se **«meios»** e **«ferramentas»** que ajudarão os alunos a formar e a desenvolver as suas capacidades matemáticas ao longo do seu percurso e no contexto de todos os blocos de conteúdos.

A sua utilização requer do professor uma escolha criteriosa e ajustada aos níveis de desenvolvimento dos alunos, aos tópicos a tratar e aos conceitos a adquirir.

MATERIAL

Na aprendizagem da matemática, como em qualquer outra área, as crianças são enormemente dependentes do ambiente e dos materiais à sua disposição. Neles, a criança deverá encontrar resposta à sua necessidade de exploração, experimentação e manipulação.

Sendo os objectos da Matemática entes abstractos, é importante que os conceitos e relações a construir possam ter um suporte físico.

Se por um lado a manipulação de material pode permitir a construção de certos conceitos, por outro lado, pode servir também para a representação de modelos abstractos permitindo assim uma melhor estruturação desses conceitos.

Para estes fins poderá ser utilizado:

Σ o próprio corpo;

Σ material disponível na sala de aula: lápis, caixas, papéis, mesas, etc.;

Σ material não estruturado recolhido pelos próprios alunos e pelos professores;

Σ material estruturado ou construído com objectivos específicos (blocos lógicos, ábacos, geoplano...);

Σ o computador — linguagem Logo (quando possível).

Convém ainda realçar a importância que alguns jogos podem ter no desenvolvimento de competências necessárias à resolução de problemas. Os tradicionais jogos de «pedrinhas» e «pauzinhos», os dominós, o rapa, os jogos de dados e de cartas, os jogos de construções e os jogos de estratégia (batalha naval, damas, xadrez, «mastermind», etc.), são exemplos de jogos que favorecem:

Σ a capacidade de aceitar e seguir uma regra;

Σ o desenvolvimento da memória;

Σ a agilidade de raciocínio;

Σ o gosto pelo desafio;

Σ a construção de estratégias pessoais.

A par de enorme prazer que proporcionam constituem ainda, como todos os jogos, um importante factor de crescimento emocional e social.

A partir de jogos simples já conhecidos, o professor deverá estimular as crianças a inventarem novos jogos.

ACTIVIDADES «RECORRENTES»

Entende-se por actividades recorrentes aquelas que, promovendo o desenvolvimento de competências lógicas elementares, são fundamentais não apenas para a compreensão de ideias matemáticas mas também para a apreensão de noções de outras áreas, nomeadamente na Língua Portuguesa e do Estudo do Meio.

Estas actividades deverão decorrer de observações e manipulações concretas e de experiências de exploração e interação e estar presentes com frequência ao longo dos quatro anos deste ciclo embora variando o grau de complexidade.

Na abordagem de vários tópicos de todos os capítulos as crianças deverão realizar actividades que lhes permitam:

- Σ reconhecer propriedades num objecto;
- Σ comparar propriedades em diferentes objectos;
- Σ reconhecer uma propriedade comum a vários objectos;
- Σ escolher um critério de classificação;
- Σ descobrir o critério utilizado numa classificação;
- Σ agrupar objectos segundo um critério estabelecido;
- Σ reconhecer se um objecto pertence ou não a um dado agrupamento;
- Σ descobrir propriedades comuns aos elementos de um agrupamento;
- Σ ordenar objectos segundo um critério dado ou escolhido pelo aluno;
- Σ descobrir o critério utilizado numa dada ordenação,
- Σ estabelecer relações de diferentes tipos: entre objectos; entre factos; entre acções;
- Σ hierarquizar factos e situações;
- Σ prever o resultado possível de uma acção ou acontecimento.

LINGUAGEM E REPRESENTAÇÃO

É necessário que desde muito cedo as crianças se apercebam de que a Matemática é também uma linguagem que traduz ideias sobre o mundo que as rodeia. Uma das dificuldades mais sentidas por crianças destas idades é a tradução do real e da linguagem comum para a linguagem simbólica da matemática.

A criação de sinais, desenhos e esquemas individuais constitui um suporte importante para a descoberta e construção pessoal de linguagens convencionais.

Quando o aluno explora uma situação deverá traduzi-la na representação mais adequada para evitar ambiguidades ao referir-se a um objecto, a uma grandeza, a uma relação. A utilização de **setas, diagramas, tabelas, esquemas e gráficos**, por exemplo, contribuirão para:

- Σ comunicar e registar ideias de forma mais simples e clara;
- Σ ler e interpretar informação com maior facilidade.

Ao longo dos 4 anos deste ciclo a utilização dos símbolos convencionais deverá decorrer a par das seguintes actividades:

- Σ Criar sinais convencionados com os companheiros e desenhos que expressem situações.
- Σ Inventar e utilizar esquemas.
- Σ Representar objectos por pontos.
- Σ Explorar situações através de diagramas.
- Σ Representar relações por setas.
- Σ Construir e utilizar tabelas.
- Σ Construir e utilizar gráficos de barras.

BLOCO 1 — NÚMEROS E OPERAÇÕES

A construção progressiva do conceito de número, a compreensão do sistema de numeração decimal e o domínio das operações aritméticas elementares constituem um dos aspectos mais importantes da aprendizagem da Matemática no 1.º Ciclo.

Sendo importantes as experiências pessoais anteriores, serão determinantes as experiências e actividades que a criança tiver na escola.

Para que estas aquisições sejam verdadeiras construções e descobertas individuais as crianças devem:

- Σ *Realizar muitas experiências de manipulação de objectos em situações da vida escolar (agrupar, separar, ordenar, quantificar, contar, distribuir, etc.).*
- Σ *Estabelecer relações entre os números e ir acedendo gradualmente à estrutura lógica do sistema decimal.*
- Σ *Ser confrontadas com situações estimulantes que contemplem o seu enorme gosto pela actividade lúdica e nas quais os cálculos apareçam com uma finalidade significativa.*
- Σ *Dialogar com os colegas e com o professor sobre os seus pontos de vista na procura de soluções.*

No 1.º ciclo deve ser dada especial importância ao cálculo mental. A criança deve habituar-se, desde o início, a considerá-lo como o primeiro dos recursos a utilizar para obter um resultado. Ao calcular mentalmente, a criança aprende:

- Σ *a lidar com o número como parte de uma estrutura e não a vê-lo como um símbolo de uma quantidade;*
- Σ *a utilizar as propriedades das operações com um objectivo útil;*
- Σ *a fazer estimativas que irão contribuir para se tornar crítica relativamente aos resultados dos cálculos obtidos, utilizando algoritmos ou a máquina de calcular.*

MEIOS AUXILIARES DE CÁLCULO

Para efectuarem cálculos, as crianças, sobretudo no 1.º e 2.º ano, precisam de suportes que as ajudem a pensar.

*Assim na sala de aula deve haver **materiais de apoio** e o professor permitirá que cada criança utilize com liberdade o que lhe for mais conveniente.*

*Os **algoritmos** usuais das operações aritméticas elementares, «contas de papel e lápis», constituem sem dúvida um dos meios auxiliares do cálculo de maior importância e devem ser iniciados no 1.º Ciclo, embora com a consciên -*

cia de que a verdadeira aprendizagem é pouco significativa quando o objectivo é apenas o treino de uma habilidade.

Deste modo, a aprendizagem dos algoritmos deve surgir sempre como o resultado de um longo trabalho com os números e as operações.

A sua introdução, ao longo dos quatro anos, aparece sequenciada em função do desenvolvimento do cálculo mental e do seu grau de dificuldade.

*A **máquina de calcular** não pode deixar de ter lugar no 1.º Ciclo, não só pela sua vulgarização mas sobretudo pela segurança que dá como auxiliar em cálculos morosos e pelas possibilidades de exploração e descoberta que pode permitir quando utilizada com imaginação.*

1.º ANO

- Σ Realizar manipulações que apelem à apreensão da noção de invariância da quantidade.
- Σ Quantificar agrupamentos.
- Σ Descobrir progressivamente os números (tendo em conta as possibilidades e ritmos individuais dos alunos).
- Σ Ler e escrever números.
- Σ Efectuar contagens.
- Σ Estabelecer relações de ordem entre números e utilizar a respectiva simbologia $>$, $<$, $=$.
- Σ Ordenar números.
- Σ Colocar números numa recta graduada e orientada.
- Σ Ler e escrever os números por ordem crescente e decrescente.
- Σ Efectuar contagens 2 a 2, 3 a 3, etc.
- Σ Explorar situações que conduzam à descoberta da adição e subtracção.
- Σ Calcular somas e diferenças (tendo em conta as possibilidades e ritmos individuais dos alunos).
- Σ Compor e decompor números em somas e diferenças.
- Σ Utilizar os sinais «+» e «-» na representação de somas e diferenças (representação horizontal $a + b$, $a - c$).
- Σ Representar relações que envolvam adições e subtracções através de diagramas de setas.
- Σ Praticar o cálculo mental com números pequenos.
- Σ Procurar estratégias diferentes para efectuar um cálculo.

MEIOS AUXILIARES DE CÁLCULO

Utilizar material de apoio, estruturado e não estruturado.

2.º ANO

- Σ Reconhecer o aspecto ordinal do número através de seriações.
- Σ Ler e escrever os numerais ordinais 1.º, 2.º... 10.º.
- Σ Efectuar contagens por ordem crescente e decrescente.
- Σ Descobrir regularidades nas contagens de 5 em 5, 10 em 10.
- Σ Ler e escrever números.
- Σ Estabelecer relações de ordem entre os números e utilizar a simbologia: $<$, $>$, $=$.
- Σ Representar números numa recta graduada.
- Σ Ordenar números inteiros em sequências crescentes e decrescentes.
- Σ Numa recta graduada, dado o número correspondente a um ponto, atribuir o número correspondente a outros pontos.
- Σ Descobrir o mecanismo da numeração de posição do sistema decimal.
- Σ Relacionar a dezena e a centena com a unidade.
- Σ Explorar situações que levem ao reconhecimento da subtracção como operação inversa da adição.
- Σ Explorar e usar regularidades e padrões na adição e na subtracção.
- Σ Construir tabelas da adição e utilizá-las para a subtracção.
- Σ Explorar situações que conduzam à descoberta da multiplicação a partir da adição de parcelas iguais.
- Σ Utilizar o sinal «¥» na representação de produtos (representação horizontal a ¥ b).
- Σ Determinar quantidades dispostas em forma rectangular utilizando a multiplicação.

...

...

...

$$3 \text{ ¥ } 4 = 12 \text{ ou } 4 \text{ ¥ } 3 = 12$$

- Σ Decompor os números em somas, diferenças e produtos.
- Σ Utilizar consecutivamente operadores numéricos.
- Σ Construir tabelas de duas entradas para a multiplicação.
- Σ Descobrir a regra para calcular o produto de um número por 0,1 e 10.
- Σ Memorizar as tabuadas da multiplicação por 2, 3, 4, 5 e 10.
- Σ Habituar-se a avaliar ordens de grandeza de um resultado antes de efectuar o cálculo.
- Σ Praticar o cálculo mental.
- Σ Procurar estratégias diferentes para efectuar um cálculo (utilizando intuitivamente as propriedades das operações).
- Σ Explicitar oralmente os passos seguidos ao efectuar um cálculo.
- Σ Identificar números pares e números ímpares.
- Σ Reconhecer o operador «metade de...» como inverso de «o dobro de...».
- Σ Repartir uma quantidade em 2, 4 e 3 quantidades iguais.
- Σ Utilizar a notação $\frac{1}{2} \text{ ¥}$ e 2 ¥ para representar «metade de» e «o dobro de».
- Σ Reconhecer $\frac{1}{4} \text{ ¥}$ como o inverso de 4 ¥ .

MEIOS AUXILIARES DE CÁLCULO

ALGORITMOS

- Σ *Algoritmo da adição, sem e com transporte (para calcular somas de 2 ou 3 números inteiros, com 3 algarismos, no máximo).*
- Σ *Algoritmo da subtracção, sem empréstimo (para calcular diferenças entre números inteiros, com 3 algarismos).*
- Σ *Algoritmo da multiplicação (para calcular produtos de números inteiros de 2 algarismos por um número de 1 algarismo).*

MATERIAL DE APOIO

- Σ *Utilizar materiais de apoio estruturados e não estruturados.*

3.º ANO

- Σ Ler e escrever os numerais ordinais até 30.º.
- Σ Ordenar números inteiros em sequências crescentes e decrescentes.
- Σ Ler e escrever números.
- Σ Utilizar a numeração romana para representar números (até MM).
- Σ Explorar situações que levem à descoberta de números decimais.
- Σ Ler e escrever números decimais (com um máximo de 2 algarismos à direita da vírgula).
- Σ Numa recta graduada, dado o número correspondente a um ponto, atribuir o número correspondente a outros pontos.
- Σ Estabelecer relações de ordem entre números e utilizar a simbologia $>$, $<$, $=$.
- Σ Relacionar dezena, centena, milhar, décima e centésima com a unidade e entre si.
- Σ Explorar e usar regularidades e padrões na adição, subtracção e multiplicação.
- Σ Decompor os números em somas, diferenças e produtos.
- Σ Fazer a composição de dois operadores numéricos.
- Σ Estimar ordens de grandeza de um resultado antes de efectuar o cálculo.
- Σ Procurar estratégias diferentes para efectuar um cálculo (utilizando espontaneamente as propriedades das operações).
- Σ Explicitar oralmente e representar por escrito os passos seguidos ao efectuar cálculos.
- Σ Construir e memorizar as tabuadas da multiplicação por 6, 7, 8 e 9.
- Σ Reconhecer o múltiplo de um número natural.
- Σ Utilizar subtracções sucessivas para a repartição de quantidades.
- Σ Descobrir a existência de resto em certas repartições.
- Σ Explorar situações que envolvam a divisão (subtracções sucessivas, adições e produtos).
- Σ Utilizar o sinal «:» na representação de quocientes (representação horizontal $a : b$).
- Σ Utilizar a notação $\frac{1}{3} \text{ €}$, $\frac{1}{5} \text{ €}$ e $\frac{1}{10} \text{ €}$ para representar o inverso de 3 €, 5 € e 10 €.

- Σ Utilizar a notação : __ com outra representação $1/_\text{¥}$.
- Σ Explorar situações que levem a reconhecer que a operação inversa da multiplicação é a divisão.
- Σ Reconhecer a equivalência entre $\frac{1}{10}\text{¥}$; $0,1\text{¥}$; : 10.
- Σ Descobrir a regra para calcular o produto de um número por 0,1.
- Σ Descobrir a regra para calcular o produto de um número por 100 e por 1000.

MEIOS AUXILIARES DE CÁLCULO

ALGORITMOS

- Σ *Algoritmo da adição*
(para calcular somas de números inteiros e decimais, com 4 algarismos, no máximo).
- Σ *Algoritmo da subtração, sem empréstimo*
(para calcular diferenças entre números inteiros e decimais, com 4 algarismos, no máximo).
- Σ *Algoritmo da subtração, com empréstimo*
(para calcular diferenças entre números inteiros, com 3 algarismos).
- Σ *Algoritmo da multiplicação*
(para calcular produtos de números inteiros de 4 algarismos, no máximo, por números de 2 algarismos).
- Σ *Algoritmo da divisão*
(para calcular quocientes de números inteiros de 2 algarismos por números de 1 algarismo).

MATERIAL DE APOIO

Utilizar material de apoio estruturado e não estruturado.

4.º ANO

- Σ Ler e escrever os números ordinais até ao 50.º.
- Σ Ler e escrever os números ordinais 100.º e 1000.º.
- Σ Identificar ordens e classes da milésima ao milhão.
- Σ Ler e escrever números.
- Σ Ordenar números em sequências crescentes e decrescentes.
- Σ Estabelecer relações de ordem entre números e utilizar a simbologia $<$, $>$, $=$.
- Σ Representar números decimais numa recta graduada (até à décima).
- Σ Numa recta graduada, dado o número correspondente a um ponto, atribuir o número correspondente a outro ponto.
- Σ Fazer a composição de operadores numéricos.
- Σ Utilizar tabelas de duas entradas da multiplicação para a divisão.
- Σ Estimar a ordem de grandeza de um resultado antes de efectuar o cálculo.
- Σ Procurar estratégias diferentes para efectuar um cálculo.
- Σ Explicitar oralmente e representar por escrito os passos seguidos ao efectuar cálculos.
- Σ Reconhecer múltiplos de um número natural.
- Σ Reconhecer a equivalência entre:
 - ¥ 0,01 e : 100
 - ¥ 0,001 e : 1000
- Σ Descobrir a regra para calcular o quociente de um número por 100 e 1000.
- Σ Descobrir a regra para calcular o produto de um número por 0,01 e 0,001.
- Σ Reconhecer a equivalência entre:
 - : 0,1 e ¥ 10
 - : 0,01 e ¥ 100
 - : 0,001 e ¥ 1000

MEIOS AUXILIARES DE CÁLCULO

ALGORITMOS

- Σ *Algoritmo da adição e da subtração*
(para calcular somas ou diferenças de números inteiros ou decimais).

Σ *Algoritmo da multiplicação*

(para calcular produtos de números inteiros ou decimais de 4 algarismos por números de 3 algarismos, no máximo).

Σ *Algoritmo da divisão*

(para calcular o quociente e o resto da divisão de números inteiros ou decimais de 4 algarismos no máximo, por números de 2 algarismos).

MÁQUINA DE CALCULAR

OUTROS MATERIAIS DE APOIO

BLOCO 2 — FORMA E ESPAÇO (INICIAÇÃO À GEOMETRIA)

A iniciação à geometria ao longo dos quatro anos do 1.º Ciclo deve centrar-se nas actividades de:

Σ manipular;

Σ explorar;

Σ construir;

Σ transformar;

Σ relacionar.

O grande número de experiências, à descoberta do espaço e da forma, que a criança fez antes de entrar para a escola, é factor de interesse e empenhamento nas actividades que esta área da Matemática lhe pode proporcionar.

As capacidades que desenvolveu e os conhecimentos que adquiriu intuitivamente, em interacção com o meio, devem ser alargados na escola da mesma forma activa e dinâmica.

Assim é importante que as crianças encontrem na escola ambiente, oportunidade e material para se dedicarem a jogos e a brincadeiras que concorram para o desenvolvimento de noções geométricas.

As actividades de exploração do espaço e das formas fazem apelo à criatividade e sentido estético das crianças e respondem à sua natural e progressiva procura de equilíbrio e harmonia.

A manipulação e exploração de objectos, a observação que gradualmente se torna mais pormenorizada, a utilização de materiais e instrumentos na construção e desenho de modelos geométricos permitirão muitas descobertas e desenvolverão as capacidades de relacionar, classificar e transformar.

Através do diálogo com o professor e com os companheiros sobre as suas realizações e interrogações a criança poderá interpretar e compreender melhor o mundo das formas que a rodeia e irá adquirindo o vocabulário e noções elementares de geometria.

MATERIAL DE APOIO

Utilizar material de apoio não estruturado e estruturado. Deste último evidência-se:

- Σ *papel quadriculado — nos dois primeiros anos o papel indicado nas actividades tem a quadrícula com 1 cm de lado;*
- Σ *régua, compasso, esquadro, transferidor;*
- Σ *sólidos geométricos;*
- Σ *geoplano.*

1.º ANO

- Σ Manipular objectos.
- Σ Situar-se no espaço em relação aos outros e aos objectos.
- Σ Reconhecer o interior, o exterior de um domínio limitado por uma linha ou por uma superfície fechadas.
- Σ Estabelecer relações entre objectos segundo a sua posição no espaço.
- Σ Conhecer e utilizar o vocabulário: em cima, atrás, à frente, entre, dentro, fora, à esquerda, à direita, sobre, antes, depois,...
- Σ Comparar objectos segundo algumas das suas propriedades.
- Σ Fazer e desfazer objectos utilizando materiais moldáveis.
- Σ Transformar e cortar objectos de materiais moldáveis.
- Σ Fazer e desfazer construções com objectos (tubos, caixas, bolas, tacos, paus, materiais de encaixe, etc.).
- Σ Reconhecer em objectos vários e em modelos geométricos, superfícies planas e não planas.
- Σ Reconhecer e nomear, nos sólidos geométricos, figuras planas: quadrado, rectângulo, triângulo e círculo.
- Σ Desenhar figuras contornando superfícies planas de sólidos geométricos.
- Σ Fazer composições com figuras geométricas (utilizando diferentes meios e instrumentos: recorte e colagem, dobragem, geoplano, tangram, «puzzles»).
- Σ Desenhar em papel quadriculado:
 - livremente;
 - seguindo regras simples (por ex.: n.º de quadrículas);
 - reproduzindo figuras simples.
- Σ Reconhecer figuras geométricas em diversas posições.
- Σ Representar figuras geométricas planas utilizando materiais diversificados.
- Σ Explorar simetrias utilizando livremente espelhos.

- Σ Construir figuras simétricas através de dobragens e recortes.
- Σ Deslocar-se num espaço determinado e representar o seu percurso.
- Σ Deslocar-se segundo algumas regras.
- Σ Traçar itinerários no chão.
- Σ Traçar itinerários entre dois pontos:
 - numa grelha desenhada no chão;
 - numa grelha desenhada no quadro;
 - em papel quadriculado.
- Σ Comparar itinerários.

2.º ANO

- Σ Comparar sólidos geométricos e fazer classificações simples.
- Σ Transformar e cortar objectos de materiais moldáveis.
- Σ Fazer e desfazer construções com objectos (tubos, caixas, bolas, tacos, paus, etc.).
- Σ Reconhecer, a partir da observação de objectos, linhas curvas e linhas rectas.
- Σ Comparar as seguintes figuras planas: quadrado, rectângulo, triângulo e círculo.
- Σ Fazer composições com figuras geométricas (utilizando diferentes meios e instrumentos: recorte e colagem, dobragem, geoplano, tangram, «puzzles»).
- Σ Fazer desenhos decorativos:
 - frisos em papel quadriculado;
 - rosáceas contornando a base circular de um objecto.
- Σ Representar, no geoplano, figuras geométricas.
- Σ Desenhar figuras simétricas, em papel quadriculado, escolhendo um eixo de simetria.
- Σ Traçar itinerários entre dois pontos numa grelha desenhada no quadro e/ou em papel quadriculado.
- Σ Comparar o comprimento de itinerários traçados entre dois pontos.
- Σ Desenhar o itinerário mais curto entre dois pontos.
- Σ Desenhar livremente representações no plano, plantas e mapas (da sala de aula, da escola, da rua, de percursos seguidos em passeios...) sem exigência de rigor ou realismo.
- Σ Fazer livremente construções a partir de representações no plano (aldeias, pistas para carros,...)

3.º ANO

- Σ Comparar e identificar os seguintes sólidos geométricos: cubo, esfera, cilindro e paralelepípedo.
- Σ Transformar sólidos geométricos feitos em materiais moldáveis.
- Σ Construir o cubo através do recorte e colagem de quadrados geometricamente iguais.
- Σ Construir os seguintes sólidos em materiais moldáveis: esfera, cilindro e paralelepípedo.
- Σ Reconhecer, a partir da observação de sólidos, rectas paralelas e rectas perpendiculares.
- Σ Reconhecer lados paralelos nas figuras geométricas.
- Σ Reconhecer lados perpendiculares nas figuras geométricas.
- Σ Desenhar livremente utilizando a régua.
- Σ Fazer transformações de figuras geométricas planas (utilizando diferentes meios e materiais: recorte e colagem, dobragem, geoplano, trangram).
- Σ Utilizar livremente o compasso.
- Σ Distinguir círculo de circunferência.
- Σ Desenhar frisos e rosáceas.
- Σ Fazer uma composição a partir de um padrão dado.
- Σ Desenhar em superfícies curvas (bolas, balões, rolos...).
- Σ Representar livremente, no geoplano, figuras geométricas simples e reproduzi-las em papel pontado.
- Σ Representar, no geoplano, triângulos, rectângulos e quadrados em diferentes posições e reproduzi-los em papel pontado.
- Σ Desenhar triângulos, rectângulos e quadrados em diferentes posições em papel quadriculado.
- Σ Representar rectas paralelas (por dobragens sucessivas de uma folha de papel e em papel quadriculado).
- Σ Desenhar, em papel quadriculado, a figura simétrica de uma figura em relação a um eixo horizontal.
- Σ Procurar, numa grelha quadriculada, pontos equidistantes de um dado ponto.
- Σ Construir maquetas simples (por ex., a rua, um jardim, a sala de aula,...).

4.º ANO

- Σ Comparar e identificar os seguintes sólidos geométricos: cubo, esfera, cilindro, paralelepípedo, cone e pirâmide.
- Σ Transformar sólidos geométricos feitos em materiais moldáveis.
- Σ Construir caixas em papel, cartolina ou cartão.
- Σ Desmontar um cubo de cartão e procurar fazer a planificação da sua superfície.
- Σ Construir um cubo a partir de uma dada planificação.
- Σ Reconhecer ângulos em figuras geométricas planas e nos objectos.
- Σ Comparar a amplitude de ângulos e reconhecer: ângulo recto, ângulo agudo e ângulo obtuso.
- Σ Fazer transformações de figuras geométricas planas segundo algumas regras (utilizando diferentes meios e materiais: dobragens, geoplano...).
- Σ Desenhar livremente com o compasso.
- Σ Desenhar frisos e rosáceas.
- Σ Desenhar livremente utilizando a régua.
- Σ Fazer uma composição a partir de um dado padrão.
- Σ Desenhar figuras geométricas simples em superfícies curvas.
- Σ Desenhar figuras geométricas simples com algumas regras.
- Σ Representar, no geoplano, figuras geométricas e reproduzi-las em papel pontado.
- Σ Procurar, numa grelha quadriculada, os pontos de uma recta equidistantes de um dado ponto.
- Σ Esboçar a planta da sala de aula.
- Σ Fazer a leitura da planta da escola.

BLOCO 3 — GRANDEZA E MEDIDAS

Ajudar as crianças a perceberem a utilidade prática da matemática na vida do dia-a-dia nem sempre é fácil. As actividades essencialmente práticas deste bloco darão um contributo importante nesse sentido: fazer medições, comparar valores de grandezas, estabelecer relações temporárias, fazer estimativas simples, lidar com dinheiro... são acções muito habituais no meio familiar de todas as crianças.

A curiosidade pela medida e o gosto em dar palpites sobre medidas extravagantes deve ser estimulado. As estimativas que as crianças fizerem serão tanto mais próximas do real quanto mais medições fizerem dos objectos que os cercam.

Comparar resultados de medições e discuti-los com os companheiros levará à necessidade de fazer arredondamentos e de ter a noção da possível margem de erro existente numa medição.

Considerando o desenvolvimento cognitivo das crianças de seis anos, as experiências a realizar no 1.º ano de escolaridade deverão ter em conta a construção progressiva da noção de conservação de grandezas e sua seriação.

Os problemas que envolvam cálculos com medidas devem decorrer de acções relacionadas com a vida escolar ou de actividades do Estudo do Meio e as medidas deverão ser expressas em unidades da mesma ordem.

1.º ANO

- Σ Estabelecer relações de grandeza entre objectos.
- Σ Conhecer e utilizar o vocabulário corrente, utilizando nestas relações (alto/baixo, comprido/curto, largo/estreito, pesado/leve...).
- Σ Fazer experiências que conduzam à noção de invariância das seguintes grandezas:
 - Comprimento independente da disposição dos objectos, da matéria.
 - Capacidade-volume, independente da forma do objecto e do conteúdo (água e diferentes líquidos, areia, grãos...).
 - Massa, independente do volume e do número de objectos.
- Σ Fazer experiências utilizando diferentes materiais e objectos que conduzam à comparação:
 - de comprimentos;
 - de capacidade e volumes;
 - de massas.

- Σ Ordenar objectos segundo um critério que envolva a noção de.
 - comprimento;
 - capacidade;
 - massa.
- Σ Efectuar medições com unidades de medida, de escolha livre.
- Σ Estabelecer relações entre factos e acções que levem à distinção de noções temporais:
 - antes/entre/depois;
 - ontem/hoje/amanhã;
 - agora/já;
 - muito tempo/pouco tempo;
 - ao mesmo tempo.
- Σ Relacionar dia/semana.
- Σ Reconhecer o carácter cíclico de alguns fenómenos e actividades (noite/dia, refeições, dias da semana...).
- Σ Conhecer as moedas de: 1\$00, 5\$00, 10\$00, 20\$00.

2.º ANO

- Σ Reconhecer a necessidade de escolha de uma unidade para efectuar medições.
- Σ Construir instrumentos de medida.
- Σ Efectuar medições com esses instrumentos e registá-las.
- Σ Construir sistemas provisórios de medida e dentro de cada sistema relacionar as diferentes unidades.
- Σ Fazer a recobertura de superfícies, tendo escolhido previamente uma unidade.
- Σ Determinar o número de unidades necessárias para a recobertura dessas superfícies.
- Σ Desenhar, em papel quadriculado, figuras com uma determinada área, tomando como unidade a área de uma (ou mais) quadrículas.
- Σ Preencher um volume por empilhamento de objectos de igual volume e contar as unidades necessárias.
- Σ Utilizar a balança para comparar massas.
- Σ Comparar capacidades (utilizando recipientes de várias formas).

- Σ Identificar recipientes com a mesma capacidade.
- Σ Reconhecer progressivamente a utilidade prática de algumas unidades convencionais, através do contacto directo com o meio (metro, quilograma, litro).
- Σ Efectuar medições utilizando o metro, o quilograma e o litro.
- Σ Fazer estimativas de medidas em casos simples.
- Σ Estabelecer relações entre os factos e acções que envolvam noções temporais.
- Σ Relacionar hora/dia/semana/mês/ano.
- Σ Reconhecer o carácter cíclico de alguns fenómenos e actividades:
 - entrada/saída da escola;
 - aulas/férias;
 - estações do ano, etc.
- Σ Registar a duração de algumas actividades.
- Σ Assinalar no calendário datas e acontecimentos.
- Σ Conhecer as notas e as moedas em uso.

3.º ANO

- Σ Relacionar o metro, o decímetro e o centímetro.
- Σ Construir o metro e graduá-lo em decímetros.
- Σ Graduar o decímetro em centímetros.
- Σ Fazer medições utilizando o metro, a fita métrica, a régua e registá-las.
- Σ Medir o perímetro de polígonos.
- Σ Calcular o perímetro de polígonos.
- Σ Desenhar quadrados em papel quadriculado a partir de um perímetro dado.
- Σ Reconhecer o cm^2 como unidade de medida de área (papel quadriculado — quadrícula de 1 cm de lado).
- Σ Determinar em cm^2 a área de polígonos desenhados em papel quadriculado.
- Σ Desenhar polígonos em papel quadriculado a partir de uma área dada em cm^2 .
- Σ Construir o dm^2 em papel quadriculado e utilizá-lo em medições de áreas.
- Σ Relacionar o dm^2 e o cm^2 .

- Σ Comparar volumes de objectos por empilhamento de objectos de igual volume.
- Σ Medir a capacidade de recipientes (utilizando o litro e o decilitro).
- Σ Determinar numa balança de pratos a massa de objectos, utilizando as massas marcadas mais comuns:
1 kg; 500 g – 1/2 kg; 250 g – 1/4 kg; 125 g e registá-las.
- Σ Relacionar o quilograma e o grama.
- Σ Ler e escrever números referentes às medições realizadas.
- Σ Fazer estimativas com base em unidades familiares: altura da sala de aula; capacidade de um determinado recipiente, etc.
- Σ Comparar os resultados obtidos em medições que fez com os resultados obtidos pelos colegas.
- Σ Relacionar a hora, o minuto e o segundo.
- Σ Utilizar instrumentos da vida corrente relacionados com o tempo.
- Σ Ler e escrever as horas.
- Σ Reconhecer o carácter cíclico de alguns fenómenos (fases da Lua).
- Σ Registar e comparar a duração de algumas actividades (tempo gasto a percorrer determinada distância...)
- Σ Representar valores monetários utilizando o cifrão.

4.º ANO

- Σ Relacionar o metro, decímetro, centímetro e milímetro.
- Σ Construir o decâmetro e o hectómetro e utilizá-las para fazer medições (do corredor da escola, do pátio, do caminho da escola a casa...).
- Σ Relacionar o quilómetro, hectómetro, decâmetro, metro, decímetro, centímetro e milímetro.
- Σ Calcular o perímetro de polígonos.
- Σ Desenhar polígonos a partir de um perímetro dado.
- Σ Medir o perímetro da base circular de um objecto.
- Σ Medir o diâmetro e o raio de uma circunferência.
- Σ Construir colectivamente o metro quadrado com quadrados de 1 dm de lado feitos em papel quadriculado.
- Σ Relacionar o m^2 , o dm^2 e o cm^2 .

- Σ Descobrir as fórmulas para o cálculo das áreas do quadrado e do rectângulo.
- Σ Calcular áreas de quadrados e de rectângulos utilizando a fórmula.
- Σ Construir o decímetro cúbico a partir do decímetro quadrado.
- Σ Projectar a construção do metro cúbico.
- Σ Medir a capacidade de recipientes.
- Σ Relacionar as unidades de medida de capacidade.
kl, hl, dal, l, dl, cl, ml.
- Σ Determinar massas em balanças de vários tipos.
- Σ Relacionar as unidades de medida de massa:
kg, hg, dag, g, dg, cg, mg.
- Σ Construir um esquema de referência de forma a realçar:
 - a relação entre duas unidades consecutivas dentro do mesmo sistema de medida;
 - a repetição dos prefixos dos múltiplos e submúltiplos em todos os sistemas.
- Σ Fazer estimativas de medidas com base em unidades familiares.
- Σ Comparar os resultados obtidos em medições que fez com os resultados obtidos pelos colegas.
- Σ Utilizar instrumentos da vida corrente relacionados com o tempo: relógios, calendários, horários.

**DESENVOLVIMENTO PESSOAL E SOCIAL
OU EDUCAÇÃO MORAL
E RELIGIOSA CATÓLICA**

PRINCÍPIOS ORIENTADORES

1. A EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA, UMA EDUCAÇÃO INTEGRAL

A Educação Moral e Religiosa Católica nas escolas públicas é uma questão de primeira importância para cada aluno, para as famílias, para a sociedade civil e para a Igreja, porque a educação integral do ser humano não pode abstrair da dimensão religiosa e moral, constitutiva da pessoa e da sua plena dignidade.

De facto, há em todo o ser humano uma exigência de liberdade, uma constante procura de sentido que não é possível satisfazer plenamente sem o recurso aos valores religiosos. Não podemos «ler» a história dos indivíduos nem a dos povos, sem nos referirmos aos seus testemunhos incontestáveis e significativos em matéria religiosa.

Além de enriquecer a cultura dos alunos, a Educação Moral e Religiosa Católica, ajuda-nos a encontrar uma resposta às interrogações fundamentais que surgem na pessoa humana, sobretudo no momento da juventude: qual é o sentido da vida, quais são as leis morais da consciência e da sociedade, quais são os verdadeiros valores?

A Escola, em particular, oferece aos jovens, numerosos e diversos elementos de conhecimento quanto à significação do mundo e da pessoa humana. É no período da juventude que se enfrentam e confrontam as grandes opções que hão-de orientar toda a existência. Por isso é importante que, na própria Escola, os jovens recebam a ajuda necessária e completa para poderem refletir sobre as interrogações fundamentais da existência humana e assim decidir do seu futuro com um sentido de responsabilidade.

Na verdade, só a posse de um conhecimento consciente e amadurecido destas realidades dá aos jovens a capacidade de decidir entre o que é preciso aceitar e o que é necessário recusar. Esta capacidade de discernimento não será possível, de maneira autêntica, sem um conhecimento adequado da Religião.

As razões fundamentais para que o ensino da Religião entre também nos programas escolares, não vão de modo nenhum contra o devido respeito quer pela liberdade geral quer pela liberdade religiosa em especial. Este respeito, mantido relativamente à fé católica dos jovens, de forma a facilitar-lhes a sua educação e a sua livre expressão, honra, de certo modo, as autoridades públicas. De facto, significa autêntico respeito pela liberdade religiosa dar possibilidade a todos aqueles que o desejarem — mesmo aos mais jovens que se encontram em estado de dúvida ou de procura religiosa, mesmo ainda aos que são menos sensíveis às exigências do seu Baptismo — de pedir e de beneficiar da Educação Moral e Religiosa Católica, tal como é apresentada pela Igreja Católica, na sua integralidade e na sua autenticidade.

A proposta integral e autêntica da Mensagem de salvação, anunciada por Jesus Cristo, segundo as exigências e as capacidades dos alunos, é um serviço que a escola presta às novas gerações e que muito contribui para o crescimento civil da nossa sociedade.

As famílias dos alunos crentes têm o direito à Educação Moral e Religiosa Católica. Eles devem ter a garantia de que a Escola Pública — precisamente porque é aberta a todos — não só não põe em perigo a fé dos seus filhos, mas completa a sua formação integral, através de uma Educação Moral e Religiosa Católica adequada.

Este princípio tem também a ver com o conceito de liberdade religiosa e o do Estado verdadeiramente democrático; este existe precisamente, quando de acordo com a sua natureza mais verdadeira e profunda se põe ao serviço dos cidadãos, no respeito pelos seus direitos e pelas suas convicções religiosas.

2. A EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA NA ESCOLA

2.1. A EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA ESCOLAR E A MISSÃO PROFÉTICA DA IGREJA

A Educação Moral e Religiosa Católica feita na Escola, é uma forma de participação na missão evangelizada e catequética da Igreja Católica. Esta educação é importante porque, embora não seja uma catequese, no sentido formal do termo, é uma forma original da palavra da Igreja; permite um testemunho,

por parte dos cidadãos, no próprio interior da Escola. Este testemunho aure a sua originalidade do quadro escolar onde se exerce.

De acordo com as circunstância, a Educação Moral e Religiosa Católica apresenta traços que a aparentam, sem a confundir, com a evangelização, com a catequese e com a reflexão teológica. Ela é um elemento da pastoral profética no seu conjunto.

A Educação Moral e Religiosa Católica é, com efeito, um lugar cultural, onde se pode pôr, publicamente, a questão de Deus a uma grande escala e fora do círculo da comunidade cristã estritamente eclesial.

O fim imediato da disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica não é de animar a fé; a fé não é um pré-requisito para participar na aula. Neste sentido, o objectivo da Educação Moral e Religiosa Católica não é de comunicar a fé, mas mais humildemente, de a tornar possível. Trata-se de estabelecer as condições que permitam a cada aluno situar-se, livremente, e com conhecimento de causa, em relação à questão de Deus e de Jesus Cristo, com todas as consequências comportamentais, individuais e comunitárias. A questão de Deus, neste sentido, aparece como uma questão humana; ela existe na sociedade, queiramos ou não.

Nesta óptica, a Educação Moral e Religiosa Católica, faz parte da educação humana, do projecto educativo da escola. Interrogar-se seriamente e com rigor sobre a questão de Deus, qualquer que seja a resposta pessoal que cada aluno lhe dê, pertence também à tarefa educativa da escola. Além disso, a nossa cultura europeia e ocidental está profundamente marcada pelo Cristianismo. Ele faz parte integrante do património cultural que a Escola deve transmitir.

A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica insere-se, desta forma, na estrutura escolar. Ela é o lugar da procura religiosa existencial e moral, inerente ao crescimento humano, em ordem ao desenvolvimento harmonioso e integral da pessoa. É esta, sem dúvida, uma das principais finalidades da escola.

Para realizar esta tarefa de Educação Moral e Religiosa Católica na Escola — uma das suas tarefas mais importantes — a Igreja Católica torna-se aí presente através dos professores de Educação Moral e Religiosa Católica que, em seu nome, assumem esta responsabilidade. Estes professores tornam-se, então seus colaboradores e partilham com toda a Igreja uma grande parte da sua responsabilidade.

Os professores de Educação Moral e Religiosa Católica representam, pois, a instituição eclesial para exercer esta forma do ministério da Palavra dentro do quadro escolar. Exercendo, deste modo, o seu ministério, estes professores ajudam a realizar o mandato de Jesus Cristo tal como no-lo transmitem os apóstolos: «Ide, pois, e fazei que todas as nações se tornem discípulos, (...), ensinando-as a observar tudo quanto vos ordenei.» (Mt. 28, 19-20).

2.2. AS FINALIDADES DA DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA

De acordo com os fundamentos pedagógicos e tecnológicos da Educação Moral e Religiosa Católica escolar, podemos definir as suas finalidades:

- Σ Familiarizar os alunos com a realidade da fé e do anúncio que a fundamenta e ajudar a encontrar uma atitude responsável e consciente no respeito à fé;*
- Σ Encorajar uma tomada de posição pessoal, face às diferentes confissões religiosas e às diversas ideologias, e suscitar compreensão e tolerância pela escolha de outras opções;*
- Σ Ajudar o aluno crente a determinar-se, de forma mais consciente, a favor da sua religião, evitando, assim, o perigo da imaturidade ou da indiferença religiosa;*
- Σ Estimular uma vida religiosa e uma acção responsável, no interior da Igreja e da Sociedade;*
- Σ Oferecer, ao aluno que procura ou que está inquieto na sua fé, a possibilidade de conhecer as respostas que a Igreja Católica dá às suas interrogações, e de reflectir a fundo sobre elas;*
- Σ Proporcionar ao aluno incrédulo a ocasião de clarificar a sua posição pessoal, ou mesmo de a reexaminar em relação a uma posição contrária.*

Resumindo, a Educação Moral e Religiosa Católica escolar terá, para os alunos crentes, algumas dimensões próprias da catequese paroquial; para outros, terá uma dimensão de despertar para o facto religioso e para a fé cristã. Em qualquer caso, sempre na preocupação de promover a liberdade religiosa, ela terá para todos uma função de informação e de diálogo sobre os diversos aspectos da fé cristã, bem como da sua influência na vida pessoal e social.

No próprio terreno onde se faz a formação profana dos alunos, e em relação com todas as questões que a cultura de hoje veicula, a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica propõe-se alertar para a pertinência da fé cristã, de tal modo que esta se torne culturalmente possível aos olhos dos alunos e da sua liberdade. Por outras palavras, ela quer ajudar os alunos a elaborar a sua síntese fé/cultura.

2.3. NATUREZA, CONTEÚDO E METODOLOGIA DA EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA ESCOLAR

As finalidades da Educação Moral e Religiosa Católica escolar, acima formuladas, fluem da natureza da mesma educação, condicionando e orientando os seus conteúdos.

Se reduzíssemos esta educação a uma simples informação chamada «científica» e neutra sobre o facto religioso, esta informação apresentar-se-ia inadequada e insuficiente. Tratar-se-ia de um ensino sobre a religião, mais do que uma educação religiosa e moral consequente, e não corresponderia à importância educativa que esta, correctamente compreendida, tem. Na Educação Moral e Religiosa Católica não se trata, portanto, apenas de dar informações sobre a religião e sobre a fé, mas também de tornar possíveis, em qualquer momento, quer a atitude religiosa genérica, quer a própria fé cristã e católica.

A Educação Moral e Religiosa Católica que cumpre a sua verdadeira função no interior da escola, deve ser uma abordagem educativa e cultural do facto religioso e, em particular do facto religioso judeu-cristão, considerados correctamente a partir das suas realizações históricas; deve, pois, inserir-se no dinamismo e no projecto educativo e cultural da própria Escola.

O conteúdo da Educação Moral e Religiosa Católica escolar é, essencialmente, a mensagem cristã como resposta à procura de sentido que caracteriza a situação genericamente considerada dos alunos. A apresentação deste conteúdo deve também tornar possível a síntese entre os dados da fé e os da cultura, a fim de permitir aos jovens uma visão cristã da pessoa humana, da história e do mundo, bem como da sua própria situação pessoal, social e cultural concreta.

Para chegar aqui é necessário apresentar a fé cristã nos seus aspectos fundamentais. Paulo VI diz que na mensagem anunciada pela Igreja, há muitos elementos secundários cuja apresentação ou falta dela dependem, na maior parte dos casos, das circunstâncias. Mas há um conteúdo essencial, uma substância viva, que não pode, nem modificar, nem omitir, sem desnaturar a própria evangelização (Cf. Evangelii Nuntiandi, 25).

A Educação Moral e Religiosa Católica escolar faz-se sobre o essencial da fé cristã. Através da comunicação deste essencial, os jovens poderão chegar à inteligência da fé e a uma compreensão sempre maior do mistério de Jesus Cristo, o revelador de Deus Pai, na força do Espírito Santo. A compreensão do mistério cristão implica o conhecimento do mistério cristológico, centro da fé cristã, o conhecimento da fé, como apelo a uma resposta pessoal no seguimento de Cristo, e a vontade de responder a este apelo em comportamentos consequentes.

Qualquer que seja o método privilegiado para a apresentação do essencial da Mensagem cristã este requer sempre uma apresentação sistemática e estruturada. No respeito pela pedagogia activa, a Educação Moral e Religiosa Católica escolar preocupar-se-á, em favorecer neles a liberdade de expressão; por outro lado, deve preocupar-se em lhes fornecer uma documentação de qualidade, que lhes permita o acesso às questões ou às problemáticas que, eventualmente, poderão não ser espontaneamente as suas.

O Método pedagógico privilegiado nos programas propõe como itinerário do acto de Educação Moral e Religiosa Católica um percurso em três etapas definidas e internamente relacionadas. Assim, cada módulo é estruturado em três temas, correspondendo cada um deles, a uma das etapas do itinerário, respectivamente. Estas permitem, na unidade do Módulo:

- Σ Uma reflexão crítica sobre a experiência existencial do aluno e do mundo moderno que o cerca, para nela intuir as suas diversas significações;*
- Σ uma interpretação da Mensagem cristã, nas suas diversas formas, em ordem a uma inteligência pessoal e de grupo dos dados da fé, tal como são apresentadas pela Igreja Católica;*
- Σ uma releitura cristã da experiência significada e uma elaboração ética pessoal e comunitária, decorrente da Mensagem cristã interpretada, em ordem a atitudes e comportamentos coerentes e de maior compromisso na edificação da comunidade humana e eclesial.*

Sem nunca deixar de dar atenção devida às situações existenciais dos jovens, nomeadamente à sua «condição escolar» e às suas descobertas culturais, a Educação Moral e Religiosa Católica propõe-se promover um trabalho rigoroso — de nível igual ao que se efectua nas disciplinas profanas — sobre a realidade do cristianismo, da Igreja e da vida cristã, nos seus diferentes aspectos: Escritura, Tradição, reflexão doutrinal e teológica, História da Igreja, a sua vida interna, a sua relação com o Mundo, etc.

A articulação horizontal ou interdisciplinaridade é uma das características fundamentais da Educação Moral e Religiosa Católica. A leitura cristã das realidades pressupõe e exige que se faça uma síntese estruturada da Mensagem cristã, a qual dê aos jovens uma visão coerente da fé e da vida cristã; assim eles estarão em condições de poder integrar todas as suas experiências, informações culturais e condutas, numa personalidade humana e cristã amadurecida. Exige, ainda, que a organização da Mensagem cristã tenha em conta a problemática humana, cultural e científica, posta à fé cristã pelas diferentes disciplinas

escolares e pelas preocupações contemporâneas. É importante considerar, também, tanto o pluralismo da população escolar, como, sobretudo o das situações de fé muito diferentes entre os alunos.

Em resumo, a articulação horizontal ou interdisciplinaridade, conseguida também através da área-escola e de outras actividades pluridisciplinares ou transdisciplinares, favorece grandemente o diálogo entre os humanismos contemporâneos, as ciências humanas e a teologia cristã.

FINALIDADES DA DISCIPLINA NO 1.º CICLO DO ENSINO BÁSICO

Considerando que os alunos do 1.º ciclo do Ensino Básico

Σ têm um grande desejo de conhecer e aprender pela actividade,

Σ têm uma religião da autoridade, do costume e da memória,

Σ têm uma religião mais exterior que interior, a qual deixa de ser antropomórfica,

Σ começam a ter uma individualidade devido ao despertar da sua consciência moral,

Σ despertam para o sentido humano e religioso-moral da responsabilidade.

Σ interessam-se pelo maravilhoso, pelo belo e pela vida em geral.

propomos para a disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica as seguintes finalidades:

1. O conhecimento do Mistério cristão na sua globalidade,
2. O contacto com a Bíblia, onde se inscreve o projecto de Deus para o seu humano,
3. O conhecimento de Deus e da Boa Nova de Jesus Cristo,
4. A descoberta da caminhada e do dinamismo do Povo de Deus,
5. O conhecimento da importância e da beleza da vida em todas as dimensões, à luz da Mensagem Cristã,
6. A sensibilidade à vivência dos valores e atitudes humano-cristãs decorrentes dos conhecimentos religiosos propostos.

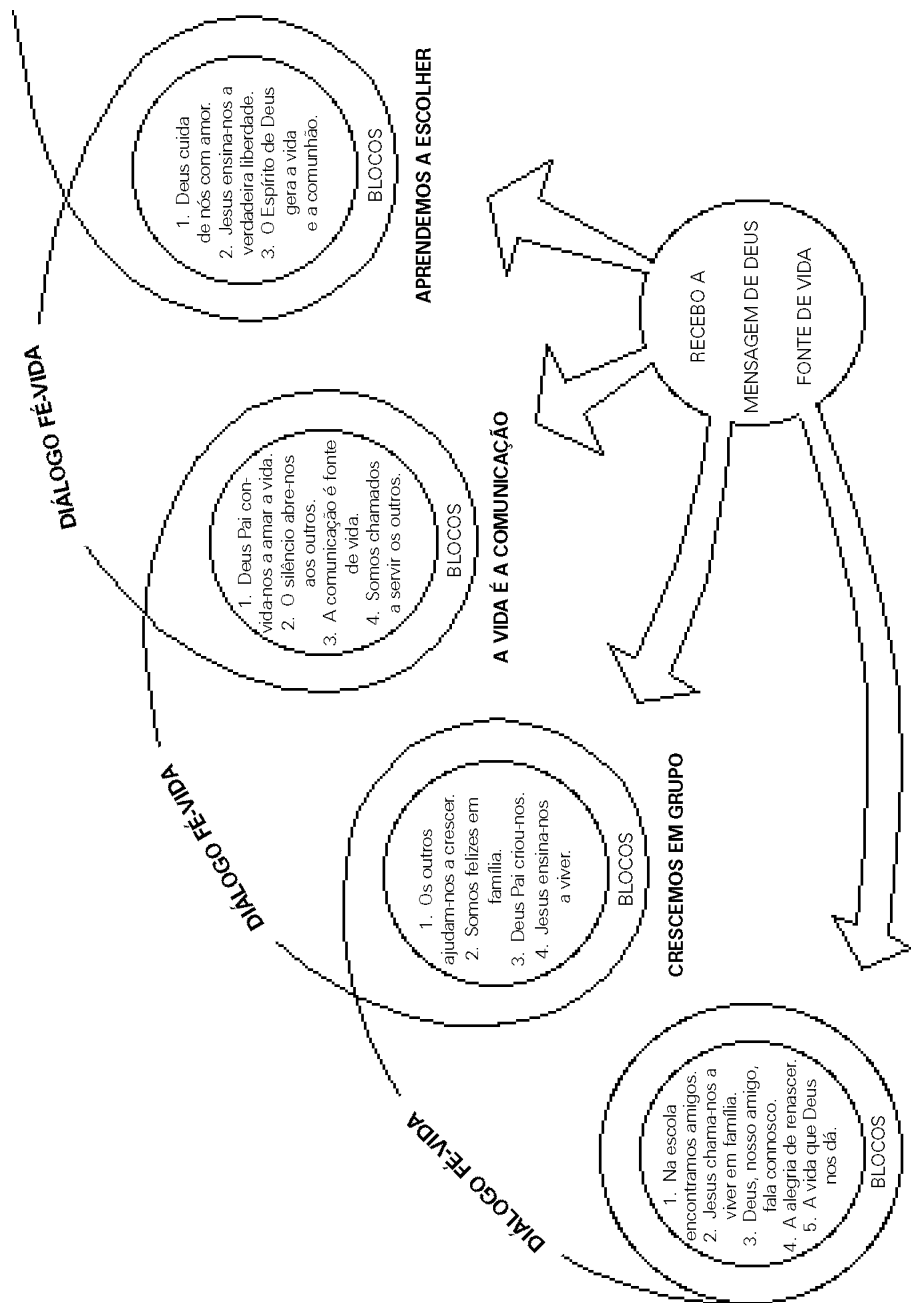
A disciplina de Educação Moral e Religiosa Católica não supõe uma prática cristã. Contudo ela vai proporcionar uma visão diferentes da vida à luz da Mensagem Cristã, e fornecer estímulos para despertar e educar o natural sentimento religioso dos alunos.

OBJECTIVOS GERAIS DO CICLO

No final do 1.º ciclo do Ensino Básico, os alunos atingem os objectivos gerais seguintes, que englobam as dimensões dos conhecimentos e valores/atitude:

1. Saber que Deus convida, em Jesus, seu Filho, a formar uma família de amigos,
2. Reconhecer que fomos criados à semelhança de Deus,
3. Saber que Deus nos comunica a vida e nos quer felizes,
4. Saber que Deus nos criou por amor para sermos livres,
5. Despertar para os valores humanos e cristãos da alegria, da escuta e da fraternidade,
6. Despertar para os que nos tornam parecidos com Deus: o amor, a gratidão, a verdade e o perdão,
7. Despertar para os valores da liberdade, responsabilidade, justiça, solidariedade e espírito crítico,
8. O abrir-se à comunicação com Deus e ao serviço dos outros.

MAPA ORGANIZADOR DE CONTEÚDOS



BLOCO 1 — NA ESCOLA ENCONTRAMOS AMIGOS

1.º ANO

1. A DESCOBERTA DOS OUTROS

- Σ Identificar o nome dos companheiros.
 - os companheiros.
- Σ Descobrir nas diferenças do modo de ser dos companheiros uma riqueza para o grupo.
 - a riqueza das diferenças.
- Σ Conhecer Jesus como um grande amigo.
 - Jesus é o grande amigo (Jo 15, 12).
- Σ Reconhecer o valor da amizade entre os companheiros.
 - O valor da amizade.
- Σ Manifestar amizade pelos companheiros.
 - Como ser amigo.

2. A ESCOLA

- Σ Identificar a escola como um espaço do seu crescimento.
- Σ Conhecer a importância da escola na sua educação.
- Σ Colaborar activamente no trabalho escolar.
 - A importância da escola: espaço de aprendizagem, de educação e de colaboração.

3. A RELAÇÃO COM OS OUTROS

- Σ Identificar algumas pessoas com quem contacta no dia-a-dia.
 - As pessoas que contacta.
- Σ Descobrir a necessidade de se relacionar com os outros.
 - a necessidade da relação.
- Σ Descobrir formas de estar atento aos outros.
- Σ Manifestar atenção no seu relacionamento.
 - Diversas formas de estar atento aos outros (Jo 13, 34-35).

BLOCO 2 — JESUS CHAMA-NOS A VIVER EM FAMÍLIA

1.º ANO

1. A MÃE DE JESUS

- Σ Identificar várias mães conhecidas.
- Σ Descobrir o papel da mãe na vida de cada um.
 - A missão da mãe.
- Σ Reconhecer Maria como mãe de Jesus.
 - A mãe de Jesus. (Lc 1, 26-31).
- Σ Manifestar apreço pela mãe de Jesus.
 - O louvor a Maria.

2. JESUS NASCE NUMA FAMÍLIA

- Σ Identificar a alegria da festa do Natal como a celebração do nascimento de Jesus.
 - A alegria da família e das outras pessoas na ocasião do Natal.
- Σ Saber que Jesus nasce em Belém, no seio da sua família.
 - O Natal é a celebração do nascimento de Jesus.
- Σ Identificar, no anúncio aos pastores, a mensagem de alegria.
 - Narração do nascimento de Jesus (Lc 2, 1-20).
- Σ Participar activamente na preparação da festa do Natal.
 - Preparação da festa do Natal na escola e na família.

3. A FAMÍLIA

- Σ Descobrir a importância dos vários membros da família.
 - A família tem vários membros.
 - A importância de cada membro da família.
- Σ Reconhecer o amor como elo de união e harmonia na família.
 - O amor e a ajuda são necessários para o crescimento em família (GS 52 § 1).
- Σ Manifestar estima e consideração pelos membros da família.
 - O respeito e apreço pelos membros da família.

BLOCO 3 — DEUS, NOSSO AMIGO, FALA CONNOSCO

1.º ANO

1. A PESSOA DE JESUS

- Σ Identificar pessoas que vivem para os outros.
 - Há pessoas que vivem para os outros.
- Σ Descobrir no Evangelho como Jesus vivia para os outros.
 - Jesus viveu para os outros (Mc 1, 35-37).
- Σ Reconhecer na pessoa de Jesus o Amigo de todos.
 - Jesus expressou o seu amor a todas as pessoas.
- Σ Manifestar apreço pela pessoa de Jesus.
 - O apreço — valor, estima, consideração por Jesus.

2. AS PESSOAS COMUNICAM ENTRE SI

- Σ Verificar que as pessoas têm o direito de se exprimir e de ser ouvidas.
 - As pessoas têm o direito de falar e de ser escutadas.
- Σ Reconhecer que a escuta mútua conduz ao bom entendimento.
 - O bom entendimento nasce da ajuda mútua.
- Σ Saber que Deus fala no coração.
 - Deus falou ao menino Samuel (1.º Sam, 3, 1-10).
- Σ Escutar os outros com a devida atenção.
 - Escuta disponível, atenta, acolhedora.

3. A BÍBLIA

- Σ Identificar a Bíblia como o mais importante de todos os livros.
 - A Bíblia, o livro mais importante.
 - Os livros preferidos.
- Σ Reconhecer a Bíblia como o Livro da Palavra de Deus.
 - A Bíblia contém a Palavra de Deus.
- Σ Manifestar apreço pelo Livro da Palavra de Deus.
 - Deus fala-nos através da Bíblia (DV 21).
 - A escuta da Palavra de Deus com respeito e admiração.

BLOCO 4 — A ALEGRIA DE RENASCER

1.º ANO

1. A CRIAÇÃO

- Σ Observar as coisas belas que nos rodeiam.
 - A beleza do mundo que nos rodeia.
- Σ Reconhecer o amor com que Deus criou tudo para o Homem.
 - Deus criou tudo para o Homem (Gen. 1, 31).
- Σ Louvar a Deus pelo mundo criado.
 - A Criação é um sinal do amor de Deus.

2. A PÁSCOA

- Σ Saber como as pessoas do seu meio celebram a Páscoa.
 - Os diversos modos de celebrar a Páscoa.
- Σ Conhecer o significado religioso da Festa da Páscoa: Jesus voltou a viver para sempre.
 - Na Páscoa Jesus voltou a viver.
- Σ Manifestar alegria pela festa da Páscoa.
 - Os sinais da alegria pascal.

3. A ALEGRIA

- Σ Identificar momentos de alegria.
 - Os momentos de alegria e suas expressões.
- Σ Descobrir as causas da alegria.
 - A origem da alegria.
- Σ Reconhecer que a alegria é um dom de Jesus.
 - Jesus dá-nos a sua alegria (Jo 15, 11).
- Σ Valorizar os momentos de alegria.
- Σ Colaborar para que outras pessoas tenham alegria.
 - Formas de dar alegria aos outros.

BLOCO 5 — A VIDA QUE DEUS NOS DÁ

1.º ANO

1. A VIDA HUMANA

- Σ Descobrir que a vida humana é superior à dos outros seres.
 - As diferentes características:
 - * da vida humana;
 - * da vida dos animais;
 - * da vida das plantas.
- Σ Reconhecer que a vida de todas as pessoas tem muito valor.
 - O valor da vida humana (Mt 10, 29-31).
- Σ Manifestar admiração e apreço pela vida humana.
 - Demonstração de apreço pela vida humana.

2. APRENDER A ESCOLHER

- Σ Reconhecer que só as pessoas podem escolher.
 - As diferenças de comportamento do homem e do animal.
- Σ Descobrir que nem sempre se escolhe bem.
 - As condições para escolher bem (Jo 15, 14).
- Σ Reconhecer que, quando escolhemos bem, experimentamos alegria.
 - A alegria de escolher bem.

3. O VALOR DO CORPO

- Σ Descobrir a importância daquilo que pode fazer com o seu corpo.
 - As diferentes formas de expressão corporal.
- Σ Reconhecer o valor do corpo como forma de expressão e comunicação com os outros.
 - Pelo corpo exprimimos e comunicamos o que somos.
- Σ Manifestar respeito para com o seu corpo e o dos outros.
 - O corpo é bom e digno de respeito (GS 14 § 1).

BLOCO 1 — OS OUTROS AJUDAM-NOS A CRESCER

2.º ANO

1. A ESCOLA

- Σ Identificar a escola como um espaço de trabalho e de convívio entre todos: professores, alunos, empregados.
 - A escola, espaço de trabalho e convívio.
- Σ Descobrir a importância do trabalho de cada um na vida escolar.
 - A importância do trabalho de cada um (1.ª Cor 12, 14).
- Σ Manifestar respeito e estima pelos diversos membros da comunidade escolar.
 - O respeito pelos membros da comunidade escolar.

2. A ALEGRIA DE CRESCER

- Σ Identificar aspectos do próprio crescimento.
 - Diversos aspectos do crescimento.
- Σ Saber que Jesus também cresceu.
 - Jesus experimentou o seu crescimento (Lc 2, 52).
- Σ Expressar a sua alegria por estar a crescer.
 - A alegria do próprio crescimento.
- Σ Empenhar-se em desenvolver as suas capacidades.
 - O crescimento exige esforço e empenhamento.

3. O TRABALHO

- Σ Tomar consciência dos trabalhos que faz com mais gosto.
 - Os trabalhos preferidos.
- Σ Reconhecer o trabalho como expressão das suas próprias capacidades e aptidões.
 - O trabalho exprime as capacidades e aptidões.
- Σ Descobrir que o trabalho de todos e de cada um é necessário à comunidade.
 - A importância de todos e de cada um na sociedade (LE 25 § 4).
- Σ Manifestar apreço pelo seu trabalho e pelo trabalho dos outros.
 - O respeito pelo trabalho de cada um.

4. OS BENS COLECTIVOS

- Σ Verificar que todas as pessoas usufruem de bens colectivos.
 - Há bens que estão ao serviço de todas as pessoas.
- Σ Saber que todas as coisas foram dadas por Deus.
 - A Terra e tudo o que ela contém é destinada a todas as pessoas (GS 69).
- Σ Distinguir o bom e o mau uso dos bens.
 - Como usar eficazmente os bens.
- Σ Usar as coisas pensando também nos outros.
 - Utilização das coisas pensando nos outros.

5. O NATAL

- Σ Identificar o Natal como festa da fraternidade.
 - Os sinais de amizade na festa do Natal.
- Σ Reconhecer que Jesus nasceu para que as mulheres e os homens sejam irmãos.
 - Jesus nasceu para nos ensinar a viver como irmãos.
- Σ Reconhecer a nossa filiação divina.
 - Os que aceitam Jesus vivem como filhos de Deus (Jo 1, 12).
- Σ Colaborar na escola e em casa para que todos se sintam irmãos.
 - Formas de colaborar para que o Natal seja a festa da fraternidade.

BLOCO 2 — SOMOS FELIZES EM FAMÍLIA

2.º ANO

1. A FAMÍLIA

- Σ Descobrir momentos de alegria vividos em família.
 - Os momentos de alegria em família.
- Σ Conhecer alguns aspectos da vida da família de Nazaré.
 - A vida da família de Nazaré.
 - A narração da fuga para o Egipto (Mt 2, 13-15).
- Σ Conhecer alguns Direitos da Criança que a família garante.
 - A família e os Direitos da Criança.
- Σ Louvar a Deus pela família que tem.
 - A estima pela família.

2. UMA GRANDE FAMÍLIA

- Σ Tomar consciência da sua vida em grupo: na família, na escola, no meio em que vive.
- Σ Reconhecer que as pessoas vivem em grupos: regiões, países, raças.
 - As pessoas vivem em diferentes grupos: família, escola, região, país, raça.
- Σ Reconhecer que, apesar das dificuldades, todas as pessoas são chamadas a viver como uma grande família.
 - O projecto de Deus: unidade entre todos os homens (Jo 17, 21).
- Σ Valorizar as suas experiências de vida em grupo.
 - O valor da vida em grupo.

3. A ALEGRIA DE PARTILHAR

- Σ Identificar momentos de alegria por ter dado ou recebido alguma coisa.
- Σ Descobrir gestos de partilha nas pessoas que o rodeiam.
 - Momentos de alegria que nascem de gestos de partilha.
- Σ Conhecer o valor que Jesus dá aos gestos de partilha.
 - Jesus e o valor da partilha (Lc 21, 1-4).
- Σ Partilhar com os outros aquilo de que dispõe.
 - O empenhamento pessoal em gestos de partilha.

BLOCO 3 — DEUS PAI CRIOU-NOS

2.º ANO

1. FILHOS DE DEUS

- Σ Tomar consciência do que os filhos recebem dos pais.
 - Os benefícios recebidos dos pais.
- Σ Reconhecer que Deus é nosso Pai porque nos dá a vida.
 - Deus ama-nos e dá-nos a vida (1.ª Jo, 3, 1).
- Σ Manifestar alegria por ser filho de Deus.
 - A alegria de ser filho de Deus.

2. DEUS CONHECE-NOS PELO NOME

- Σ Descobrir a importância de ser conhecido pelo nome.
 - A importância do nome.
- Σ Reconhecer que Deus nos conhece pessoalmente.
 - Deus conhece profundamente cada pessoa (Sl 139, 1-2).
- Σ Manifestar alegria por ser conhecido por Deus.
 - Formas de exprimir a alegria por ser conhecido por Deus.

3. A NOSSA SEMELHANÇA COM DEUS

- Σ Verificar que a pessoa é capaz de pensar, descobrir, criar e amar.
 - As várias capacidades da pessoa: pensa, descobre, cria, ama.
- Σ Conhecer que somos criados à imagem de Deus.
 - Deus criou-nos à sua imagem (Gen 1, 26).
- Σ Agradecer a Deus sermos parecidos com Ele.
 - Manifestações de gratidão por ser parecido com Deus.

4. A PÁSCOA

- Σ Identificar a cruz como um sinal distintivo do cristão.
 - O significado da cruz para o cristão.
- Σ Reconhecer a Páscoa como a maior festa dos cristãos.
 - A Páscoa é a maior festa dos cristãos.
- Σ Conhecer que Jesus ressuscitado fica connosco para sempre.
 - Jesus vive connosco para sempre (Mt 28, 20).
- Σ Agradecer a presença de Jesus ressuscitado no meio de nós.
 - A gratidão pela presença de Jesus no meio de nós.

BLOCO 4 — JESUS ENSINA-NOS A VIVER

2.º ANO

1. O PERDÃO

- Σ Identificar situações de desentendimento motivadas pela falta de perdão.
 - O não perdoar provoca situações de desentendimento.
- Σ Verificar a necessidade do perdão nas relações mútuas.
 - O perdão é necessário entre as pessoas.
- Σ Reconhecer no Evangelho a mensagem do perdão.
 - Jesus ensina-nos a perdoar (Mt 18, 21-22).
- Σ Empenhar-se em perdoar aos outros no dia-a-dia.
 - O valor da atitude de perdão.

2. A VERDADE

- Σ Tomar consciência de momentos em que experimentou dificuldades em dizer a verdade.
 - Situações vividas em que foi difícil dizer a verdade.
- Σ Descobrir os motivos da dificuldade em ser verdadeiro.
 - As causas da mentira.
- Σ Reconhecer que a verdade é necessária ao crescimento de cada pessoa.
 - A verdade ajuda a crescer como pessoa (Ef 4, 15).
- Σ Manifestar apreço pela verdade.
 - A paz e a alegria de ser verdadeiro.

3. A PAZ

- Σ Identificar situações de união e de conflito.
 - Diferentes situações de união e de paz.
- Σ Descobrir algumas causas de situações de união e de conflito.
 - Causas da guerra entre as pessoas e os povos.
- Σ Descobrir os benefícios da união e da paz.
 - Os esforços para superar as situações de conflito e de divisão.
- Σ Conhecer o apelo de Jesus à paz e união entre todos.
 - Jesus faz apelos à paz e união entre todos (Mt 5, 9).
- Σ Empenhar-se em construir a paz à sua volta.
 - Formas concretas de construir a paz.

4. A GRATIDÃO

- Σ Identificar atitudes de gratidão.
 - As diferentes formas de agradecer.
- Σ Descobrir que a gratidão é fonte de alegria e de amizade.
 - A gratidão provoca alegria e cria amizade.
- Σ Conhecer o apreço de Jesus pelos gestos de gratidão.
 - Jesus aprecia a gratidão (Lc 17, 11-19).
- Σ Dar o valor aos gestos de gratidão.
 - O valor da gratidão.

BLOCO 1 — DEUS PAI CONVIDA-NOS A AMAR A VIDA

3.º ANO

1. A VIDA RECOMEÇA

- Σ Alegrar-se pelo recomeço das aulas e pelo reencontro com os colegas, professores e empregados.
 - A alegria do regresso à escola.
- Σ Descobrir as coisas novas que a escola oferece no campo da aprendizagem e na relação com os outros.
 - A novidade que a escola proporciona na aprendizagem e na relação com os outros (8 GE 5 § 1).
- Σ Empenhar-se em fazer da escola uma família feliz em que todos se ajudam.
 - O valor da colaboração na escola.

2. A ALEGRIA DE VIVER

- Σ Identificar motivos de alegria no dia-a-dia.
- Σ Reconhecer o que pode tornar as pessoas felizes.
 - A vida como fonte de alegria.
- Σ Desenvolver sentimentos de admiração pela vida.
 - A vida é dom de Deus.
- Σ Acolher o apelo de Jesus a viver contente.
 - Jesus ensina a alegria de viver (Jo 15, 11).
- Σ Colaborar para que outras pessoas experimentem a alegria de viver.
 - Formas de tornar os outros felizes.

3. A CRIAÇÃO

- Σ Descobrir o que há de belo no universo.
 - A beleza do universo.
- Σ Descobrir que há muitas coisas belas da Criação, invisíveis para os nossos olhos.
 - Há coisas belas que só se vêem com o coração.
- Σ Reconhecer que Deus é o autor de toda a Criação.
 - Deus é criador de todas as coisas (Gen 1, 26-28, 31).
- Σ Manifestar uma atitude de louvor a Deus por toda a criação.
 - O louvor a Deus pela Criação.

4. É IMPORTANTE TER AMIGOS

- Σ Identificar gestos de amizade nas pessoas que conhece.
 - Gestos de amizade entre as pessoas.
- Σ Descobrir o que é um verdadeiro amigo.
 - O que é ser amigo.
- Σ Reconhecer que os amigos contribuem para a nossa felicidade.
 - Com o amigo construímos a felicidade.
- Σ Reconhecer Jesus como «Mestre da Amizade».
 - Jesus é «Mestre da Amizade» (Mt 17, 4).
- Σ Manifestar alegria pelos seus amigos.
 - A alegria de ter amigos.

BLOCO 2 — O SILÊNCIO ABRE-NOS AOS OUTROS

3.º ANO

1. O SILÊNCIO

- Σ Descobrir os males provocados pelo barulho.
 - As consequências do barulho.
- Σ Descobrir razões para fazer silêncio no dia-a-dia.
 - A importância do silêncio.
- Σ Reconhecer a importância do silêncio e da interioridade.
 - O valor do silêncio na vida de Jesus (Mc 1, 35-37).
- Σ Manifestar apreço pelo silêncio na sua vida.
 - O apreço pelo silêncio.

2. O ADVENTO

- Σ Tomar consciência da maneira como esperamos os grandes acontecimentos.
 - A espera dos grandes acontecimentos.
- Σ Conhecer como Maria esperou a vinda de Jesus.
 - Maria e a preparação para o nascimento de Jesus (Lc 1, 47-49).
- Σ Conhecer o significado da palavra ADVENTO.
 - O significado da palavra ADVENTO.
- Σ Preparar-se com alegria e amor para a vinda de Jesus.
 - A vivência do Advento.

3. O NATAL

- Σ Identificar alguns valores do Natal.
 - Os valores do Natal.
- Σ Identificar a paz como mensagem de Jesus para as pessoas.
 - O nascimento de Jesus, mensagem de paz (Lc 2, 14).
- Σ Reconhecer a necessidade da colaboração pessoal para construir a paz.
 - O contributo pessoal para a construção da paz.
- Σ Realizar na escola uma acção colectiva que seja um apelo à paz.
 - Empenhamiento colectivo pela paz.

4. A FAMÍLIA

- Σ Descobrir formas de participar na sua vida familiar.
 - A participação na vida familiar.
- Σ Verificar formas de participar na sua vida familiar.
 - O bem-estar e a alegria na família.
- Σ Colaborar activamente na vida familiar.
 - Jesus e a sua participação na vida familiar (Lc 2, 51).
 - Atenção às necessidades dos membros da família.

BLOCO 3 — A COMUNICAÇÃO É FONTE DE VIDA

3.º ANO

1. A BÍBLIA

- Σ Descobrir o valor da palavra oral e escrita.
 - O valor da comunicação.
- Σ Reconhecer que a Bíblia contém a palavra de Deus para nós.
 - Na Bíblia Deus comunica connosco (Lc 11, 28).
- Σ Conhecer que a Bíblia está dividida em duas partes: o Antigo Testamento e o Novo Testamento.
 - O Antigo e o Novo Testamento.
- Σ Interessar-se pela Palavra de Deus contida na Bíblia.
 - O respeito e estima pela Palavra de Deus.

2. O DIÁLOGO COM DEUS

- Σ Identificar momentos em que sentimos mais necessidade de falar com alguém.
 - Necessidade de comunicação.
- Σ Conhecer alguns momentos em que Jesus falava com o Pai.
 - Jesus dialogava com o Pai.
- Σ Reconhecer a oração como um encontro de amizade com Deus.
 - A oração é diálogo de amizade com Deus.
- Σ Conhecer o Pai Nosso como a oração que Jesus nos ensinou.
 - Jesus ensina a rezar (Lc 11, 1-4).
- Σ Valorizar momentos de oração.
 - O valor da oração.

3. A IGREJA, CASA DE DEUS

- Σ Conhecer uma igreja no meio em que vive.
 - Igrejas conhecidas.
- Σ Identificar a igreja como um lugar onde os cristãos se reúnem para falar com Deus.
 - A igreja, lugar de encontro com Deus e com os outros.
- Σ Distinguir diferentes tipos de igrejas.
 - Diferentes tipos de igrejas.

- Σ Conhecer a importância do templo na vida de Jesus.
 - O respeito pela casa de Deus (Mt 21, 13).
- Σ Saber estar na igreja como lugar de encontro com Deus.

4. A PÁSCOA

- Σ Identificar pessoas que mostram um amor muito grande pelos outros, arriscando, por vezes, a própria vida.
 - Pessoas que arriscam a vida pelos outros.
- Σ Reconhecer o amor que Jesus tem por cada um de nós.
 - Jesus dá a vida por todas as pessoas (Jo 15, 13).
- Σ Conhecer o significado da Morte-Ressurreição de Jesus.
 - A Morte e a Ressurreição de Jesus.
- Σ Empenhar-se em dar a vida pelos outros no seu dia-a-dia.
 - Formas concretas de dar a vida pelos outros.

BLOCO 4 — SOMOS CHAMADOS A SERVIR OS OUTROS

3.º ANO

1. A ATENÇÃO AOS OUTROS

- Σ Descobrir a necessidade de nos ajudarmos uns aos outros.
 - A ajuda mútua é necessária.
- Σ Conhecer no Evangelho o sentido da solidariedade cristã.
 - Jesus diz o que é a solidariedade (Lc 10, 30-37).
- Σ Conhecer uma pessoa que concretizou, na sua vida, a mensagem evangélica.
 - Concretização da mensagem evangélica.
- Σ Empenhar-se em ajudar os mais próximos naquilo que precisam.
 - Empenhamento no serviço aos mais próximos.

2. O INTERESSE PELOS OUTROS

- Σ Identificar meios de comunicação social através dos quais conhecemos o que se passa no mundo.
 - Conhecimento do que se passa no mundo.
- Σ Reconhecer que os meios de comunicação social abrem a uma solidariedade universal.
 - A solidariedade universal (SRS 39 § 1).
- Σ Manifestar interesse pela vida de todas as pessoas.
 - Interesse pela vida dos outros.

3. SERVIR É SER CRIADOR

- Σ Identificar maravilhas que as pessoas realizam.
 - O homem e a sua capacidade criadora.
- Σ Reconhecer o valor das capacidades humanas.
 - A colaboração na obra criadora de Deus.
- Σ Reconhecer que as pessoas, pelo seu trabalho, continuam a obra criadora de Deus.
 - O projecto de Deus é o progresso do mundo (Ecli 17, 1-8).
- Σ Alegregar-se pelas próprias capacidades que lhe são dadas por Deus.
 - O apreço pelas próprias capacidades.

4. USAR BEM O TEMPO LIVRE

- Σ Tomar consciência de como vive habitualmente os tempos extra-escolares.
 - Os tempos extra-escolares.
- Σ Reconhecer os tempos livres como um meio de crescimento.
 - O bom aproveitamento dos tempos livres (GS 61 § 3).
- Σ Agradecer a Deus os tempos livres de que dispõe.
 - O louvor a Deus pelos tempos livres.

BLOCO 1 — DEUS CUIDA DE NÓS COM AMOR

4.º ANO

1. O VALOR DA VIDA

- Σ Identificar situações de respeito pela vida.
- Σ Descobrir os benefícios que resultam do respeito pela vida.
 - O respeito e a defesa da vida.
- Σ Reconhecer na mensagem cristã a dignidade da pessoa e a defesa da vida.
 - Jesus reconheceu em cada pessoa a sua dignidade (Lc 17, 11-16).
- Σ Manifestar uma atitude de respeito pela vida.
 - Formas de respeitar a vida.

2. SER PESSOA

- Σ Identificar algumas capacidades e valores em si e nos outros.
 - As capacidades e os valores de cada pessoa.
- Σ Reconhecer a complementaridade das pessoas.
 - A complementaridade na diversidade (1.ª Cor 12, 4-7).
- Σ Alegrar-se por ser como é.
 - Estima por si próprio.
- Σ Colaborar activamente para que os valores de cada um contribuam para o bem de todos.
 - Os valores de cada um para o bem da comunidade.

3. A JUSTIÇA

- Σ Identificar as necessidades fundamentais do ser humano.
 - Necessidades básicas do ser humano.
- Σ Verificar situações em que as necessidades básicas não são satisfeitas.
 - Pessoas sem condições dignas para viver.
- Σ Reconhecer que é vontade de Deus que todas as pessoas tenham o necessário para viver.
 - Deus quer que os bens necessários à vida cheguem a todas as pessoas (GS 69 § 1).
- Σ Apreciar as iniciativas de promoção humana e social.
 - Promoção humana e social.

4. A BÍBLIA

- Σ Conhecer globalmente o que está contido no Antigo e no Novo Testamento.
 - O Antigo e o Novo Testamento.
- Σ Saber utilizar os livros do Novo Testamento.
- Σ Conhecer o significado da palavra EVANGELHO.
 - Contacto com os quatro evangelhos.
- Σ Descobrir o que Jesus nos quer dizer através do Evangelho.
 - A Boa Notícia de Jesus e a salvação de todos os homens (Mc 1, 14-15).
- Σ Considerar o evangelho como um guia para a sua vida.
 - O valor do Evangelho na vida.

5. O NATAL

- Σ Tomar consciência de que todas as pessoas vivem acontecimentos que merecem ser festejados.
 - Acontecimentos dignos de festa.
- Σ Identificar o grande motivo de festa do Natal.
 - Natal — expressão do amor de Deus pelos homens (Jo 3, 16).
- Σ Reconhecer o Natal como festa do amor de Deus pelas pessoas.
 - Agradecimento pelo amor revelado por Deus.
- Σ Expressar alegria e gratidão pelo nascimento de Jesus.

BLOCO 2 — JESUS ENSINA-NOS A VERDADEIRA LIBERDADE

4.º ANO

1. A PALAVRA DE DEUS, LUZ PARA OS HOMENS

- Σ Verificar a importância da luz para a vida das pessoas e dos outros seres.
 - A importância da luz.
- Σ Reconhecer que Jesus é a luz do mundo.
 - Jesus é a luz do mundo (Jo 8, 12).
- Σ Descobrir nos ensinamentos de Jesus uma luz para a própria vida.
- Σ Alegrar-se por poder iluminar a sua vida com a Palavra de Jesus.
 - A Palavra de Jesus é luz na vida dos homens.

2. SER SOLIDÁRIO

- Σ Conhecer situações de carência no mundo.
 - Situações reais de carência no mundo.
- Σ Identificar alguns movimentos e organizações — locais, nacionais e internacionais — de ajuda fraterna.
- Σ Descobrir a importância das organizações de solidariedade na vida das pessoas.
 - Organizações de ajuda fraterna.
- Σ Reconhecer o valor que Jesus dá à vivência do amor ao próximo.
 - O valor que Jesus dá ao amor do próximo (Mt 25, 40).
- Σ Colaborar activamente numa acção de solidariedade na Escola ou no meio em que vive.
 - Formas concretas de solidariedade.

3. SER LIVRE E RESPONSÁVEL

- Σ Tomar consciência de situações em que procedeu bem e em que procedeu mal.
 - Diversas formas de proceder.
- Σ Distinguir o bom e o mau uso da liberdade.
 - O bom e o mau uso da liberdade.
- Σ Conhecer o apelo de Jesus à liberdade responsável.
 - Jesus dá-nos a verdadeira liberdade (Gal 5, 1).

- Σ Responsabilizar-se pelas suas decisões.
 - A responsabilidade das nossas decisões.

4. DESENVOLVER O SENTIDO CRÍTICO

- Σ Fazer uma análise crítica de um programa de televisão.
 - Diversidade de programas que a TV apresenta.
- Σ Reconhecer que nem todos os programas da TV ajudam a crescer.
 - Importância dos programas da TV no próprio crescimento (IM 2).
- Σ Escolher programas que ajudem nesta fase do seu crescimento.
 - Escolha de programas.

5. A PÁSCOA

- Σ Descobrir que da morte brota a vida.
 - Sem morte não há vida.
- Σ Conhecer que os Apóstolos deram testemunho da Ressurreição de Jesus.
 - A Ressurreição de Jesus e o testemunho dos Apóstolos (Lc 24, 13-25).
- Σ Descobrir que os cristãos são também chamados a viver a Vida Nova de Jesus.
- Σ Manifestar em situações concretas a Vida Nova.
 - Os cristãos e a Vida Nova de Jesus.

6. O DOMINGO

- Σ Verificar que o Domingo é um dia diferente dos outros dias da semana.
 - O Domingo é um dia diferente.
- Σ Conhecer o significado da palavra DOMINGO.
 - O significado da palavra DOMINGO.
- Σ Conhecer o Domingo como dia em que se celebra a Ressurreição de Jesus.
 - O Domingo e a Ressurreição de Jesus (Mt 28, 1-6).
- Σ Viver o Domingo com alegria.
 - Formas de celebrar o Domingo.

BLOCO 3 — O ESPÍRITO DE DEUS GERA A VIDA E A COMUNHÃO

4.º ANO

1. O ESPÍRITO SANTO

- Σ Identificar sinais da presença dos cristãos no mundo.
 - Os cristãos no mundo.
- Σ Conhecer que é pela força do Espírito Santo que, como os Apóstolos, somos testemunhas de Jesus Ressuscitado.
 - Os cristãos, pela força do Espírito Santo, testemunhas de Jesus Ressuscitado.
- Σ Conhecer o significado da palavra PENTECOSTES.
 - A palavra PENTECOSTES.
- Σ Reconhecer a transformação que o Espírito Santo realiza em cada um de nós.
 - O Espírito Santo transforma-nos (Jo 16, 13).
- Σ Agradecer a vinda do Espírito Santo.
 - A gratidão pela vinda do Espírito Santo.

2. A IGREJA

- Σ Verificar que o corpo tem muitos membros com funções diferentes, mas todos constituem um só corpo.
 - Diversidade de membros do corpo humano e suas funções.
- Σ Conhecer que na Igreja «formamos um só corpo».
 - Os cristãos formam um só corpo: A Igreja (1.ª Cor 12, 12-20, 27).
- Σ Identificar as diferentes funções dos membros da Igreja.
- Σ Descobrir o seu próprio lugar na Igreja.
 - Diferentes serviços dos membros da Igreja.

3. A Virgem Maria

- Σ Referir as datas mais importantes das festas de Maria.
 - Celebrações marianas.
- Σ Identificar os acontecimentos históricos relacionados com Maria.
 - Maria e os acontecimentos da História de Portugal.
- Σ Colaborar na celebração de uma festa de Maria.
 - O louvor à Virgem Maria (LG 66).

4. A ESCOLA

- Σ Identificar momentos em que se sentiu feliz na escola.
 - Momentos felizes na escola.
- Σ Reconhecer a importância que a mensagem de Deus, fonte de vida, teve no seu crescimento.
 - A mensagem de Deus e o próprio crescimento (GE 2).
- Σ Celebrar a vida que recebeu na escola.
 - O louvor pela experiência vivida na escola.

SUGESTÕES METODOLÓGICAS

A perspectiva pedagógica que preconizamos privilegia o processo de ensino/aprendizagem. Esta é considerada, antes de mais, como um processo saído do dinamismo interno daqueles e daquelas que aprendem, as quais são todas pessoas diferentes.

A aprendizagem é uma realidade complexa, e ainda o é mais no domínio religioso.

A pessoa é rica de capacidades e é chamada a desenvolver-se em contacto com a realidade que estimula o seu crescimento. Queremos suscitar os dinamismos internos dos alunos, postos a render pelo apelo à vivência, pelo desencadear de um estado de busca, pela participação, pela motivação...

A actividade do educador é também importante. Ele é acompanhante dos alunos na sua caminhada, o interpelador e a testemunha, chamado a viver o que se ensina.

Centramos a nossa atenção sobre a vivência dos alunos, os seus interesses, as suas capacidades e os seus ritmos diferentes de aprendizagem. Tendo os alunos como centro, não descuidamos, contudo, uma certa directividade, na medida em que elaboramos um programa por objectivos, que melhor nos parece corresponder às necessidades e aspirações das crianças desta idade.

Propomos como itinerário metodológico global:

Num primeiro momento, recorremos à experiência da criança, apresentada por ela mesma, É a primeira actividade de aprendizagem.

Num segundo momento, apresentamos a Palavra bíblica ou os Documentos do Magistério da Igreja. A experiência da criança é confrontada pela Mensagem Cristã, e esta também interrogada pela vida da criança.

Num terceiro momento, a criança é sensibilizada aos valores humano-cristãos, e decorre a atitude de vida a tomar.

Estes três momentos da aula, profundamente vividos por alunos e educadores, de uma forma dinâmica e com a participação activa dos alunos, constituem um todo harmonioso portador de novas convicções e de critérios cristãos para a vida.

GESTÃO DO PROGRAMA

1.º ANO		2.º ANO		3.º ANO		4.º ANO		Trimestres
TEMAS	Tempos lectivos ¹	TEMAS	Tempos lectivos ¹	TEMAS	Tempos lectivos ¹	TEMAS	Tempos lectivos ¹	
— A descoberta dos outros — A escola — A relação com os outros — A mãe de Jesus — Jesus nasce numa família	100 m 100 m 150 m 100 m 150 m	— A escola — A alegria de crescer — O trabalho — Os bens colectivos — O Natal	100 m 100 m 150 m 100 m 150 m	— A vida começa — A alegria de viver — A Criação — É importante ter amigos — O silêncio — O Advento — O Natal	50 m 100 m 100 m 100 m 100 m 50 m 100 m 100 m	— O valor da vida — Ser pessoa — A justiça — A Bíblia — O Natal	100 m 150 m 100 m 150 m 100 m	Setembro a Dezembro
— A família — A pessoa de Jesus — As pessoas comunitárias entre si — A Bíblia — A Criação — A Páscoa — A alegria	100 m 50 m 100 m 50 m 100 m 100 m 50 m	— A família — Uma grande família — A alegria de partilhar — Filhos de Deus — Deus conhece-nos pelo nome — A nossa semelhança com Deus — A Páscoa	50 m 100 m 100 m 50 m 50 m 100 m 100 m	— A família — A Bíblia — O diálogo com Deus — A Igreja, casa de Deus — A Páscoa	50 m 150 m 150 m 50 m 150 m	— A Palavra de Deus, luz para os homens — Ser solidário — Ser livre e responsável — Desenvolver o sentido crítico — A Páscoa — O Domingo	100 m 100 m 100 m 100 m 100 m 50 m	Janeiro a Março/ Abril
— A vida humana — Aprender a escolher — O valor do corpo	150 m 150 m 100 m	— O perdão — A verdade — A paz — A gratidão	100 m 100 m 150 m 100 m	— A atenção aos outros — O interesse pelos outros — Servir é ser criador — Usar bem o tempo livre	100 m 100 m 100 m 150 m	— O Espírito Santo — A Igreja — A Virgem Maria — A escola	100 m 150 m 100 m 100 m	Abril a Junho

¹ A distribuição do tempo é apresentada apenas como sugestão. Cada educador terá em conta as características e o ritmo dos seus alunos.

SIGLAS

- DV — **Dei Verbum** (Concílio Vaticano II — Constituição Dogmática sobre a Divina Revelação)
- GE — **Gravissimum Educationis** (Concílio Vaticano II — Declaração sobre a Educação Cristã)
- GS — **Guadium et Spes** (Concílio Vaticano II — Constituição sobre a Igreja no Mundo Contemporâneo)
- IM — **Inter Mirifica** (Concílio Vaticano II — Decreto sobre os Meios de Comunicação Social)
- LE — **Laborem Exercens** (Encíclica de João Paulo II — O Trabalho Humano)
- LG — **Lumen Gentium** (Concílio Vaticano II — Constituição Dogmática sobre a Igreja)
- SRS — **Sollicitudo Rei Socialis** (Encíclica de João Paulo II — A Solicitude Social da Igreja)

Nas citações bíblicas são utilizadas as abreviaturas comuns.

ÁREA-ESCOLA

O Despacho n.º 142/ME/90, de 1 de Setembro, define as linhas orientadoras da Área-Escola, que a seguir se transcrevem:

O Decreto-Lei 286/89, de 29 de Agosto, institucionaliza a Área-Escola como uma «área curricular não disciplinar», tendo por finalidades fundamentais a concretização dos saberes através de actividades e projectos multidisciplinares, a articulação entre a escola e o meio e a formação pessoal e social do aluno.

Com efeito, a Área-Escola, sendo de natureza curricular, organizando-se nesta fase de acordo com a redução correspondente de horas semanais das áreas disciplinares ou disciplinas, e visando o desenvolvimento de projectos aglutinadores dos saberes, surge como um espaço e um tempo propícios à realização plena da interdisciplinaridade. Deste modo, contribui para a concretização de um saber que se quer integrado e para o desenvolvimento do espírito de iniciativa e de hábitos de organização e autonomia dos alunos.

A concretização da interdisciplinaridade implica a abordagem e o tratamento de um tema, de um problema, de uma situação, numa perspectiva que se pode designar de transversal, enquanto aprofunda os objectivos comuns às diversas áreas disciplinares ou disciplinas, recorre aos seus métodos, e se harmoniza com os seus conteúdos programáticos.

Neste contexto, o desenvolvimento da Área-Escola implica necessariamente um trabalho conjunto, no qual participam não só todos os docentes que se proponham realizar o mesmo projecto, como também outros agentes educativos, designadamente pais e encarregados de educação, autarcas e representantes dos interesses sociais, culturais e económicos da região, valorizando-se, assim, a autonomia cultural e o papel da escola enquanto pólo de desenvolvimento da comunidade local.

A concretização da Área-Escola constituirá pois um estímulo permanente à iniciativa do estabelecimento de ensino, permitindo-lhe assumir progressivamente novas competências, nomeadamente nos domínios da gestão de currículos, programas e actividades educativas, da orientação, acompanhamento e avaliação de alunos, como expressões concretas da autonomia pedagógica que a reforma educativa pretende alcançar.

PLANO DE CONCRETIZAÇÃO DA ÁREA-ESCOLA

1.º

DEFINIÇÃO

A Área-Escola é uma área curricular, de natureza interdisciplinar e de frequência obrigatória.

2.º

FINALIDADE

As actividades a desenvolver no âmbito da Área-Escola visam, nomeadamente, atingir:

- a) A aquisição de saberes para os quais concorram diversas disciplinas ou matérias de ensino, sempre numa perspectiva interdisciplinar;
- b) A aquisição de instrumentos de trabalho, bem como o exercício das diferentes operações intelectuais, numa perspectiva de formação para a educação permanente;
- c) A sensibilização dos alunos para a importância das problemáticas do meio onde a escola se insere;
- d) A abordagem e tratamento de temas que, pela sua importância e acuidade, merecem a atenção e a colaboração da comunidade escolar;
- e) A integração dos conhecimentos veiculados pela chamada «escola paralela»;
- f) A ligação entre os saberes teóricos adquiridos ao nível das matérias de ensino ou das disciplinas e a sua aplicação prática;
- g) A concretização de actividades que promovam o desenvolvimento do espírito de iniciativa, de organização, de autonomia e de solidariedade, aspectos fundamentais da formação integral do aluno;

- h) A sensibilização dos alunos para a preservação dos valores da identidade nacional, no contexto da integração europeia;
- i) O exercício de uma cidadania responsável através de vivências que os órgãos de gestão pedagógica entendam de interesse.

3.º

ÂMBITO

1 — A Área-Escola desenvolve-se em todos os níveis e ciclos dos ensinos básico e secundário.

2 — O programa de Educação Cívica do 3.º ciclo do ensino básico será, de acordo com o n.º 5 do artigo 7.º do Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto, objecto de despacho específico do Ministro da Educação.

4.º

ORGANIZAÇÃO

Compete aos órgãos de direcção, administração e gestão dos estabelecimentos de ensino básico e secundário promover a concretização da Área-Escola, bem como assegurar a respectiva orientação pedagógica.

.....

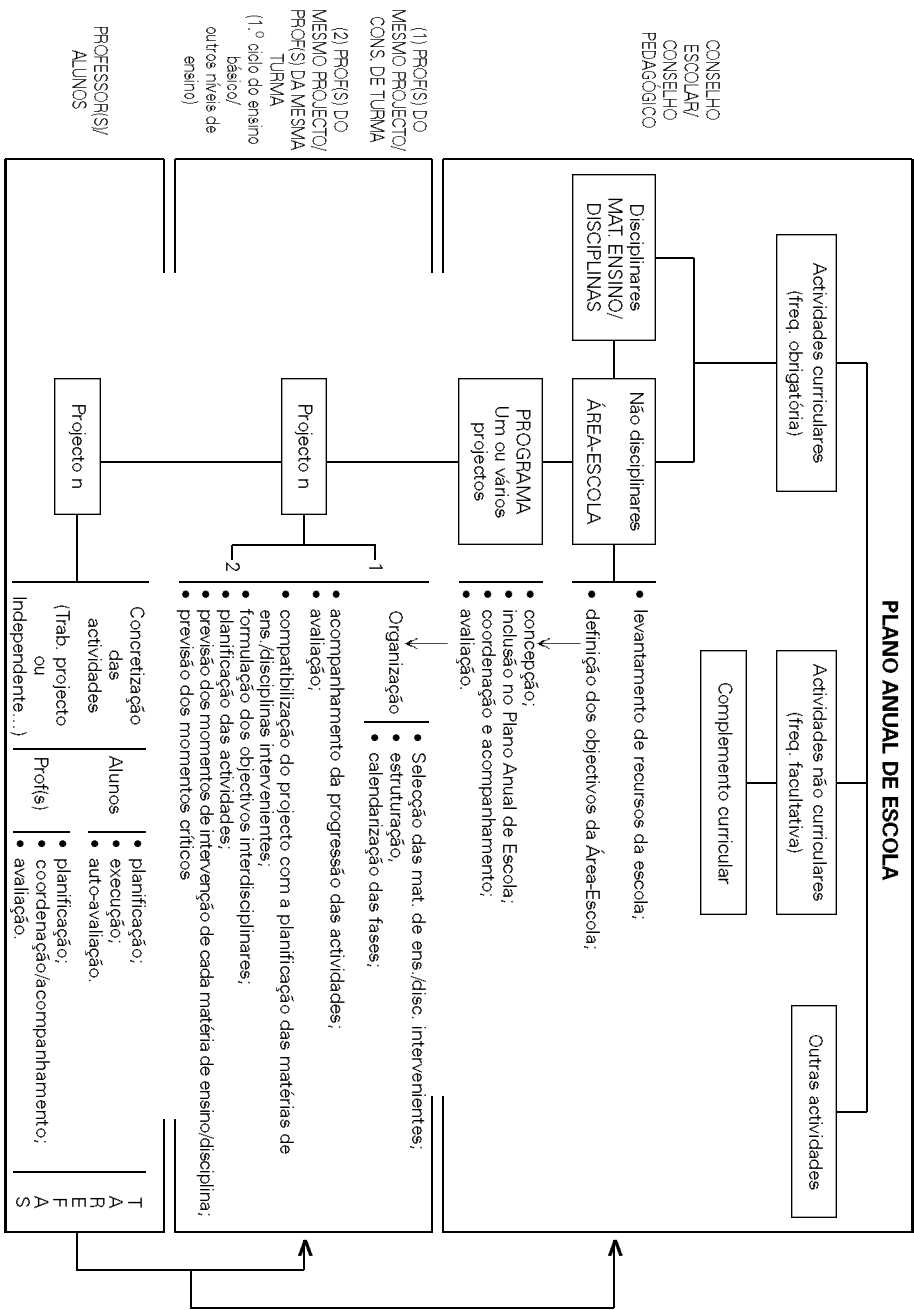
15.º

AVALIAÇÃO DO DESEMPENHO

1 — O desempenho dos alunos nos projectos da Área-Escola deve ser reflectido na classificação das matérias ou disciplinas que integram o projecto.

2 — O desempenho excepcional nos projectos da Área-Escola pode ser tido em conta na propositura para os quadros de valor e de excelência.

MODELO ORGANIZATIVO DA ÁREA-ESCOLA



ACTIVIDADES DE COMPLEMENTO CURRICULAR

O Despacho n.º 141/ME/90, de 17 de Agosto, define as linhas orientadoras da área de actividades de complemento curricular que, a seguir, se transcrevem:

A Lei de Bases do Sistema Educativo — Lei n.º 46/86, de 14 de Outubro — define como princípio subjacente à organização do sistema educativo a promoção da realização pessoal e comunitária dos educandos, através do pleno desenvolvimento da personalidade, da formação do carácter e da cidadania, proporcionando-lhes um equilibrado desenvolvimento físico.

Assim, consigna o artigo 48.º da Lei de Bases que as actividades curriculares dos diferentes níveis de ensino devam ser complementadas por acções — actividades de complemento curricular de âmbito nacional, regional ou local — directamente orientadas para o enriquecimento cultural e cívico, a educação física e desportiva, a educação artística e a inserção dos educandos na comunidade.

No intuito de desenvolver os princípios consagrados na Lei de Bases do Sistema Educativo, esta matéria foi especialmente contemplada, no âmbito do Decreto-Lei n.º 286/89, de 29 de Agosto — que aprova os novos planos curriculares dos ensinos básico e secundário —, prevendo-se, no artigo 8.º deste decreto-lei, que «os estabelecimentos de ensino organizarão actividades de complemento curricular, de carácter facultativo e natureza eminentemente lúdica e cultural, visando a utilização criativa e formativa dos tempos livres dos educandos».

Facilitando a concretização desta medida, torna-se necessário apoiar os estabelecimentos de ensino na organização e realização das actividades de complemento curricular, no momento em que se reforça o papel da escola como um pólo privilegiado de desenvolvimento local, como espaço aberto e de interacção com a comunidade envolvente.

Pretendendo-se, pois, no contexto da reforma educativa em curso incentivar o ressurgir de iniciativas locais que integram a educação e a cultura promovendo o acesso generalizado de todos os indivíduos a este vectores fundamentais do seu desenvolvimento, as actividades de complemento curricular surgem como uma das expressões mais ricas da autonomia cultural da escola, manifestada, designadamente, no reconhecimento e promoção dos valores e patrimónios culturais da região, no encontro das gerações e na integração social e comunitária de todos os indivíduos.

MODELO DE APOIO À ORGANIZAÇÃO DAS ACTIVIDADES DE COMPLEMENTO CURRICULAR

1.º

DEFINIÇÃO

1 — As actividades de complemento curricular constituem um conjunto de actividades não curriculares que se desenvolvem, predominantemente, para além do tempo lectivo dos alunos e que são de frequência facultativa.

2 — Em casos devidamente justificados como, designadamente, realização de projectos pedagógicos especiais em determinadas áreas disciplinares ou disciplinas, ou desenvolvidos no âmbito da Área-Escola, bem como sempre que ocorram interrupções na actividade lectiva, podem as actividades de complemento curricular ser desenvolvidas dentro do tempo lectivo.

2.º

NATUREZA E FINALIDADE

1 — As actividades de complemento curricular têm uma natureza eminentemente lúdica, cultural e formativa.

2 — A fim de proporcionar e facilitar a formação integral e a realização pessoal do educando, as actividades de complemento curricular a desenvolver são, designadamente:

- a) De carácter desportivo;
- b) De carácter artístico;
- c) De carácter tecnológico;

- d) De formação pluridimensional;
- e) De solidariedade e voluntariado;
- f) De ligação da escola com o meio;
- g) De desenvolvimento da dimensão europeia na educação.

3.º

ORGANIZAÇÃO

1 — A organização das actividades de complemento curricular apresenta como factor estruturante um grupo nuclear, de livre designação, que pode integrar alunos, professores, associações de alunos, especialistas e outros membros da comunidade.

2 — A proposta de projecto de cada grupo nuclear é apresentada ao conselho pedagógico e deve conter a indicação do responsável e a descrição da natureza e objectivos do projecto, da forma de organização interna, das actividades a desenvolver, do tempo semanal necessário, do número de participantes, dos recursos materiais humanos necessários e das formas e momentos de avaliação das actividades.

3 — O conjunto de projectos apresenta-se sob a forma de um programa que deve constituir parte integrante do plano anual da escola.

4 — O programa global de actividades de complemento curricular deve constar do plano anual da escola, a ser elaborado pelo conselho pedagógico.

.....

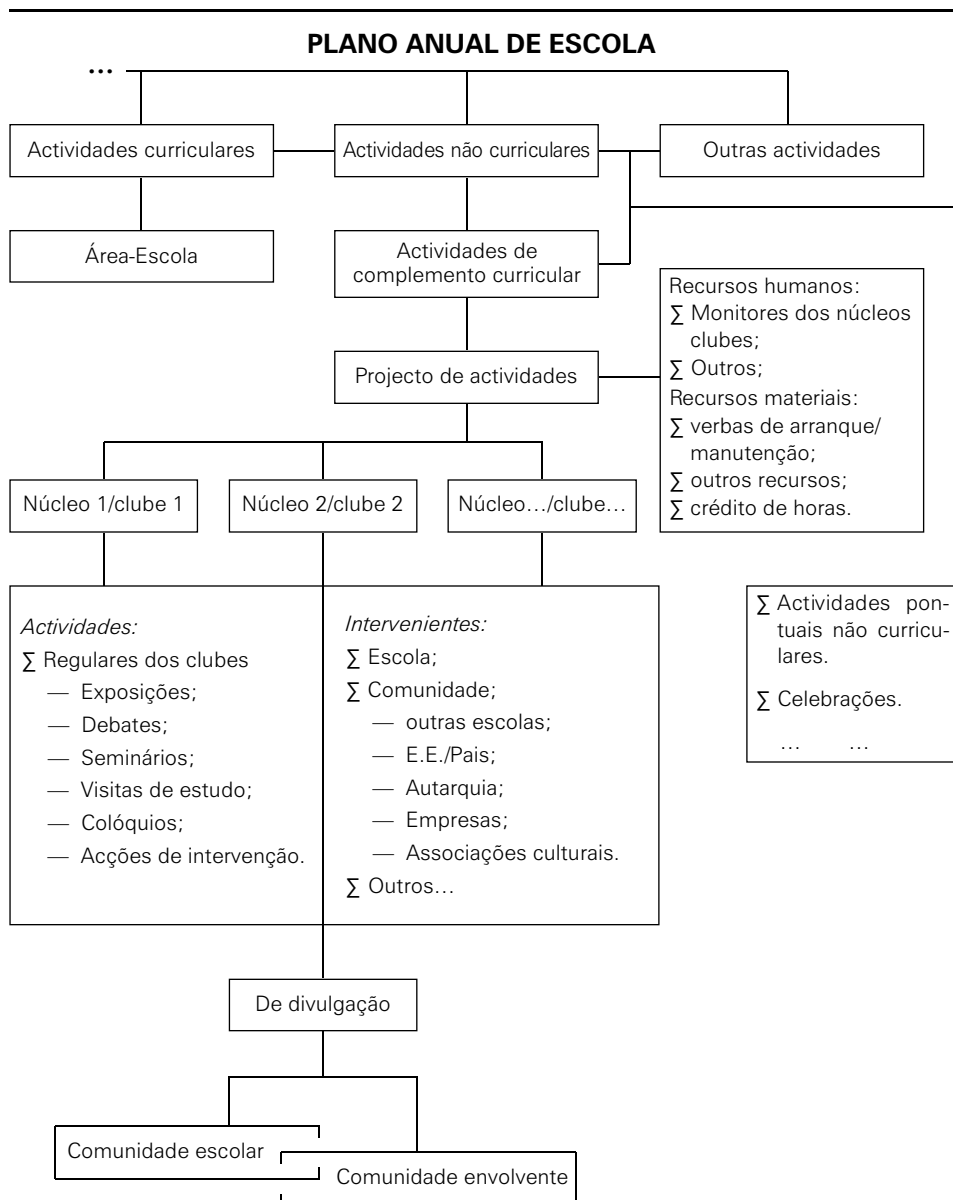
9.º

Avaliação

1 — Compete ao responsável por cada grupo nuclear elaborar, anualmente, relatório de avaliação a entregar ao órgão de administração e gestão, tendo em consideração a apreciação do trabalho realizado em função dos objectivos estabelecidos e o grau de envolvimento e interesse manifestado pelos participantes na concretização das actividades.

2 — O conselho pedagógico, na base do relatório apresentado pelo órgão de administração e gestão, avalia os resultados do programa de actividades e propõe eventuais reformulações.

PROPOSTA DE MODELO ORGANIZATIVO DAS ACTIVIDADES DE COMPLEMENTO CURRICULAR



SUGESTÕES BIBLIOGRÁFICAS

EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO FÍSICO-MOTORA, MUSICAL, DRAMÁTICA E PLÁSTICA

EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO FÍSICO-MOTORA

- BELBENOIT, G. (1976) – *O desporto na escola, técnica de educação*. Lisboa: Editorial Estampa.
- BENTO, J. (1987) – *Desporto “matéria” de ensino*. Lisboa: Ed. Caminho.
- BENTO, J. (1987) – *Para uma formação desportivo-cultural na escola*. Lisboa: Livros Horizonte.
- CABRAL, A. (1987) – *Jogos Populares no Ensino*. Vila Real. Centro Cultural Regional de Vila Real.
- Desporto Escolar (1995) – *Expressão e Educação Físico-Motora*. Programa ilustrado do 1.º CEB.
- LABAN, R. (1987) – *Domínio do movimento*. S. Paulo: Summus.
- WIERTSEMA, H. (1993) – *Cem Jogos de Movimento*. Lisboa: Coleções Práticas Pedagógicas, Edições ASA.

EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO MUSICAL

- CORTEZ, Maria Ritta Ortigão Pinto (1994) – *Cancioneiro de Serpa*. Serpa: Ed. da Câmara Municipal de Serpa.
- GUERREIRO, Carlos; MORAIS, D.; CAIADO, J. P. (1978) – *Sons para construir*. Lisboa: Plátano Editora.
- KANER, Etta (1993) – *Ciências com sons*. Lisboa: Godiva Júnior.
- MARTINS, Maria de Lurdes (1991) – *A criança e a Música – O livro do professor*. Livros Horizonte.
- MARTINS, Maria de Lurdes (1991) – *Canções tradicionais infantis*. Lisboa: Livros Horizonte.
- UNICEF (1991) – *Canções tradicionais infantis*. Lisboa: Ed. OIKOS.

EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO DRAMÁTICA

- BEJA, F. & Outros (1995) – *Drama pois!* Lisboa: Porto Editora.
- BARRET, Gisele (1997) – *Teatro Educação*. Lisboa: ASA Editora.
- COSTA, I. A. & BAGANHA, F. (1989) – *O Fantoches que ajuda a crescer*. Lisboa: ASA Editora.
- FAURE, G. & LASCAR, S. (1982) – *O jogo dramático na Escola Primária*. Lisboa: Estampa.
- LEQUEEUX, P. (1977) – *A criança criadora de espectáculos*. Porto: Família 2000.
- LEENHART, P. (1979) – *A criança e a expressão dramática*. Lisboa: Estampa.
- MATOS, M. G. (1994) – *Corpo, movimento e Socialização*. Rio de Janeiro: Editora Sprint.
- RINGAERT, J. P. (1981) – *O jogo dramático no Meio Escolar*. Coimbra: Centelha.
- SOUSA, A. (1986) – *Expressão Dramática*. Porto: Básica Editora.

EXPRESSÃO E EDUCAÇÃO PLÁSTICA

- BANK-JENSEN, J. – *Vamos Brincar com Papel*. Plátano Editora.
- GLOTON, R. (1978) – *A actividade criadora da criança*. Lisboa: Estampa.
- GONÇALVES, E. (1991) – *A Arte descobre a criança*. Lisboa: Raiz Editora.
- MUNARI, Bruno. – *Fantasia, invenção, criatividade e imaginação na comunicação visual*. Colecção “Dimensões”, Editorial Presença.
- READ, H. (1982) – *Educação pela Arte*. Lisboa: Edições 70.
- SCHMITT-MENZEL, Isolde – *Tecelagem com Papel e Lã*. Colecção “Mãos à Obra”, Verbo Difusão.
- STERN, A. (1974) – *Aspectos e técnicas da pintura da criança*. Lisboa: Livros Horizonte.

ESTUDO DO MEIO

- DUARTE, A. (1993) – *Educação patrimonial – guia para professores, educadores e monitores de museus e tempos livres*. Lisboa: Porto Editora.
- DUCAMP, J. (1997) – *Os direitos do homem contados às crianças*. Lisboa: Terramar.
- FERNANDES, J. A. (1985) – *Manual da educação ambiental*. Lisboa: CNA-GEPE.
- GOLD, C. (1995) – *Viagem pela ciência*. Lisboa: Gradiva.
- LEITE, E. & Outros (1990) – *Trabalho de projecto I e II*. Porto: Edições Afrontamento.
- ROLDÃO, M.^a C. (1995) – *O estudo do meio no 1.º ciclo: fundamentos e estratégias*. Lisboa: Texto Editora.
- SÁ, J. (1994) – *Renovar as práticas no 1.º ciclo pela via das Ciências da Natureza*. Lisboa: Porto Editora.
- WILLIAMS, R. & Outros (1995) – *Ciência para crianças*. Lisboa: Instituto Piaget.
- WOLLARD, K. & SOLOMON, D. (1995) – *Sabes porquê? O grande circo da Ciência*. Lisboa: Gradiva.

LÍNGUA PORTUGUESA

- CASTRO NEVES, M. & ALVES MARTINS, M. (1992) – *Materiais de Apoio aos Novos Programas: leitura e escrita, 1.º ano, 1.º ciclo*. Lisboa: Direcção-Geral dos Ensinos Básico e Secundário.
- CASTRO NEVES, M. & ALVES MARTINS, M. (1992) – *Materiais de Apoio aos Novos Programas: leitura e escrita, 2.º ano, 1.º ciclo*. Lisboa: Direcção-Geral dos Ensinos Básico e Secundário.
- CASTRO NEVES, M. & ALVES MARTINS, M. (1994) – *Descobrimos a Linguagem escrita: uma experiência de aprendizagem da leitura e escrita numa escola de intervenção prioritária*. Lisboa: Escolar Editora.
- JOLIBERT, J. (1991) – *Formar crianças Leitoras*. Porto: Edições ASA.
- JOLIBERT, J. (1994) – *Formando Crianças Escritoras*. Porto Alegre: Edições Afrontamento.
- NIZA, S. (Coord.) (1998) – *Da produção da escrita ao gosto pela leitura*. Lisboa: Ed. ME.

PENNAC, D. (1993) – *Como um Romance*. Porto: Edições ASA.

SMOLKA, A. (1991) – *A Criança na fase inicial da escrita*. S. Paulo: Cortez Editora.

MATEMÁTICA

GUSMANN, M. (1990) – *Aventuras Matemáticas*. Lisboa: Colecção O prazer da Matemática.

Institut National de Recherches Pédagogiques (1995) – *À descoberta dos números. Contar, cantar e calcular*. Lisboa: Edições ASA.

National Council Teachers of Mathematics (1994) – *Normas Profissionais para o ensino da Matemática*. Lisboa: APM, IIE.

PIRES, I. V. (1992) – *Sistema de Numeração*. ESE de Setúbal.

PIRES, I. V. (1992) – *Resolução de Problemas e Operações Aritméticas*. ESE de Setúbal.

PIRES, I. V. (1994) – *Matemática, Medições de Grandezas*. ESE de Setúbal.

SÁ, A. J. & LEITE, F. M. (1994) – *Clube de Matemática, Aventura da Descoberta*. Colecção Práticas pedagógicas. Edições ASA.

SERRAZINA, M. L. (1992) – *Ensino da Geometria*. ESE de Setúbal.

VOLKER, H. (1980) – *Como ensinar Matemática*. Lisboa: Livros Horizonte.

EDUCAÇÃO MORAL E RELIGIOSA CATÓLICA

A Bíblia de Jerusalém. Edições Paulinas.

A Bíblia para Crianças. Verbo.

Cassete *O Menino Jesus*. Autor: SNEC.

Catecismo da Igreja Católica.

Cd-Rom *O Menino Jesus*. Autor: Porto Editora.

Cd-Áudio *O Menino Jesus*. Autor: SNEC.

Documentação Conciliar Vaticano I.

Educar para a Liberdade e para o Amor. Conceitos e pedagogia. SNEC.

LUMEN – A Igreja nas Escolas Públicas, ano 50, série III, n.º 3, SGE.

SERRALHEIRO, Deolinda – *O Acto Educativo Religioso e Moral*. SNEC.

SERRALHEIRO, Deolinda – *A Leitura da Bíblia na Educação Cristã*. SNEC.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Departamento da Educação Básica

Av. 24 de Julho, 140-4.º 1391 Lisboa Codex

Tel.: (01) 397 70 71 397 91 31 397 71 81 Fax: (01) 397 80 82